

DIANE DAL MAGO

***QUER DIZER: PERCURSO DE MUDANÇA VIA GRAMATICALIZAÇÃO E
DISCURSIVIZAÇÃO***

**Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a
obtenção do título de Mestre em
Lingüística.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edair Maria Görski

**FLORIANÓPOLIS
2001**


TERMO DE APROVAÇÃO

DIANE DAL MAGO

QUER DIZER: PERCURSO DE MUDANÇA VIA GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

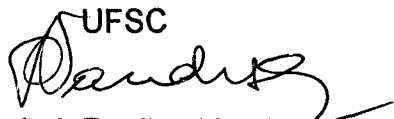
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, Setor de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora


Prof^ª. Dr^ª. Edair Maria Görski
UFSC


Prof^ª. Dr^ª. Odete Pereira da Silva Menon
UFPR


Prof^ª. Dr^ª. Izete Lehmkuhl Coelho
UFSC


Prof^º. Dr^º. Paulino Vandresen
UFSC

Florianópolis, 22 de fevereiro de 2001

AGRADECIMENTOS

À professora Edair M. Görski, pela orientação, pelo apoio, pelo incentivo, pelas (re)leituras, **quer dizer**, por toda a sua dedicação no decorrer deste trabalho.

Aos professores Paulino Vandresen e Izete Coelho, pelo incentivo e pela amizade sempre manifestos.

Ao 'povo varsulino' – Adriana Gibbon, Adriana Werner, Carla, Cláudia, Isabel (em especial, pelas palavras de incentivo e demonstração de amizade), Joana, Juçá, Márcio, Maria Alice, Marisa, Raquel e Simone, pelo companheirismo, pela ajuda e amizade.

À amiga Juçá, pelo auxílio na elaboração do abstract.

À minha família – Intelvino, Iracy, Anigeli, Adilson, Tamine e o pequeno Arthur, pelo carinho e incentivo.

Aos amigos Rita e Felício, pela demonstração de amizade, pelo apoio e pela leitura do texto, e à Rosângela, pelo companheirismo e amizade.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	V
LISTA DE TABELAS.....	V
RESUMO.....	Vi
ABSTRACT.....	Vii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO.....	3
1 O ESTATUTO GRAMATICAL DE ‘QUERER’, ‘DIZER’ E QUER DIZER.....	3
1.1 ‘Querer’ e suas nuances comportamentais.....	5
2 O QUE A LITERATURA LINGÜÍSTICA TEM POSTULADO SOBRE A EXPRESSÃO QUER DIZER.....	13
2.1 Sobre as funções discursivas.....	13
2.2 Sobre o rótulo “Marcador Discursivo”.....	21
CAPÍTULO II OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	26
1 OBJETIVO GERAL.....	26
1.1 Objetivos específicos.....	26
2 QUESTÕES E HIPÓTESES.....	26
CAPÍTULO III METODOLOGIA.....	34
1 A AMOSTRA.....	34
2 TRATAMENTO DOS DADOS.....	36
CAPÍTULO IV FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	38
1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO.....	38
1.1 Gramaticalização.....	41
1.1.1 Algumas definições.....	41
1.1.2 Princípios da gramaticalização.....	43
1.1.3 Reanálise.....	45
1.1.4 A unidirecionalidade na gramaticalização.....	46
1.1.4.1 Generalização.....	47
1.1.4.2 Processos ligados à unidirecionalidade.....	48
1.2 DISCURSIVIZAÇÃO.....	49
1.2.1 Marcadores discursivos.....	51
1.2.2 Como são demarcados e conceituados os marcadores discursivos.....	51
1.2.3 A posição dos marcadores discursivos.....	56
3 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	58
3.1 A gramaticalização e a variação.....	61
CAPÍTULO V O FUNCIONAMENTO DO QUER DIZER.....	63
1 FUNÇÕES DO QUER DIZER NO DISCURSO ORAL.....	63
1.1 Preliminares.....	63
1.2 Caracterização das funções do <i>quer dizer</i>	66
1.2.1 A macrofunção <i>significa</i>	67
1.2.2 A macrofunção <i>ou seja</i>	70
1.2.3 A macrofunção <i>aliás</i>	74

1.2.4 A macrofunção de <i>planejamento verbal</i>	78
1.3 O que seria este <i>quer dizer</i> ‘delimitador de constituintes’?	80
2 A RELAÇÃO DAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO QUER DIZER COM OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS.....	82
2.1 Escopo anterior e posterior ao <i>quer dizer</i>	82
2.2 Posição estrutural do <i>quer dizer</i>	87
2.3 Temática discursiva	91
2.4 Os gêneros discursivos	93
2.5 A presença ou não de pausa junto ao <i>quer dizer</i>	96
3 O USO DO QUER DIZER E OS CONTEXTOS EXTRALINGÜÍSTICOS.....	98
3.1 Região	98
3.2 Idade.....	101
3.3 Sexo	103
3.4 Escolaridade.....	105
CAPÍTULO VI <i>QUER DIZER</i> NO CAMINHO DA GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO	109
1 O PERCURSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA EXPRESSÃO QUER DIZER....	109
1.1 ‘Querer’ e ‘dizer’ como verbos plenos	110
1.2 ‘Querer’ como modal	110
1.3 ‘Querer’ como auxiliar.....	111
1.4 <i>Quer dizer</i> articulador textual.....	112
1.5 O princípio da persistência	114
1.6 O princípio da decategorização	115
1.7 Como ocorre o mecanismo da reanálise na expressão <i>quer dizer</i>	117
2 A EXPRESSÃO QUER DIZER RUMO À DISCURSIVIZAÇÃO	118
2.1 Articuladores textuais <i>versus</i> marcadores discursivos	120
3 HÁ UNIDIRECIONALIDADE NO CAMINHO DE MUDANÇA DO QUER DIZER?	122
4 GRAMATICALIZAÇÃO <i>VERSUS</i> VARIAÇÃO.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134
ANEXO.....	139

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - NÚMERO DE INFORMANTES E A SUA CARACTERIZAÇÃO SOCIAL.....	35
QUADRO 2 - NÍVEIS DE CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA.....	39

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO <i>QUER DIZER</i>	66
TABELA 2 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E O CONTEXTO ANTERIOR.....	84
TABELA 3 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E O CONTEXTO POSTERIOR	84
TABELA 4 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E A POSIÇÃO ESTRUTURAL	89
TABELA 5 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E A TEMÁTICA DISCURSIVA	92
TABELA 6 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E OS GÊNEROS DISCURSIVOS	94
TABELA 7 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E A PRESENÇA OU NÃO DE PAUSA.....	96
TABELA 8 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E AS REGIÕES ...	99
TABELA 9 - PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES EM CADA REGIÃO.....	100
TABELA 10 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> E A IDADE	102
TABELA 11 - PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES POR IDADE	103
TABELA 12 - CORRELAÇÃO DAS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> COM O SEXO DOS INFORMANTES	104
TABELA 13 - PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES POR SEXO.....	105
TABELA 14 - CORRELAÇÃO DAS FUNÇÕES DO <i>QUER DIZER</i> COM A ESCOLARIDADE.....	106

RESUMO

Nesta dissertação descrevemos o funcionamento discursivo da *expressão quer dizer* na fala, definindo suas funções e mostrando as etapas de mudança unidirecional no estatuto categorial de seus componentes: verbo pleno > modal > auxiliar > articulador textual > marcador discursivo. A pesquisa se insere no quadro teórico do Funcionalismo Lingüístico, especialmente no que tange aos paradigmas da *gramaticalização* e da *discursivização*, apoiando-se também na Teoria da Variação e Mudança Lingüística. Nesta perspectiva, isolamos os aspectos textuais e os interacionais que caracterizam a *expressão quer dizer*, vinculando aos primeiros a categoria de articulador textual, no terreno da *gramaticalização*, e aos últimos a categoria de marcador discursivo, no âmbito da *discursivização*. Os dados analisados provêm do Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil).

ABSTRACT

In this dissertation the discursive operation of the expression **quer dizer** in the speech, defining its functions and showing the stages of unidirectional change in the categorial statute of its components: full verb > modal > auxiliary verb > textual articulator > discursive marker. The research is inserted in the theoretical approach of the Linguistic Functionalism in what it plays to the paradigms of the grammaticalization and of the discursivization, also leaning on in the Theory of the Variation and Linguistic Change. In this perspective, we isolate the textual aspects and the interactional ones that characterize the expression **quer dizer**, linking to the first ones the category of textual articulator, in the scope of the grammaticalization, and to the last ones the category of discursive marker, in the ambit of the discursivization. The analyzed data come from the Project Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil).

INTRODUÇÃO

Com apoio teórico no Funcionalismo Lingüístico, especialmente no que diz respeito aos paradigmas da *gramaticalização* e da *discursivização*, e com respaldo da Teoria da Variação e Mudança Lingüística, procedemos ao estudo da *expressão quer dizer*, bastante recorrente na fala, a partir de levantamento de dados efetuado no Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), em entrevistas de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (SC), Porto Alegre e São Borja (RS), Curitiba e Londrina (PR).

O ponto central do trabalho diz respeito ao funcionamento de **quer dizer**, no que tange tanto à multiplicidade de funções discursivas desempenhadas por essa *expressão*, como ao movimento de mudança em seu estatuto categorial, propriedades que caracterizam os processos de *gramaticalização* e *discursivização*. A *gramaticalização* é entendida como a passagem de um item lexical para um gramatical, ou de um menos gramatical para um mais gramatical, ou ainda de algo mais concreto para um menos concreto (cf. Meillet (1965), Heine *et alii*, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Vincent *et alii*, 1993; Martelotta *et alii*, 1996; Castilho, 1997; Neves, 1997). A *discursivização* (ou pós-gramaticalização para alguns), por sua vez, é tida como um processo responsável pela mudança de elementos que passam a auxiliar na organização e na manutenção da interação do ato de enunciação, não estando ligado diretamente ao conteúdo deste ato (cf. Martelotta *et alii*; Vincent *et alii*).

Este olhar bipartido para o processo de mudança que envolve o **quer dizer** orienta especialmente a formulação de nossas principais questões e hipóteses, a discussão que fazemos em torno do rótulo marcador discursivo, bem como a proposta de quatro macrofunções discursivas para essa *expressão*, recobrando funções específicas tais como 'significar', 'esclarecer', 'atenuar', 'retificar', 'preencher pausas', dentre outras, caracterizadas pela expansão semântica associada à forma em estudo.

A dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro, descrevemos o fenômeno em estudo, com ênfase no estatuto gramatical que tem sido atribuído a 'querer', 'dizer' e **quer dizer**, e nas funções discursivas previstas, na literatura especializada, para esta *expressão*, especialmente a sua identificação como marcador discursivo. Esses aspectos são problematizados, derivando daí os objetivos, as questões e as hipóteses que orientam a investigação, apresentados no segundo capítulo.

O terceiro capítulo é reservado à metodologia, quando tecemos considerações sobre os métodos e os materiais utilizados para realizarmos esta pesquisa.

O quarto capítulo contempla o quadro teórico em que se insere este trabalho. Apresentamos os principais pressupostos funcionalistas, bem como os paradigmas da *gramaticalização* e da *discursivização*, situando já o **quer dizer** nesses processos de mudança. Discutimos a questão dos marcadores discursivos, estabelecendo uma distinção, com base em aspectos textuais e interacionais, entre articulador textual, função recoberta pela *gramaticalização* e marcador discursivo, função recoberta pela *discursivização*. A seguir, apresentamos em linhas gerais a Teoria da Variação e Mudança Lingüística e estabelecemos uma breve comparação entre *gramaticalização* e variação, mostrando a possibilidade de uma abordagem conjunta.

No quinto capítulo, destinado à análise e discussão dos dados, propomos quatro macrofunções (*'significa', ou seja, aliás e planejamento verbal*), que traçam o percurso de mudança do **quer dizer**: léxico > gramática > discurso; essas macrofunções recobrem nove funções, depreendidas a partir do contexto discursivo. Ainda nesse capítulo, estabelecemos correlações entre as diferentes funções do **quer dizer** e os contextos lingüísticos e sociais de sua ocorrência, mostrando que tanto um como outro contribuem para a caracterização dessas funções.

No sexto capítulo, expomos o percurso de mudança da *expressão quer dizer* por meio da *gramaticalização* e da *discursivização*, discutindo o estatuto de articulador textual e marcador discursivo. Além disso, fazemos uma breve análise da relação entre *gramaticalização* e variação.

Fecham a dissertação as considerações finais e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO

Este capítulo inicial busca caracterizar e problematizar o funcionamento do **quer dizer**, a partir dos dados e da literatura pertinente ao assunto. Primeiramente, apresentamos uma breve descrição da origem de ‘querer’ e ‘dizer’ e de seu comportamento como itens verbais, discutindo particularmente o estatuto de ‘querer’: verbo pleno, modal e auxiliar. A seguir, evidenciamos um leque de funções discursivas que a *expressão quer dizer*, não mais com estatuto verbal, vem desempenhando no discurso e analisamos a noção de marcadores discursivos, uma vez que **quer dizer**, destituído de seu estatuto verbal, é assim considerado na literatura especializada.

Para que haja uma adequação ao nosso fenômeno em estudo, propomos uma redefinição dos limites dos chamados marcadores discursivos (doravante MDs), e defendemos a necessidade de uma reclassificação das funções desempenhadas pelo **quer dizer** na língua falada (a partir das apresentadas na bibliografia comentada), com vistas a uma sistematização de seu funcionamento.

Este capítulo se organiza em duas seções: a primeira abordando o estatuto gramatical dos itens lingüísticos em questão, com destaque para as nuances comportamentais de ‘querer’; e a segunda trazendo uma breve revisão bibliográfica sobre as funções discursivas da expressão **quer dizer** e sobre a noção de MDs.

1 O ESTATUTO GRAMATICAL DE ‘QUERER’, ‘DIZER’ E QUER DIZER

Originado do latim *quaerere*, o verbo ‘querer’ significa, nesta língua, desejar, exigir, indagar, pensar, perguntar alguma coisa a alguém, inquirir, fazer inquérito judicial etc. Já ‘dizer’, *dicere* em latim, refere-se a falar, pronunciar, recitar, contar, narrar. (cf. Koehler, 1951)

Em alguns dicionários de língua portuguesa (Ferreira, 1986 e Michaelis, 1998, por exemplo), aos verbos ‘querer’ e ‘dizer’ são atribuídas várias significações:

- a) ‘querer’ - ter vontade de, ter a intenção de, desejar, projetar, tencionar, possuir ou adquirir, consentir, ordenar, requerer, necessitar de, vontade, intenção etc;
- b) ‘dizer’ - exprimir por palavras, enunciar, pronunciar, ensinar, significar, exclamar, narrar, mandar, ordenar, afirmar etc.

Vejamos alguns exemplos, extraídos de nosso *corpus*, (1), (3), (4), e elaborados por nós (2), das respectivas significações destes dois verbos.

- (1) Eu *quero* que ela arrume um emprego, uma coisa, porque enquanto a gente vive, a vida que ela teve sempre vai ter, né? (ter vontade de, desejar – SBO06, L239)¹
- (2) Eu *quero* a admissão de minha filha. (requerer, ordenar – exemplo nosso)
- (3) Ele sempre *dizia* que tudo o que eu fazia era bem feito. (enunciar, exprimir por palavras – POA24, L454)
- (4) Então ela *disse* pra mim: eu quero que tu fiques perto de mim. (contar, narrar – SBO06, L776)

Embora não dispomos de evidências históricas em nossa pesquisa, supomos que, com o passar do tempo, os verbos ‘querer’ e ‘dizer’ foram desenvolvendo outros usos concomitantemente com as designações originais, um dos quais resultou na seqüência **quer dizer**, de uso bastante generalizado na fala e que também surge na escrita, conforme os exemplos a seguir.

- (5) Dissemos antes que o assunto, o destinatário e o objetivo do texto são os fatores que determinam a seleção das idéias e sua seqüência no texto. Mas aqueles fatores determinam também outro aspecto fundamental do texto: a forma de linguagem. Isso **quer dizer** que não escrevemos usando sempre a mesma forma de linguagem. (Mandryk e Faraco, 1998, p.167)
- (6) O contingenciamento geral do orçamento das instituições públicas federais funcionou. As universidades berraram e recuperaram o orçamento, mas ficaram sem suplementação ... **Quer dizer**, mais uma vez houve exagero no saco de maldades. (Jornal Universitário – UFSC – 06/11/98)
- (7) Para fazer essas acepções, é fundamental determinar previamente para quem estamos escrevendo e com que finalidade. **Quer dizer**: nosso texto é sempre uma espécie de conversa que fazemos a distância com nosso(s) leitor(es), tendo um determinado objetivo em vista. (Mandryk e Faraco, 1998, p.137)
- (8) Pegar os genes de uma formiga e implantar em pessoas que não querem saber de trabalhar, mas como as formigas ... eles trabalhariam muito mais, aí acabaria com o desemprego, com isso acabaria com a fome, **quer dizer**, não sei se acabaria, mas diminuiria muito. (redação de vestibular – ACAFE/ 2001)

¹O código que segue o trecho da entrevista serve para identificá-la. Por exemplo, (SBO06, L239) = informante da cidade de São Borja, entrevista número 06 e linha 239. Os demais códigos de entrevistas que aparecerão são: FLP = Florianópolis, POA = Porto Alegre, CTB = Curitiba, BLU = Blumenau, CHP = Chapecó e LDN = Londrina. Os números que seguem são respectivamente, o da entrevista e o da linha onde se encontra o dado pesquisado. Nos casos em que aparecer um F e um E antes da informação, eles irão significar, respectivamente, informante e entrevistador.

1.1 ‘Querer’ e suas nuances comportamentais

Na seqüência **quer dizer**, o verbo ‘querer’ parece ser o que mais deve ser discutido, pois é a partir dele que vamos definir qual é o papel desta combinação de itens em nosso trabalho. Os aspectos comportamentais deste verbo são variados, como:

- a) verbo pleno – carrega a significação original (ter vontade, desejar) – exemplo (1)
- b) verbo modal – juntamente com outro verbo (pleno) forma uma seqüência verbal como em ‘Selma, eu *quero* casar contigo’ (CHP20, L242), mantendo fortes traços de sua significação original²;
- c) verbo auxiliar³ – juntamente com um verbo pleno forma uma locução verbal, conforme o exemplo (5), sendo praticamente destituído de sua carga semântica original;
- d) por fim ‘querer’ perde suas características verbais e, agregado a ‘dizer’, torna-se uma expressão relacional, como nos exemplos (6), (7) e (8).

Primeiramente vamos ver como é abordada, na literatura, a questão da auxiliariade em relação a este verbo. Há alguns gramáticos que consideram o ‘querer’ como um auxiliar. Dentre eles podemos citar Said Ali (1957), Rocha Lima (1988) e Bechara (1983), que o tratam como um *auxiliar modal*.

Observemos os dois exemplos (nossos) que seguem em que ‘querer’ teria traços de auxiliar modal (indicando vontade/desejo).

(9) Eu *quero* escrever uma carta.

(10) *Queríamos* comprar uma casa .

Num primeiro momento (analisando os exemplos acima), pode-se pensar que a seqüência de ‘querer’ mais ‘dizer’ formaria uma locução. Entretanto, levando-se em conta o conceito de locução postulado por alguns autores, dentre eles Rocha Lima (1988), Camara Jr. (1998), Ferreira (1986), como *a reunião de vocábulos que constituem apenas uma unidade*

²De acordo com Camara Jr. (1985), o futuro de formas volitivas (que indicam vontade, desejo) e subjuntivas advém de formas modais. Isso já ocorria no latim clássico e vulgar. Portanto, se o futuro é resultante de formas modais ainda no latim, isso significa que o verbo modal não se distancia muito do pleno, e a sua manifestação parece que se dá bem próximo a esta categoria plena.

³ Neste trabalho estabelecemos uma diferença entre o ‘querer’ modal de intenção ou desejo e o auxiliar, este sem carga semântica de modalidade, conforme discutiremos mais adiante.

significativa, percebemos que tal denominação nem sempre se aplica ao **quer dizer**. Examinemos o que ocorre nos exemplos (11) a (13) que seguem.

(11) E - E foi bom o período de namoro, assim? Como é que era? Conta pra mim, assim.

F - Ah, é sempre normal o namoro. Porque naquele tempo lá era mais sério o namoro, (hes) não é que nem agora. Naquele tempo era sério aí, se respeitava um com outro até o fim.

E - E vocês passeavam bastante?

F - Passeávamos.

E - E a família dela gostava do senhor, normal?

F - Gostava.

E - Apoiavam o namoro?

F - Ih, apoiaram o namoro aí. Até ela **quis dizer** que não no começo, mas na verdade era- Quer dizer que nós começamos namorar assim, ela dizia que não estava muito querendo aceitar. (CHP14, L282)

(12) Quer dizer que fui criada num sistema muito antigo, não **quero dizer** arcaico. (CTB24, L779)

(13) Até faleceu o mais gordo, que quando na realidade, quer dizer, dizendo assim a gente **quer dizer** que não acredita, porque um pesou um quilo e meio e outro pesou quatrocentos e cinquenta gramas. (CHP14, L357)

Em (11), (12) e (13) o **quer(o) dizer** apresenta sentido de ‘desejar falar algo’. Nestes casos o verbo ‘querer’ apresenta traços modais⁴ de intenção. Apesar de sintaticamente integrados, ‘querer’ e ‘dizer’ mantêm uma certa autonomia semântica e ‘dizer’ pode ser entendido como objeto de ‘querer’. Nestes casos não temos uma locução, mas dois verbos semanticamente plenos, com marcação de pessoa no primeiro, seja através do sujeito expresso (ela, a gente), seja pela flexão do verbo (quero).

Note-se que, em contextos deste tipo, o sujeito da oração é normalmente [+ humano] e [+ intencional]. Nos três exemplos acima o sujeito de ‘querer’ é correferencial ao sujeito de ‘dizer’, isto é, refere-se à mesma entidade discursiva. A correferencialidade é uma das características dos verbos emotivos, que também costumam exprimir julgamentos de ordem pessoal, como ilustram (11), (12) e (13). (cf. Martelotta, 1998)

Este aspecto de correferencialidade é destacado por Givón (1993, 1995), quando ele caracteriza os verbos de modalidade⁵, afirmando que *want* (‘querer’) é um exemplo típico

⁴ Nestas ocorrências parece que o **quer dizer** assume uma posição de modalizador do discurso, como em (12), por exemplo, quando a informante, ao falar “não quero dizer arcaico”, está amenizando o que dissera anteriormente, ou seja, o fato de ter sido criada num sistema muito antigo.

⁵ Em 1995, ao falar sobre modalidades proposicionais, Givón (p.115) disse que, em termos gerais, a definição de modalidade pode ser formulada a partir do contraste entre o *realis* e o *irrealis*. Ou seja, entre eventos que são tidos como certos, verdadeiros – verdade factual - e outros que são possíveis, desejáveis, respectivamente.

(*Mary wanted to leave*), podendo exprimir uma modalidade *realis* ou *irrealis*, como em ‘Eu quero comprar uma casa’ (*realis*) e ‘Queríamos que nossos amigos fossem à festa’ (*irrealis*).

Para Givón (1993), os sujeitos da oração principal, cujo verbo é de modalidade, são correferenciais aos sujeitos da oração complemento, sendo que o verbo deste complemento encontra-se no infinitivo, conforme os exemplos citados acima. Observe-se que Givón trata os verbos de modalidade (correspondentes ao que estamos considerando verbo modal) como integrando uma cláusula, desta forma não se apresentam formando locução.

Além disso, para que a seqüência ‘querer’ mais ‘dizer’ fosse considerada uma locução verbal⁶, o verbo ‘querer’ deveria ser um auxiliar. Este último é definido, de acordo com Cunha (1994, p.371), como aquele que perdeu o seu significado próprio ao se juntar com outro verbo (o verbo principal), sendo que este mantém a sua significação plena. Como vimos em (11), (12) e (13), ‘querer’ não perdeu seu significado modal de intenção, portanto não seria um auxiliar, nos termos em que este foi definido acima.

Para muitos autores como Camara Jr. (1970), Pontes (1973), Givón (1984, 1995) e Costa (1995), ‘querer’ não é um auxiliar. Vejamos porque eles postulam isso.

De acordo com Camara Jr., somente podemos considerar auxiliar o verbo que sofreu *gramaticalização*, entendida como um processo que consiste na transformação de vocábulos lexicais em gramaticais.

“É má técnica de descrição gramatical considerar formas perifrásticas⁷ a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é uma das duas significações (ex: *quero sair*) e não houve a gramaticalização do primeiro verbo.” (Camara Jr., 1970, p.118-119)

Assim, para o autor, a distinção entre locução verbal e uma simples seqüência de dois verbos dá-se a partir da *gramaticalização*, considerando-se também a evolução semântica do verbo, não havendo locução verbal quando os dois verbos guardam a sua significação plena (como em (11), (12) e (13)), somente quando resultar em um único sentido. Nessas condições, para Camara Jr., e também para nós, ‘querer’ não é auxiliar.

⁶ Conforme Rocha Lima (1988), Bechara (1983) e Cunha (1989), uma locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais um principal.

⁷ Formas perifrásticas são expressões sintáticas em que “um vocábulo auxiliar toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal – conjugações perifrásticas”. (Camara Jr., 1970, p.191)

Pontes (1973, p.85) diz que os verbos que são chamados de auxiliares modais (como o ‘querer’), por alguns autores, são na verdade apenas transitivos, em que o objeto pode ocorrer com uma oração no infinitivo. Segundo a autora, o ‘querer’ não é um auxiliar por três motivos principais:

- a) porque não ocorre nos mesmos contextos em que aparece como verbo simples: *⁸‘A pedra *quer* quebrar’ – ‘A pedra *quebrou*’ (p.84);
- b) porque não combina com um sujeito qualquer ([- humano], por exemplo): *‘As flores *queriam* passear’ (exemplo nosso);
- c) porque ele não aceita o teste da passiva, não admitindo a anteposição do complemento do verbo principal: ‘*Quero* comprar um livro’ – * ‘Um livro *quer* ser comprado por mim’ (exemplos nossos).

Analisando os verbos que entram na categoria de auxiliares, Givón (1984, 1995) ressalta que a questão da auxiliaridade está relacionada à integração sintática e semântica, considerando que somente os verbos com maior integração estão mais próximos da categoria de auxiliares. Para que ocorra esta integração, há alguns critérios a serem observados:

- a) a correferencialidade do sujeito;
- b) grau de abstratização do verbo1 (verbo auxiliar);
- c) possibilidade de o complemento do verbo2 (verbo principal) tornar-se sujeito de uma estrutura passiva;
- d) obrigatoriedade de o verbo2 aparecer no infinitivo, gerúndio ou particípio;
- e) ausência de marca de tempo no verbo2.

Quando um verbo não está totalmente gramaticalizado⁹ ele ainda exerce restrições semânticas sobre o seu sujeito. Assim, o paciente do verbo2 não é admissível, semanticamente, como sujeito do verbo principal; por isso, de acordo com Givón (1995), verbos desse tipo não podem ser chamados de auxiliares. É o que ocorre com alguns que têm valores modais, como o ‘querer’, por exemplo, que não pode ser chamado de auxiliar em alguns casos porque mantém traços lógico-semânticos mais concretos (justamente por não ter sido gramaticalizado ainda) e não aceita um sujeito marcado pelo traço [- animado], haja vista

⁸O asterisco (*) é usado para fazer referência a sentenças que são consideradas agramaticais.

⁹ Nos capítulos subseqüentes falaremos mais sobre o que vem a ser a *gramaticalização* propriamente. Por ora, podemos dizer que é a passagem de itens lexicais ou menos gramaticais para mais gramaticais, podendo, a partir disso, ocorrer o desenvolvimento de várias funções.

que ele sofreria alteração do sentido original ou a construção se tornaria incoerente, como é o caso da passiva, em (15) (exemplos nossos).

(14) Maria *quer* colocar a casa em ordem.

(15) *A casa *quer* ser colocada em ordem por Maria.

De acordo com o que Givón (1995, p.120) postula, os ‘auxiliares modais’ pertencem a uma categoria distinta dos verbos de modalidade (já comentado anteriormente), sendo “operadores indutores de *irrealis*”, induzindo à interpretação do enunciado como *irrealis*. Para o autor, *want* (‘querer’) é um verbo de modalidade e não um auxiliar modal. Esta última categoria recobre, no inglês, *will*, *can*, *should*, por exemplo.

Reafirmamos que a denominação givoniana de ‘verbo de modalidade’ corresponde ao que designamos ‘verbo modal’, o que é diferente de ‘auxiliar modal’. Postulamos que ‘querer’ pode funcionar como modal em alguns casos (conforme já explicitamos), ou como auxiliar em outros, como abordaremos adiante.

Também para Costa (1995), o verbo ‘querer’ é um modal, mas não é um auxiliar. Ela postula isso baseada nos argumentos de Givón apresentados anteriormente. De acordo com a autora (p.180), ‘querer’ passa por um processo de abstratização por meio da *gramaticalização*, que o leva a ser não um auxiliar, mas um possível marcador discursivo, afastando-se do seu conteúdo lexical básico.

Vejamos dois exemplos do verbo ‘querer’ apresentados por Costa, primeiramente, como um modal (‘ter desejo’) e depois como marcador discursivo de retificação¹⁰ junto com o ‘dizer’, formando a seqüência verbal **quer dizer**, afastando-se de seu valor modal.

(16) Então eu acho que... Você *quer* ver um negócio gozadíssimo? A minha garotinha menor, a I. C. outro dia ela chegou em casa veio dizendo... Ela tem, ela *queria* muito, eu perguntei pra ela: Você *quer* fazer? E tal e ela: Olha, mamãe eu vou crescer um bocadinho, eu *quero* fazer um negócio que eu acho lindo... (p. 170)

(17) Bom, eu tenho a impressão, **quer dizer**, pra início de conversa, eu acho que, na época em que eu fiz pedagogia, havia uma dicotomia bastante grande. (p.171)

Os autores acima mencionados apresentam pontos em comum quanto à definição de um verbo ser ou não um auxiliar. O teste da construção passiva (para Pontes e Givón), usado

¹⁰ Alertamos o leitor para o fato de que estamos apenas reproduzindo as idéias da autora. Em nossa análise posterior, o **quer dizer**, do exemplo (17), não será considerado MD.

para os verbos transitivos diretos, e/ou a verificação da integração sintática e semântica entre os dois verbos combinados são os requisitos básicos para essa constatação. Parece que nem sempre estes requisitos se aplicam ao verbo ‘querer’, podendo tal verbo ser considerado como pleno, nesses casos. Portanto, de acordo com estes linguistas, não teríamos uma locução em (11), (12) e (13), em virtude de o verbo não ser um auxiliar.

Propomos, no entanto, que existem casos em que ‘querer’ funciona como um auxiliar e não como modal. Em nosso *corpus* de análise encontramos ocorrências em que este verbo comporta-se como auxiliar¹¹, formando uma locução verbal juntamente com ‘dizer’, como no exemplo (5) já apresentado. Vejamos também (18) e (19).

(18) Eu fazia comboio. Comboio **quer dizer** tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá. (FLP06, L21)

(19) De vez em quando passavam por lá, achávamos que nós estávamos numa casa grande, casa grande não **quer dizer** que tu tenhas tudo. (SBO22, L221)

Em (18) e (19) temos um verbo auxiliar (‘querer’) e um verbo principal (‘dizer’), visto não ser possível separar ‘querer’ de ‘dizer’, pois ambos constituem apenas uma unidade significativa, portanto uma locução, havendo uma maior integração sintática e semântica entre estes verbos. ‘Querer’, nestes dois casos, expressa um valor menos intencional, classificando-se como verbo efetivo, definido como aquele que realiza o processo contido no verbo principal, sendo conhecido como auxiliar. Assumindo o ‘querer’ este valor, **quer dizer** pode funcionar como sinônimo de significar, havendo a possibilidade de intercambiar a seqüência verbal em (18) e (19) pela palavra ‘significa’. Além disso, o sujeito da locução perde os traços de [+ humano] e [+ intencional]. (cf. Martelotta, 1998)

A partir das considerações feitas, vemos que a forma composta **quer dizer** pode funcionar em alguns casos como locução (como em (18) e (19)) e em outros não, quando o verbo ‘querer’ não se caracteriza como um auxiliar, mas como um modal (como em (11), (12) e (13)).

Num breve resumo do que já foi discutido, podemos observar tratamentos distintos dispensados por diferentes autores a ‘querer’: de um lado, Said Ali (1957), Rocha Lima (1988) e Bechara (1983) afirmam que ‘querer’ é um auxiliar modal; de outro lado, Camara Jr.

¹¹O verbo ‘querer’ parece se comportar como auxiliar apenas diante do verbo ‘dizer’, conforme os exemplos (18) e (19).

(1964), Pontes (1973), Givón (1995) e Costa (1995) não atribuem a ‘querer’ o estatuto de auxiliar, mas, respectivamente, o de verbo pleno, transitivo, de modalidade e modal.

Nesta dissertação, conforme já enfatizado, tratamos ‘querer’ como um verbo modal (correspondente a verbo de modalidade para Givón) e auxiliar, dependendo do contexto de sua ocorrência. Em ambos os casos, o estatuto gramatical da combinação **quer dizer** (modal + infinitivo ou auxiliar + infinitivo) é sempre verbal. No entanto, verificamos que o maior número de ocorrências encontrado na fala corresponde a casos como os já exemplificados em (6), (7) e (8), rerepresentados abaixo, em que a seqüência muda seu estatuto categorial, funcionando como elemento relacional.

- (20) O contingenciamento geral do orçamento das instituições públicas federais funcionou. As universidades berraram e recuperaram o orçamento, mas ficaram sem suplementação ... **Quer dizer**, mais uma vez houve exagero no saco de maldades. (Jornal Universitário – UFSC – 06/11/98)
- (21) Para fazer essas acepções, é fundamental determinar previamente para quem estamos escrevendo e com que finalidade. **Quer dizer**: nosso texto é sempre uma espécie de conversa que fazemos à distância com nosso(s) leitor(es), tendo um determinado objetivo em vista. (Mandryk e Faraco, 1998, p.137)
- (22) Pegar os genes de uma formiga e implantar em pessoas que não querem saber de trabalhar, mas como as formigas ... eles trabalhariam muito mais, aí acabaria com o desemprego, com isso acabaria com a fome, **quer dizer**, não sei se acabaria, mas diminuiria muito. (redação de vestibular – ACAFE/2001)

Esse tipo de dados é que fará parte da análise central desta dissertação. Os exemplos com estatuto verbal se constituirão como ponto de referência para tentar explicar uma possível trajetória de mudança do **quer dizer**.

A partir das observações feitas em nosso *corpus* de análise, dadas as características diferenciadas associadas à seqüência **quer dizer**, parece-nos que a denominação mais adequada para esse elemento lingüístico, destituído de seu estatuto verbal, seria *expressão*. Uma expressão pode ser entendida, em termos amplos, como um elemento dotado de valor semântico que foge aos padrões estabelecidos pelas gramáticas em geral por estar presente mais freqüentemente na fala e ser de uso mais comum entre os falantes, visando exteriorizar ou expressar um estado mental na enunciação lingüística (cf. Camara Jr., 1998). A denominação *expressão* é mais genérica e neutra que locução, pois esta última, conforme já vimos, apresenta algumas restrições gramaticais. Os exemplos (23) e (24) abaixo (extraídos de nosso *corpus*) ilustram o que denominamos de *expressão*, assim como (20), (21) e (22) rerepresentados acima.

(23) F- ... era um colégio muito rígido na disciplina, na educação eles exigiam muito dos alunos. O momento que você entrava dentro do corredor do colégio, ali você não podia conversar mais.

E- Nossa!

F- Então **quer dizer** que você ali um colégio que tinha disciplina, né? ... A partir que a gente entrava no corredor do colégio não podia mais conversar, e na sala de aula então nem se diz, né? **quer dizer** que a atenção tinha que ser toda pra aula, né? e de hora em hora trocava de professores e eu acho que os professores também eram muito rígidos. (LDN10, L150)

(24) A gente no tempo de criança tinha uma lagoa, onde a gente ia pescar, ia tomar banho, tudo. Hoje não, hoje já não existe mais nada disso. Tinha aeroporto municipal aqui que a gente pegava e gostava de ir lá pra ver aviões chegarem, imagina. Coisa tão diferente pra nós, parecia um bicho de sete cabeças. Então existia muito mato aqui em cima. Hoje não existe mais nada, né? **quer dizer**, isso é o progresso que fez acontecer esse tipo de coisa, essa destruição. Então é isso que está acontecendo com a nossa natureza, né? e com isso vem mudando o próprio clima, o clima nosso. (CHP10, L1294)

Em (23) e (24) podemos perceber que a *expressão* destacada não se apresenta como uma obrigatoriedade exigida pelas regras gramaticais, mas funciona mais especificamente como um elemento de realização opcional, que faz parte do ato discursivo do falante. Em (23), apesar da seqüência **quer dizer** vir seguida de **que**, indicador sintático de subordinação, o que a aproxima do valor de 'significar' (conforme ilustrado em (5), (18) e (19)), não temos um candidato a sujeito de **quer dizer**, comportando-se essa *expressão* mais como um elemento relacional do que verbal. Em (24) é mais nítida a ausência de traços verbais em **quer dizer**. Em nenhum desses casos parece estarmos diante de uma seqüência de dois verbos, seja o primeiro modal ou auxiliar, tendo em vista que **quer dizer** parece não mais exibir as características verbais propriamente ditas.

Ao se distanciar de seu estatuto gramatical de verbo, a *expressão quer dizer* passa a desempenhar outras funções que são atribuídas pelo falante no contexto discursivo. Identificar e caracterizar essas funções, bem como traçar um possível percurso de mudança, coloca-se como o objetivo central desta dissertação.

Após esta breve descrição do funcionamento dos verbos 'querer' e 'dizer' e da *expressão quer dizer*, a título de caracterização do nosso objeto de estudo, passamos a apresentar a posição de diversos autores acerca da análise dessa *expressão*¹², e a

¹² Conforme acabamos de expor, são visíveis as diferenças entre o que denominamos de *expressão* e a seqüência verbal **quer dizer**, mesmo assim algumas vezes vamos generalizar, chamando de *expressão* casos como (18) e (19), que são locução.

problematizar a partir de nossos exemplos, evidenciando que a literatura específica existente não recobre todos os nossos dados, o que justifica a nossa proposta de trabalho.

2 O QUE A LITERATURA LINGÜÍSTICA TEM POSTULADO SOBRE A *EXPRESSÃO QUER DIZER*

A *expressão quer dizer* tem merecido atenção de vários autores nas discussões que envolvem os marcadores discursivos (os MDs, como normalmente são chamados). No entanto, estes estudos se detêm em análises de certa forma superficiais, não discutindo em profundidade os contextos discursivos (escopo, posição estrutural, gênero discursivo, por exemplo) de ocorrência e as relações destes contextos com as diferentes funções desempenhadas pela *expressão*, bem como uma possível influência de fatores sociais, como idade, sexo e escolaridade, sobre o uso do *quer dizer* e de seu respectivo funcionamento no discurso oral.

Apesar de os trabalhos já realizados sobre esta *expressão* nos auxiliarem em nossa análise, observamos que eles não dão conta de descrever adequadamente o fenômeno, ou seja, há muito para ser discutido sobre o comportamento discursivo do *quer dizer*. Vejamos o que os estudos feitos até o momento sobre o assunto têm a dizer.

2.1 Sobre as funções discursivas

Martelotta (1998) faz um levantamento das possíveis mudanças sofridas pelo *quer dizer*. O autor mostra que a *expressão* está assumindo diversas funções¹³ (significar, retificar, reformular, dar seqüencialidade ao discurso) dentro do discurso oral, conforme podemos verificar nos exemplos apresentados por ele, cujas funções específicas estão indicadas entre parênteses, ao final de cada exemplo.

(25) ... foram vários funcionários embora ... pessoas boas ... entendeu? Foram mandadas embora ... e agora o que acontece? Aqui é ... é uma empresa até ... muito política ... então o que *quer dizer*? É uma cúpula ... a

¹³A terminologia 'função' refere-se, em nosso trabalho, ao papel que o *quer dizer* desempenha dentro de seus contextos de ocorrência.

peessoa que vem de fora ... para entrar ... entendeu? Não tem como chegar ... a não ser que conheça alguém.
(‘significar’ – p.90)

(26) ... pega uma lixa de unha ... aquela assim comprida ... sabe? lixo ... lixo todos os dedos ... não ... **quer dizer**
... a unha ... passo ... esmalte ...eh ... incolor primeiro uma base ... depois deixo secar ... (retificar – p.91)

(27) A Mesbla está vendendo uma televisão ... ela paga o ICM ... essa televisão está por cem mil ... entendeu? Aí
vem a economia informal ... **quer dizer** ... economia informal é tudo aquilo que/ camelô ... essas/ nego
vendendo picolé ... isso tudo é/sabe? o cara pára em frente à loja ... a mesma televisão que ele vende por
cem ... o cara está vendendo por sessenta ... (reformular – p.91)

(28) ... então você tem que controlar as coisas ... por isso que eu te falo ... então a situação é difícil ... **então quer
dizer**¹⁴ eles falavam em cem dólares ... **então quer dizer**... eles planejam cem dólares ... tá? hoje aqui ... é
abril ... vamos receber o salário mínimo em maio ... tudo bem ... **então quer dizer** ... em março eles falam
“ó ... o salário mínimo vai ser cem dólares ...” (seqüenciar – p.91)

Embora Martelotta cite várias funções, essa classificação não dá conta de todos os nossos dados. Vejamos os exemplos que seguem, em que a nomeação dada pelo autor não recobre o funcionamento do **quer dizer**, nos casos em que este é usado com intenção explicar, concluir e de preencher pausas, respectivamente.

(29) O prefeito Esperidião Anim tentou fazer através da famosa contribuição de melhoria, e houve uma reação
muito grande, a maioria acha que não deve pagar integralmente, é problema do governo. Mas não é assim.
Eu acho que não é assim. **Quer dizer**, é um investimento caro e tem que ter a participação de todos.
(FLP21, L817)

(30) E – E você acha que ele vai sair é – candidato a governador?

F – Pode, né? Até pode. Ele é uma pessoa de grandes qualidades, né? então, ele já provou isso no passado e
agora também está provando que está aí, né? Já inventando esse ligeirinho, e ecologia tudo, né? **Quer
dizer** que ele então é uma pessoa capacitada, né? talvez seja um bom governador. (CTB03, L243)

(31) Mas aqui é a juventude. Juventude está num – (pausa longa)¹⁵ **quer dizer**, alcoolismo, isso aí, a juventude
está no fundo do alcoolismo. (CHP14, L541)

Outro aspecto da classificação do autor que merece algum comentário diz respeito à função de seqüencialidade atribuída a **então quer dizer** (exemplo (28)). Na verdade, em todos os contextos em que o **quer dizer** apresenta valor relacional, essa *expressão* contribui para a

¹⁴ Segundo Martelotta (1998), o valor de seqüencialidade do **quer dizer** vem da ligação com o conector **então**.

¹⁵ As ocorrências de pausas, hesitações, gaguejos, risos ou algo do gênero que ocorrem junto ao **quer dizer** são registradas por nós, a partir das informações que se encontram nas entrevistas transcritas ou da audição das fitas onde estão os registros.

seqüenciação discursiva. Nesse sentido, a função de seqüencializar seria praticamente inerente à *expressão quer dizer*. Esse aspecto será retomado e discutido adiante (no capítulo V).

Dada à dificuldade de se estabelecer claramente as funções desempenhadas pelos MDs, Martelotta chega a propor a reunião dos MDs numa macrofunção, agrupando num mesmo conjunto funções usadas para reformular, topicalizar, modalizar preencher vazios. No entanto, embora consideremos interessante a idéia de lidar com macrofunções, a que é proposta pelo autor é muito abrangente, englobando elementos de natureza variada, com funções que nem sempre se aproximam em termos textuais/discursivos. Essa questão também será retomada e discutida posteriormente.

Castilho (1989), Marcuschi (1989), Rosa (1992), Koch (1995), Silva e Macedo (1996), Ribeiro (1999) e Fávero (1999) também têm feito estudos sobre a *expressão quer dizer*.

Castilho (1989), assim como Marcuschi (1989), privilegiam a posição que os marcadores, dentre eles o **quer dizer**, ocupam no discurso. Remetemos também a discussão desse aspecto para uma seção posterior, visto que nosso interesse, neste momento, centra-se nas funções. Marcuschi também fala de formas e funções para o que denomina de marcadores conversacionais (MCs). Segundo ele, estes marcadores funcionam simultaneamente como articuladores textuais e organizadores da interação verbal, classificando o **quer dizer** como um marcador interacional que regula atividades interpessoais. Neste caso, a *expressão* funcionaria de forma mais subjetiva, atenuando, abrandando o discurso, que passaria à responsabilidade apenas do falante. Observemos a exemplificação a seguir, que é do próprio Marcuschi.

(32) ... aquela é profissional ... ah, mas não é tão boa quanto Milloca, como Milloca não é ... não ... **qué dizê**, eu achei, né? (p.311)

Além dessa função atribuída ao **quer dizer**, Marcuschi (p.316), com base em Gülich e Kotschi (1983, p.305), também o classifica como um reformulador parafrástico. O autor diz que esta função permite resolver problemas comunicativos, frisando, dando ênfase ao que fora dito, ou também pode anunciar a insatisfação do falante com a formulação feita e valorizar o seu argumento diante do interlocutor, que talvez não perceba o que realmente foi falado. Desta forma, a reformulação passa a ter um caráter cooperativo e colaborador. Além do **quer dizer**, o autor ainda cita outros elementos que exercem função parafrástica, como: *enfim, eu me explico, como você diz etc.*

Assim como a classificação sugerida por Martelotta, a de Marcuschi também não recobre todas as nossas ocorrências da *expressão quer dizer*. Ao falar de reformulador parafrástico, o autor parece estar se referindo ao caráter ratificador do **quer dizer**. Entretanto, essa reformulação pode ser mais ampla, abrangendo também elementos que fazem retificação (que visam correção), e não apenas paráfrase, conforme podemos ver no exemplo, retirado de nosso *corpus*, que segue:

(33) Na época que ele era moço contribuiu muito. Até o escudo de Ibiporã quem desenhou, **quer dizer**, quem deu foi o engenheiro da Dione, né? (LDN12, L320)

Exemplos com características semelhantes às dadas pelo autor em relação aos reformuladores parafrásticos também podem ser encontrados em textos escritos, como em (34).

(34) Será que discutir os conteúdos é chato mesmo? Em caso positivo, chato para quem? Para o público? Ou mais propriamente para os jornalistas? ... o jornalista, de modo geral, e a cobertura jornalística, por consequência, tem a tendência a fixar-se na política pela política. **Quer dizer**: a política pura, como jogo, como competição entre os partidos. (Revista VEJA, 08/11/00, p.170)

Da mesma forma que Marcuschi, Rosa (1992) também classifica o **quer dizer** como um marcador de atenuação, sendo considerado pela autora como uma expressão metacomunicativa, que auxilia na explicação do próprio ato de comunicação.

O MD **quer dizer**, segundo Rosa, se encaixa dentro do grupo dos *hedges* (no sentido restrito da palavra – de conceitos imprecisos), tendo em vista que estes constituem-se de palavras ou expressões “que funcionam como precaução, anteparo ou mesmo evasivas, assumindo, às vezes, forma de rodeios frasais” (Marcuschi, 1986, p.74, *apud* Rosa, p.38). Isso significa que o **quer dizer**, além de outros marcadores, como *sei lá* e *digamos assim*, estaria marcando, em muitos casos, atividades de planejamento verbal, modificando a força argumentativa dos enunciados em que aparece, atenuando a negatividade que pode estar explícita na fala. Entretanto, a autora postula que o contexto é um fator determinante para especificar a função, pois nem sempre o **quer dizer** funciona como marcador de atenuação. Isso pode ser evidenciado em nossos exemplos, pois não podemos afirmar que a *expressão* assume apenas uma função, uma vez que o contexto discursivo em que se encontra é que vai

determinar o seu funcionamento, enfim, quem acaba por moldar a função é o próprio falante, de acordo com as suas necessidades comunicativas.

No entanto, como já viemos alertando, o valor de atenuador não é o único que podemos atribuir ao **quer dizer**. Desta forma, a abordagem de Rosa não dá conta de casos em que a *expressão* tem a função de concluir, explicar, esclarecer, retificar, preencher pausas, apesar de ela dizer que é o contexto que molda as funções, deixando implícita a idéia de que pode haver outros usos para a forma. Ilustramos, a seguir, exemplos de nosso *corpus* em que o **quer dizer** se caracteriza por esclarecer e retificar, respectivamente.

(35) E, se entrasse em São Borja a lei agrária, mas a lei agrária correta, não a lei agrária como está aí, (estímulo) **quer dizer**, se comprassem fazendas, repartissem pros agricultores sem-terra só, que existem em São Borja, a cidade de São Borja ficaria pela metade, não teria o inchaço que tem hoje. Ficaria – hum! diminuiria o cinto de miséria também ... (SBO20, L492)

(36) Após isso, depois de uma hora e pouco de conversa, cada um de nós rumou para uma escola onde, **quer dizer**, para uma fazenda onde era reconhecida pela escola. (CHP20, L478)

Koch (1995) costuma denominar de atividades de formulação textual o que o locutor realiza para estruturar o seu texto e ser compreendido pelo interlocutor. Há duas formulações, a fluente e a disfluente. A primeira diz respeito a enunciados que são produzidos sem “tropeços”, isto é, em que não há ruídos no ato comunicativo. O objetivo, neste caso, é facilitar a comunicação, enfatizar as idéias, persuadir o interlocutor. A formulação disfluente está relacionada ao processamento textual. Neste caso ocorrem hesitações, falsos começos, alongamento de vogais, pausas (preenchidas ou não), repetições etc, com o intuito de garantir ao locutor o tempo necessário para melhor planejar o seu discurso.

A autora inclui o **quer dizer** como um operador de formulação fluente, isto é, ele passa a ter a função de precisar e ajustar melhor o que foi dito, visando obter a adesão do ouvinte diante dos argumentos do falante. Observemos o exemplo citado por Koch (p.79), extraído do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) de São Paulo.

(37) L2 - a sua família é grande?

L1 – nós somos seis filhos

L2 – e a do marido?

L1 – e a do marido ... eram doze agora são onze...

L2 – ahn ahn

L1 – **quer dizer** somos de famílias grandes e ... então acho que... dado esse fator nos acostumamos a muita gente...

Na classificação de Koch, o **quer dizer** é tido como um formulador fluente. Em nossos dados, porém, verificamos que esta *expressão* também aparece como um formulador disfluyente, conforme o exemplo que segue.

(38) E- Não tinha emprego mais lá, né?

F- Não tinha emprego, não tinha moradia, né? **quer dizer**, (pausa longa) é, não tinha é instrução suficiente pra arrumar um trabalho. O que começou a acontecer? Favelas. Começaram a surgir as favelas em Londrina. (LDN16, L756)

Na classificação dos MDs¹⁶ em geral, Silva e Macedo (1996) atribuem ao **quer dizer** apenas o valor de esclarecedor. No entanto, essa *expressão*, de acordo com o que já observamos em nosso *corpus*, poderia se enquadrar também em outras funções atribuídas pelas autoras aos elementos discursivos, como a de preencher pausas, seqüenciar, resumir. Vejamos um exemplo extraído de nosso *corpus* em que a *expressão* tem valor resumitivo.

(39) E – O senhor conheceu o Getúlio?

F – Conheci pessoalmente.

E – Como é que ele era como pessoa?

F - ... Que eu posso dizer como pessoa? Eu conheci eu servindo aqui e ele no Rio de Janeiro. **Quer dizer** [que]- que não tenho condições [de]- [de]- de analisar a pessoa dele. (SBO11, L272)

Ribeiro (1999), num estudo sobre o verbo ‘dizer’ em marcadores conversacionais na fala culta de Salvador, analisou 53 ocorrências de **quer dizer** no *corpus* do Projeto NURC. Nestas ocorrências a *expressão* se caracterizou como um marcador do tipo *hedge* (cf. Rosa, 1992), indicador de atividade cognitiva. A partir desta característica, Ribeiro (p.415) atribuiu-lhe quatro funções:

a) indicador de planejamento verbal do enunciado produzido pelo falante:

(40) De modo geral aprecio, assim, uma orquestra sinfônica. Quanto à música popular, aprecio todas elas, fazendo algumas restrições às barulhentas. Deixa eu ver mais. De todo ... de tudo isso ficou, assim,

¹⁶ No Capítulo 4, quando abordamos o quadro teórico, falaremos mais detalhadamente sobre as funções atribuídas aos MDs pelas autoras.

uma certa experiência, **quer dizer**, conheci, cheguei a estudar, assim .. eh ... os diversos tipos de instrumentos, então, são coisas que, mesmo não pegando mais, fica alguma coisa. Então, talvez por isso eu, hoje em dia, aprecie tanto o clássico como o popular, seja capaz de assistir um concerto, desde que ele não seja, assim, dos mais lentos ...

b) elemento que serve para precisar a informação:

(41) Doc - ... de televisão, com os pormenores que lhe ocorrem? (rindo)

Bom, existem, de saída, dois tipos, no momento, de aparelho de televisão, três, aliás.

Doc – Hum.

Um, que é a válvula, totalmente a válvula; outro, totalmente transistorizado, **quer dizer**, a válvula são ... são substituídos por transistores; e o outro misto, **quer dizer**, uma pa ... tem poucas válvulas e uma grande parte de transisto ... transistores ...

c) elemento utilizado para diminuir ou amenizar a força de verdade expressa na unidade comunicativa:

(42) Doc – Acho que você já falou alguma coisa, mas vamos ver: tipos, movimentos periódicos do mar, quais são?

Bom, a maré ... nós temos maré cheia ...

Doc – Sim.

... maré vazia, partindo ... **Quer dizer**, tudo isto eu estou dizendo, não tecnicamente, como um leigo, certo? Agora, temos ... eh ... Geralmente as marés coincidem com as luas, as ma ... as grandes marés coincidem com as luas, em ciclo de vinte e oito dias, vinte e oito ... vinte e sete a trinta dias.

d) amenizador de opinião:

(43) A cidade, também, é uma beleza. É bonita, é linda. Bom ... eh ... pra mim, a Bahia é a cidade mais linda do mundo! Eu acho mais bonita ainda que o Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro tem muita coisa artificial, feita pelo homem, não é? Enquanto que Salvador, não; Salvador mantém, **quer dizer**, mantém esse ... eh ... são as belezas naturais de Salvador. Isso é que é impres ... que impressiona ...

A terminologia adotada por Ribeiro parece um pouco imprecisa para alguns casos, principalmente em a e d. Em a, ‘planejamento verbal’, a nosso ver, não seria a denominação mais adequada para o exemplo que ela coloca, tendo em vista que este está mais para esclarecedor/especificador, assim como b. Em c, ao mencionar que o **quer dizer** ameniza ou diminui a força de verdade da expressão, a autora deve estar querendo dizer que ele funciona como um meio de atenuar o discurso. Por fim, em d o rótulo ‘amenizador de opinião’ está um

pouco vago, pois acreditamos que, de acordo com a exemplificação dada, a *expressão* estaria funcionando como indicador de planejamento verbal, ligada ao ato de parar e pensar no que vai dizer, característica esta atribuída pela autora a *a*.

Por outro lado, a classificação proposta por Ribeiro não recobre alguns casos como os já apresentados em (29), (30) e (33), com funções de explicar, concluir e retificar, respectivamente.

Por fim, Fávero *et alii* (1999) também consideram o **quer dizer** como um marcador e o conceituam como “um traço deixado no discurso pelo trabalho conversacional do locutor” (p.67). As autoras (tal como Marcuschi) salientam que a *expressão* é usada como marca de reformulação e que é um elemento típico de paráfrase, mas assinalam que também pode funcionar como marcador de correção, conforme o exemplo que segue, citado por elas.

(44) ... a mão de obra ainda é a riqueza do Japão... claro ... população de cento e tantos milhões ... toda ela integrada à produção ... toda **quer dizer** ... pelo menos na sua grande parte. (p.70)

Para estas autoras, o **quer dizer** não tem apenas a função de reformular/parafrasear, mas também de corrigir/retificar. Elas destacam que na paráfrase há um maior ponto de contato em relação à equivalência semântica e na correção este ponto de contato é menor (p.59). Essas duas funções amplas parecem recobrir a maioria de nossos dados, com exceção dos preenchedores de vazios, como (45).

(45) Só que foi construído um prédio novo, existiam poucas casas, (pausa) **quer dizer**, (pausa e hesitação) mas era – se via bastante mato, né? (CHP10, L56)

Numa retrospectiva desta seção, podemos constatar quão variadas e diversas são as funções discursivas atribuídas ao **quer dizer** pelos autores consultados.

Marcuschi (1989) e Rosa (1992) atribuem a este elemento discursivo o valor de atenuador. Fávero *et alii* (1999) e também Marcuschi o incluem no grupo dos elementos que fazem reformulação parafrástica, sendo que para Fávero o **quer dizer** também é usado para correção. Já para Silva e Macedo (1996), o **quer dizer** é apenas um esclarecedor. Koch (1995) diz que esse elemento discursivo é usado para frisar melhor o que fora dito, desta maneira também poderia ser considerado um esclarecedor ou retomador. Tanto Martelotta (1998) quanto Ribeiro (1999) procuram abrir mais o leque de funções atribuídas a essa

expressão. O primeiro considera que ela pode exercer seu papel no discurso como ‘significar’, retificar, reformular, seqüenciar. Para Ribeiro o **quer dizer** pode ser usado para indicar planejamento verbal, precisar informação e amenizar opinião.

Como vimos, nenhuma das propostas, por si só, dá conta de nossos dados, uma vez que cada autor contempla apenas algumas facetas do fenômeno, às vezes de maneira equivocada, a nosso ver. Por outro lado, uma proposta classificatória que apenas reagrupe as diversas funções elencadas também não parece ser satisfatória, pois algumas ocorrências não teriam seus valores devidamente identificados, como observamos em alguns dos exemplos analisados. Mas o fator determinante para apresentação de uma nova proposta de classificação tem a ver com a adoção de critérios que permitam traçar, ainda que hipoteticamente, um percurso de mudança para o funcionamento de **quer dizer**, com base nos paradigmas de *gramaticalização e discursivização*.

Assim, a partir de nossos dados e da sistematização das diversas contribuições apresentadas pelos autores, e tendo em vista nosso quadro teórico, postulamos uma série de funções, considerando a provável expansão de significados deste elemento discursivo e suas respectivas alterações categoriais (cf. capítulo V).

2.2 Sobre o rótulo “Marcador Discursivo”

Vários pesquisadores que investigam os MDs já tentaram fazer uma classificação destes elementos. De acordo com Silva e Macedo (1996) e Rizzo *et alii* (1996), os MDs englobam tanto os articuladores textuais como os de interação. As autoras classificam o **quer dizer** como um marcador discursivo.

Conforme já mencionamos na seção anterior, Marcuschi também (1989) classifica os MCs, que equivale aos MDs, de elementos que funcionam como articuladores textuais, de interação e ainda de indicadores de força ilocutória, caracterizando o **quer dizer** como um marcador de interação.

Martelotta *et alii* (1996) consideram difícil distinguir nitidamente os elementos que são de função textual dos que desempenham função discursiva, mas tratam como marcadores os que reorganizam as informações do discurso e de operadores os que têm funções gramaticais e auxiliam na orientação argumentativa. Martelotta (1998) também afirma que os MDs possuem uma macrofunção principal: a de reorganizar a linearidade do discurso entre os

falantes. Essa macrofunção, conforme já mencionamos anteriormente, surge a partir de subfunções como reformular, modalizar, preencher pausas. Os mesmos autores dizem que, em um segundo plano, esses elementos discursivos também podem exercer funções nas relações textuais. Nesse caso, assumem uma posição similar à dos autores mencionados no parágrafo anterior.

Devido à dificuldade que normalmente encontramos ao classificar os elementos sob o rótulo de MDs, Tavares (1999, p.32) atribui-lhes a caracterização de ‘saco de gatos’. Para ela, o elemento que faz a organização textual é chamado de conector e o que faz a interação dialógica é marcador, postulando que o **quer dizer** desempenha esta última função.

Já Koch (1994) não fala em MDs, mas em conectores, definindo-os como aqueles elementos que estabelecem relações lógico-semânticas e discursivas ou argumentativas: as primeiras atuando mais no nível oracional, por exemplo, *se p então que* ou *p porque que*; e as últimas, responsáveis pela estruturação dos enunciados em um texto, relacionando não apenas orações, mas um ou mais períodos e parágrafos. Além disso, de acordo com a autora, os conectores do tipo discursivo/argumentativo introduzem enunciados, determinando sua força argumentativa.

Mesmo que Koch não mencione o **quer dizer** nos seus exemplos, nós podemos encaixá-lo em algumas funções atribuídas por ela aos conectores discursivo/argumentativos, como a de correção/redefinição (em que o segundo enunciado suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, buscando legitimar ou dando mais ênfase ao que fora dito) e de conclusão. Observemos os exemplos da primeira função extraídos da análise da autora (p.69).

(46) Irei à sua festa. **Isto é**, se você me convidar.

(47) Pedro chega hoje. **Ou melhor**, acredito que chegue, não tenho certeza.

Em (46) e (47) parece que é possível substituir **isto é** e **ou melhor** por **quer dizer**, pois este faria o mesmo papel, atuaria na mesma função. Vejamos o próximo exemplo, que foi extraído de nosso *corpus*, em que o **quer dizer** assume a função de corretor/redefinidor.

(48) Então vou de vez em quando lá em Montevidéu porque tenho parentes lá, né? **Quer dizer**, parentes da minha filha, né? (POA01, L573)

O exemplo (49) abaixo (também de Koch) se caracteriza pelo uso do conector conclusivo **portanto**. Levando-se em conta que a *expressão* em estudo também tem valor conclusivo (cf. (50)), poderíamos substituir o elemento destacado por **quer dizer**, sem alterar o que se pretendeu mencionar.

(49) João é um indivíduo perigoso. **Portanto**, fique longe dele.

Em (50) temos um **quer dizer** que pode ser substituído por **portanto**.

(50) O futebol hoje [é] [é] é profissionalismo e caro, **quer dizer**, quem não tem dinheiro não faz futebol.
(SBO11, L1104)

Koch (1995), assim como Marcuschi (1989), chama de Marcadores Conversacionais¹⁷ (MCs) os elementos discursivos que fazem parte do texto falado e auxiliam nas relações textuais de entendimento entre os interlocutores. Alguns deles funcionam como sinais do ouvinte e outros do falante. Koch lista como exemplos destes marcadores: *então, aí, certo, né? viu?* dentre outros, mas não menciona o **quer dizer**. A autora cita essa *expressão* apenas quando trata dos elementos de organização conversacional (cf. seção 2.1 deste capítulo), considerando o **quer dizer** como um formulador textual fluente.

Como pudemos notar, os autores costumam reconhecer um duplo funcionamento do que geralmente tratam como MDs: um de caráter textual, (no sentido de fazer ligação entre as partes do texto), outro interativo (que visa manter relação entre falante/ouvinte e o planejamento da fala). No âmbito das relações textuais, encontramos as denominações de operador argumentativo e conector, além do rótulo MD; no âmbito das relações dialógicas, é exclusivamente utilizado o nome MD. Diante disso, MD parece ser uma denominação demasiadamente ampla, já que recobriria funções de natureza diversa.

Quanto à classificação de **quer dizer**, todos os autores que tratam dessa *expressão* a consideram como MD, com função basicamente interativa.

Antes de concluirmos este capítulo, vale uma breve discussão terminológica. No decorrer de nossas leituras nos deparamos diversas vezes com uma dupla situação: ora com

¹⁷ Esta denominação de Marcadores Conversacionais (MCs) equivale aos MDs mencionados por Martelotta (1996,1998), Silva e Macedo (1996), dentre outros autores que abordam este assunto. No entanto, Marcuschi chama de MCs por se tratar de marcadores usados somente na fala e os MDs seriam neutros, pois fazem parte do discurso oral e também do escrito.

designações variadas para descrever um mesmo fenômeno, ora com uma mesma designação para fenômenos diferentes. É o que ocorre com as palavras: ‘discursivo’ e ‘textual’ (às vezes tomadas como sinônimos, outras não); ‘discursivo-pragmático’ ou ‘pragmático-discursivo’ (mencionando aspectos textuais e extratextuais¹⁸); a palavra ‘pragmática’ (ora designando aspectos interativos, ora textuais); e a própria designação MD (que pode recobrir tanto elementos lingüísticos como extralingüísticos). Como é nesse universo que nos movemos, precisamos definir claramente nossa terminologia de forma a minimizar os problemas de leitura e interpretação, dos quais dificilmente nos isentamos.

Vamos adotar, então, o seguinte procedimento: manteremos a terminologia original ao nos reportarmos às propostas dos autores, mas tentaremos padronizar as nossas formas de designar o(s) fenômeno(s) em estudo. Assim, estabelecemos uma distinção entre: ‘textual’ e ‘discursivo’. O primeiro rótulo reservado para fazer referência a seqüências lingüísticas, e o segundo, mais amplo, para recobrir também aspectos contextuais. Faremos distinção entre os termos ‘interativo’ e ‘pragmático’. O primeiro para designar aspectos essencialmente concernentes ao processo dialógico, de ordem interpessoal, indicadores de planejamento verbal, e o segundo termo, mais amplo, para dar conta também de aspectos lingüísticos que reflitam traços contextuais, como dêixis, por exemplo. Dessa forma, designações como ‘discursivo’, ‘pragmático’ ou ‘discursivo-pragmático’, na nossa concepção, dão conta tanto de fenômenos de nível textual, como interacional.

Diante do exposto neste capítulo, postulamos em nossa dissertação que:

- a) há necessidade de delimitação de funções – uma textual, outra interativa, com tratamento analítico diferenciado para os elementos que se alinham em uma ou em outra;
- b) o rótulo MD deve restringir-se a elementos cuja função é interativa, ou seja, que atuam na interação dialógica;

¹⁸As terminologias extratextuais e extralingüísticas são empregadas aqui para designar aspectos relacionados à interação, ao planejamento e processamento verbal.

- c) aos elementos que desempenham funções textuais reservamos a denominação de ‘articulador textual’ (equivalendo, em termos gerais, a ‘operador argumentativo’ ou a ‘conector’);
- d) conseqüentemente, a *expressão quer dizer* pode ser identificada ora como MD, ora como articulador textual, a depender do contexto de sua ocorrência;
- e) as funções de caráter textual estão para a *gramaticalização*, assim como as funções de caráter interacional estão para a *discursivização*.

Com esta restrição aos MDs, é possível tratá-los sob a ótica da *discursivização*, o que seria inviável se os mantivéssemos como uma categoria mais abrangente.

As discussões realizadas neste capítulo orientarão a proposta classificatória para o funcionamento de **quer dizer** (cf. veremos nos capítulos V e VI).

CAPÍTULO II OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Levando-se em consideração o que expusemos no capítulo anterior, propomos os nossos objetivos e lançamos as questões e hipóteses que emergem deste trabalho.

1 OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar o uso da *expressão quer dizer*, observando o seu comportamento discursivo na fala de informantes da Região Sul do país.

1.1 Objetivos específicos

- a) estabelecer as funções desempenhadas pela *expressão* linguística **quer dizer** no discurso oral;
- b) analisar e caracterizar os contextos linguísticos e extralinguísticos de ocorrência da *expressão* em estudo;
- c) traçar uma possível trajetória funcional do **quer dizer** sob a perspectiva da *gramaticalização* e/ou *discursivização*;
- d) discutir o estatuto gramatical/discursivo do **quer dizer**, propondo uma distinção entre articulador textual e marcador discursivo;
- e) verificar a ocorrência de elementos discursivos que possam ter as mesmas funções do **quer dizer** dentro do âmbito da *gramaticalização* e *variação*.

2 QUESTÕES E HIPÓTESES

Questão 1

Quais são as funções que a *expressão quer dizer* desempenha no discurso oral? Como é possível traçar um *continuum* da trajetória da forma com suas diversas funções?

Hipótese 1

De acordo com a teoria geral da *gramaticalização*, a maioria dos verbos auxiliares que se gramaticalizam seguem uma trajetória semelhante, isto é, de pleno tornam-se auxiliares. Assim, o verbo 'querer' sai de sua função original de verbo pleno, constitui-se em modal, depois em auxiliar, formando junto com o 'dizer' uma locução verbal, que posteriormente passa a ser uma *expressão* de uso corriqueiro na fala. A partir daí começa a assumir várias funções discursivas, sendo que estas normalmente são definidas pelos contextos de fala, variando conforme a necessidade comunicativa do informante.

A *expressão quer dizer* deve ser encontrada em funções textuais com valor de: 'significar', retomar, explicar, concluir, esclarecer, atenuar, retificar conteúdo, retificar forma, e/ou funções extratextuais (que seriam as de marcador discursivo, de planejamento verbal), isto é, de preencher pausas. De acordo com a idéia de *continuum*, tais funções podem apresentar-se superpostas, apontando o caráter não discreto das categorias.

Considerando que algumas funções são essencialmente de caráter textual e outras extratextuais, admite-se que o **quer dizer** estaria passando por ambos os processos: *gramaticalização* e *discursivização*. Esta hipótese constitui-se no foco principal das discussões deste trabalho.

Questão 2

Como se caracteriza o contexto discursivo em que o **quer dizer** se encontra?

Hipótese 2

Há uma correlação entre o tipo de contexto discursivo em que se encontra o **quer dizer** e a função desempenhada por essa *expressão*, de modo que se pode caracterizar o ambiente das diferentes funções. Esta hipótese envolve os grupos de fatores lingüísticos que observamos na análise do nosso fenômeno de estudo.

O primeiro e principal grupo de fatores, que é o elemento de referência, aquele que segue a linha de frente de nossa análise, são as funções que atribuímos à *expressão quer dizer*. É a partir destas funções que vamos ver como os outros grupos de fatores, descritos abaixo, se correlacionam na caracterização dos contextos discursivos de ocorrência de cada uma delas.

Além das funções, temos mais sete grupos de fatores lingüísticos que estão sendo controlados neste trabalho: escopo anterior, escopo posterior, posição estrutural 1, posição estrutural 2, temática do assunto, gêneros discursivos e pausa.

1) contexto anterior ao **quer dizer**: diz respeito ao escopo de abrangência da *expressão* em estudo. Entendemos por escopo o alcance sintático e semântico de um elemento lingüístico, melhor dizendo, está relacionado à abrangência que o **quer dizer** atinge dentro do contexto em que se encontra. Assim, observamos os tipos de contexto anterior em que o **quer dizer** se encontra: sem escopo definido, com sintagma nominal (SN)/expressão, oração, frase/período composto e parágrafo/unidade temática.

2) contexto posterior ao **quer dizer**: assim como no anterior, no contexto posterior também levamos em conta o escopo, observando os mesmos contextos de ocorrência, ou seja, sem escopo definido, com SN/expressão, oração, frase/período composto e parágrafo/unidade temática.

Acreditamos que algumas funções desempenhadas pelo **quer dizer** apresentem, devido a suas características, um escopo mais alargado e outros mais restrito, assim como esperamos que no contexto anterior o escopo seja maior que no posterior.

3) posição estrutural 1: esta posição refere-se ao ambiente sintático em que se encontra o **quer dizer** dentro da sentença¹⁹.

Observe-se que a posição estrutural difere do escopo no sentido de que este diz respeito ao alcance sintático-semântico do **quer dizer**, indo além das relações sintáticas apenas. Dentre as posições mais recorrentes encontradas em nosso *corpus* podemos citar: oração + **quer dizer** + oração, oração + **quer dizer** + sintagma nominal/sintagma preposicionado, sintagma nominal/sintagma preposicionando + **quer dizer** + oração. Incluímos o SN preposicionado junto com o SN, visto que nosso interesse é controlar basicamente o estatuto oracional ou não oracional dos constituintes à esquerda e à direita do **quer dizer**.

É válido ressaltar que conceituamos como oração, nos contextos onde se encontra o **quer dizer**, toda a seqüência que possui um verbo, mesmo que este não esteja com todos os

¹⁹De acordo com Camara Jr. (1970), o termo sentença é usado para denominar oração ou frase.

seus argumentos (externo e interno) preenchidos²⁰, formando “parte” do que normalmente se denomina uma oração. Quanto ao SN/SNPrep, este pode ser constituído de uma ou várias palavras.

- 4) posição estrutural 2: nesta posição encontram-se os elementos que acompanham o **quer dizer** em seu contexto imediato, tanto anterior como posterior. Em nossos dados encontramos elementos adverbiais (hoje, sim, não, aí), elementos discursivos (sabe?, né?, certo?, aí), conectores (então, agora, mas) e a conjunção integrante ‘que’.

Este grupo independe da posição estrutural 1, pois um elemento discursivo ou um conector, por exemplo, podem estar entre uma oração e um **quer dizer**, um SN e um **quer dizer** e assim sucessivamente.

A nossa expectativa é de que grande parte das ocorrências de **quer dizer** estejam entre orações, como também de que esta *expressão* se faça acompanhar de outros itens lingüísticos (conectores, elementos discursivos), principalmente em algumas funções.

- 5) temática: a partir de uma observação geral feita nas entrevistas, levantamos algumas temáticas discursivas que acreditávamos ser mais recorrentes:

- familiar: o informante fala sobre sua família ou outras famílias de seu relacionamento;
- pessoal: trata de assuntos que são específicos do informante, como suas experiências pessoais, seus gostos, suas atitudes perante os acontecimentos da sociedade etc. Parece ser um dos temas mais recorrentes em nossos dados, tendo em vista que nas entrevistas incita-se o informante a falar de si mesmo;
- política: esta temática relaciona-se aos aspectos políticos, principalmente os que envolvem os partidos e seus adeptos, bem como os governantes e a relação destes perante o povo;
- econômica: este assunto normalmente diz respeito a problemas econômicos de ordem pessoal ou que envolvam o estado ou a nação em geral;

²⁰A questão do preenchimento dos argumentos internos e externos de um verbo é proposta pela gramática gerativa.

- social: trata de aspectos gerais da sociedade como festas, costumes, problemas das cidades (saneamento básico), cultura da população etc. Os itens que tratam de política e de economia poderiam ter sido inseridos neste, já que possuem características semelhantes, mas optamos por separá-los, para caracterizá-los melhor;
- outros: neste item encontram-se as ocorrências de **quer dizer** que não se enquadram nos fatores anteriores.

Devido ao tipo de entrevista, de caráter mais pessoal, espera-se que a temática predominante seja a que se refere aos aspectos pessoais, além dos familiares e sociais, que estão mais próximos à realidade do informante. E que, portanto, o **quer dizer** predomina nessas temáticas.

6) Gêneros discursivos: de acordo com Guy *et alii* (1986), os gêneros discursivos da fala se encaixam dentro do seguinte grupo:

- narração: relato de fatos/acontecimentos passados, seja de experiências pessoais, seja de outrem, contendo uma ligação espaço/temporal;
- argumentação: texto que justifica, argumenta acerca de alguma coisa, usado em questões como 'Por quê?', caracterizando-se também pela presença da terceira pessoa do singular;
- opinião: texto que relata a opinião pessoal do informante, usada normalmente em questões como 'O que você acha?', aparecendo mais em primeira pessoa do singular;
- factual: normalmente é um texto curto em que não ocorrem avaliações ou explicações, o informante não busca argumentar sobre o que fala nem emitir opinião pessoal;
- descrição: texto que descreve algo, usado em questões 'Como fez ou é tal coisa...' ou 'Descreva...'

Optamos pela proposta de Guy *et alii* em relação aos gêneros discursivos, pois foi a que mais se aproximou da descrição que pretendíamos dar aos nossos dados dentro desta categoria.

Devido ao tipo de entrevista (em que o informante é instigado a relatar fatos que fizeram parte de seu cotidiano) e ao caráter funcional do **quer dizer**, espera-se que os gêneros narrativos, argumentativos e opinativos sejam mais recorrentes.

Quanto às funções, temos como expectativa uma correlação maior entre algumas delas e certos gêneros (explicativa e conclusiva devem prevalecer na argumentação, retificadora na narração e atenuadora na opinião). Isso provavelmente estará relacionado à característica de cada função (conforme veremos nos capítulo V), bem como de cada gênero.

7) pausa: este grupo de fatores está sendo utilizado para verificarmos se a pausa, no ato de fala, interfere no uso e na função do **quer dizer**. Observamos contextos em que a pausa vem antes e depois da *expressão*, quando vem somente antes ou depois e quando não ocorre nem antes nem depois.

As nossas expectativas são de que o **quer dizer** ocorra em ambientes que tenham pausa, podendo interferir no uso e na escolha de certas funções, como no preenchedor de pausa.

Questão 3

Qual o estatuto gramatical/discursivo do **quer dizer** no português falado? Articulador textual ou marcador discursivo?

Hipótese 3

Ele seria um marcador discursivo, como atestam alguns pesquisadores do assunto (Silva e Macedo (1996), Martelotta *et alii* (1996), Martelotta (1998), Urbano (1997)), tendo uma função interativa, sem estabelecer relação com o conteúdo do texto; ou seria um articulador textual, relacionado ao conteúdo que está expresso no texto, mantendo um estatuto sintático com o que foi falado antes e depois do **quer dizer**. Tomamos a palavra articulador textual num sentido amplo, de estabelecer relações textuais.

Esta hipótese pode gerar muitas controvérsias, pois torna-se uma tarefa difícil conceituar um articulador textual e um marcador discursivo. Afinal, o que realmente os diferencia? No transcorrer de nossa análise buscaremos decifrar isso, mostrando que a *expressão* em estudo ocupa as duas posições.

Questão 4

Há alguma influência social acerca da região, da idade, do sexo e da escolaridade em relação ao uso **quer dizer**?

Hipótese 4

A partir do que algumas análises de elementos discursivos já têm mostrado (cf. Martelotta, 1998; Tavares, 1999), acreditamos que há fatores sociais que podem estar correlacionados a certas funções da *expressão quer dizer*. Temos as seguintes expectativas:

- a) quanto à região: informantes de diferentes cidades devem fazer uso diferenciado do **quer dizer**, tanto em termos de frequência desta *expressão*, como em termos de função; as capitais devem apresentar um comportamento mais aproximado entre si, exibindo um maior uso (em relação às demais cidades) das funções cuja significação se distancia daquela tida como básica;
- b) quanto à idade: informantes mais jovens devem liderar a utilização das funções mais expandidas (em relação ao uso original) em termos de significação;
- c) quanto ao sexo: como não há indícios de que o uso do **quer dizer** e de suas respectivas funções seja estigmatizado socialmente ou considerado de prestígio, acreditamos que haja poucas diferenças, em termos de frequência, entre homens e mulheres;
- d) quanto à escolaridade: informantes com maior grau de escolaridade devem utilizar mais que os outros as funções que envolvam maior complexidade cognitiva, que demandem maior tempo de processamento (aspecto a ser discutido adiante).

Questão 5

Existem formas alternantes que desempenham funções semelhantes às do **quer dizer**?

Hipótese 5

Em algumas entrevistas onde buscamos dados do *quer dizer* encontramos formas que podem ser alternantes. Isso nos leva a pensar que há concorrentes para a *expressão* em análise, isto é, variantes de uma mesma variável (de acordo com a teoria laboviana de 1972, 1978, 1984), intercambiáveis em um mesmo contexto discursivo.

Esta hipótese também está fundamentada no princípio de estratificação de Hopper (1991), que é descrito a partir da verificação de que pode haver mais de uma forma desempenhando a mesma função, assim é possível discutir o **quer dizer** no âmbito da variação.

É oportuno mencionar que a hipótese que acabamos de apresentar tem caráter exploratório, não pretendendo ser um estudo variacionista com uma discussão mais aprofundada.

A partir das questões e hipóteses que acabamos de expor é que nos guiamos para descrever como a *expressão* **quer dizer** vem se comportando no discurso oral de informantes do Sul do país.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

1 A AMOSTRA

Conforme já ressaltamos na introdução, os dados para esta dissertação foram obtidos no Banco de Dados Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Este reúne entrevistas dos três estados do Sul do país que podem ser encontradas nas Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC), do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Paraná (UFPR), além da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC).

Analizamos entrevistas de sete cidades: Florianópolis, Chapecó e Blumenau em Santa Catarina; Porto Alegre e São Borja no Rio Grande do Sul; Curitiba e Londrina no Paraná. Escolhemos estas cidades com o objetivo de verificar se fatores regionais podem vir a influenciar no uso de **quer dizer** em suas diferentes funções discursivas, tendo em vista que cada uma delas foi povoada em períodos diferenciados e se localizam em pontos também distintos, fazendo fronteira com outro país, no caso de São Borja (fronteira com a Argentina), ou com outro estado, como Londrina (fronteira com São Paulo). Além disso, vale ressaltar que o Banco de Dados do qual dispomos comporta este tipo de característica, nos moldes da metodologia de coleta de dados da Sociolingüística Variacionista.

Consultamos, através do Programa Computacional Interpretador (Engesis Engenharia Ltda), 168 entrevistas, mas descartamos 112, pois, ou não havia os dados procurados ou o número encontrado era igual ou inferior a 02 por entrevista. Desta maneira, o total de informantes que constitui a nossa amostra é de 56. A faixa etária destes varia de 25 a 70 anos (mais ou menos), a escolaridade é primária, ginásial e colegial, além disso temos informantes de ambos os sexos, masculino e feminino. O quadro que segue mostra com mais clareza como estão caracterizados os informantes que fazem parte do nosso *corpus* de análise.

QUADRO 1 - NÚMERO DE INFORMANTES E A SUA CARACTERIZAÇÃO SOCIAL²¹

	IDADE	DE 25 A 49			MAIS DE 50 ANOS		
		ESCOLARIDADE	P	G	C	P	G
REGIÃO	SEXO						
FLORIANÓPOLIS	M	1	0	0	1	1	1
	F	2	1	1	1	1	1
BLUMENAU	M	1	1	1	0	0	1
	F	0	2	0	1	0	1
CHAPECO	M	0	1	1	0	1	1
	F	0	0	1	0	0	0
PORTO ALEGRE	M	0	0	0	2	1	1
	F	1	0	0	2	2	0
SÃO BORJA	M	1	1	0	1	0	0
	F	0	0	1	1	1	0
CURITIBA	M	1	1	1	0	0	1
	F	0	1	0	0	0	2
LONDRINA	M	0	1	1	1	0	1
	F	0	1	0	1	2	2
TOTAL		7	10	7	11	9	12

Como podemos ver pelo quadro acima, a distribuição dos informantes se dá de maneira heterogênea. Isso se deve à nossa forma de seleção, conforme já mencionamos anteriormente. Há 29 mulheres e 27 homens; 32 informantes têm mais de 50 anos e 24 têm menos de 50; 18 têm escolaridade primária, 19 ginásial e 19 colegial.

Esta distribuição não homogênea dos informantes acarreta algumas restrições na análise dos fatores sociais (como a impossibilidade de fazer cruzamento entre alguns grupos de fatores), como veremos no capítulo V. No entanto, como não se trata de um estudo de âmbito puramente variacionista, é possível trabalhar com esta amostra.

²¹ Os símbolos A e B da idade indicam, respectivamente, informantes com menos de 50 anos e mais de 50, e P, G e C, da escolaridade, referem-se ao nível de instrução primário, ginásial e colegial.

2 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados foram coletados, conforme já mencionamos, através do Programa Computacional Interpretador, que traz o número total de ocorrências por entrevista, bem como identifica as linhas em que aparecem. Após a coleta, analisamos cada contexto de ocorrência do **quer dizer** para podermos delimitar as suas funções e compor os grupos de fatores a serem controlados.

A categorização e/ou definição das funções foi realizada a partir da leitura e releitura dos dados e com o auxílio de bibliografias referentes ao assunto, bem como de testes realizados com alunos de graduação e pós-graduação, professores universitários e de ensino médio e fundamental (ver anexo). Foram consultadas em torno de 100 pessoas.

A aplicação dos testes se deu da seguinte forma: primeiramente os participantes liam os conceitos das funções que nomeamos e após isso buscavam indentificá-las através dos exemplos dados.

Além disso, muitas vezes se fez necessário ouvir a fita da entrevista para melhor precisarmos a questão de pausas, alongamentos, gaguejos, que por vezes podem ajudar a delimitar uma função. A partir da identificação das funções, passamos à codificação dos grupos de fatores que nos auxiliaram na caracterização do contexto discursivo em que o **quer dizer** se encontra.

Após a coleta e a codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico Varbrul (Pintzuk, 1988) para a análise da frequência, dos percentuais de ocorrência do **quer dizer** e de suas funções, bem como da correlação destas com os contextos onde a *expressão* se faz presente. Assim, o programa Varbrul nos instrumentalizou na confirmação ou não de nossas hipóteses e nas respostas das perguntas que as nortearam.

Nesta pesquisa, as funções são tomadas como variável de referência, de forma a se caracterizar melhor o contexto discursivo em que cada uma se realiza. Para isso foram controlados os seguintes grupos de fatores: contexto anterior e posterior (escopo) ao **quer dizer**, posição estrutural, temática do assunto tratado pelo informante, gêneros discursivos, pausa, região, idade, sexo e escolaridade.

O total de dados computados é de 659. Foram excluídas da análise 08 ocorrências, sendo que 04 foram retiradas por fazerem parte do grupo de **quer dizer** que significa 'desejar

falar algo', conforme já apresentamos na primeira seção do capítulo I e que ilustramos novamente através do exemplo que segue.

- (1) Até faleceu o mais gordo, que quando na realidade, quer dizer, dizendo assim a gente **quer dizer** que não acredita, porque um pesou um quilo e meio e outro pesou quatrocentos e cinquenta gramas. (CHP14, L357)

É interessante lembrar que esse tipo de dado corresponde a dois verbos plenos, sendo o primeiro deles um modal.

Os outros 04 foram descartados tendo em vista a dificuldade em atribuir-lhes uma função adequada, devido à ausência de elementos contextuais relevantes, não sendo possível reconstituir o contexto discursivo, conforme podemos ver no exemplo que segue.

- (2) E – Remolacha é beterraba, né? cholo é milho.

F – É, bom, mas isso aí e (interrompe a fala) mas aqui todo mundo conhece, aqui todo mundo sabe. Fideo .

Fideo é massa. **Quer dizer**, a massa, aí essa massa...

CAPÍTULO IV FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A perspectiva teórica em que se insere este trabalho é a do Funcionalismo Lingüístico, especialmente com base em Givón (1993, 1995), Heine *et alii* (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e Vincent *et alii* (1993), dentre outros, e a da Teoria da Variação Lingüística, conforme postulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1978, 1994), que pressupõem a heterogeneidade da língua, sujeita à variação e mudança.

Este capítulo está organizado em duas seções. A primeira é uma seção geral sobre funcionalismo lingüístico, nossa base teórica principal, em que destacamos a concepção de língua e de gramática que orienta nossa pesquisa; expomos o paradigma da *gramaticalização* e seus princípios, dando ênfase à questão da reanálise e da unidirecionalidade. Nesta primeira seção ainda apresentamos o paradigma da *discursivização*, salientando a noção de marcadores discursivos. O capítulo se encerra (na segunda seção) com uma abordagem sobre a teoria da variação e mudança lingüística e com uma breve comparação entre a *gramaticalização* e a variação.

1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

O funcionalismo considera a competência comunicativa dos indivíduos, não somente pelo fato de eles codificarem e decodificarem as informações, mas por eles usarem estas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória, isto é, que esteja também ligada a fatores externos à língua. Para o funcionalismo lingüístico não existe uma sentença que tenha apenas informações semânticas; é imprescindível o uso da pragmática, enfim de todo o contexto que cerca o ato de fala. (Neves, 1997)

Givón (1995, p.07) ressalta que o funcionalismo lingüístico estuda a língua em uso, priorizando a relação entre a gramática e o discurso²²: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática. É dentro do discurso e sob a influência de seu contexto que a gramática está emergindo e mudando. E é também através do uso da língua que ocorre a

²²Sob a ótica da teoria funcionalista, o discurso pode ser descrito como os artifícios usados pelo falante para organizar o seu texto diante de um determinado ato de comunicação.

variação e a indeterminação, elementos indispensáveis para a construção e reconstrução da gramática.

Assim, a gramática é vista como um conjunto de estratégias que serve a uma comunicação coerente, isto é, destituída de regras fixas, que devem ser preservadas para produzir sentenças gramaticais corretas. Ela resulta do uso lingüístico, dessa forma, nunca se estabiliza. Esta gramática pode ser considerada dinâmica, pois molda-se a partir do discurso dos falantes, adaptando-se ao uso destes, não sendo, portanto, pré-estabelecida, podendo decorrer das pressões cognitivas e, principalmente, das pressões de uso.

Givón (1993, 1995) correlaciona a codificação lingüística à função cognitivo-comunicativa, postulando os níveis de codificação lingüística apresentados no quadro abaixo.

QUADRO 2 - NÍVEIS DE CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

FUNÇÃO COGNITIVO-COMUNICATIVA	CODIFICAÇÃO
Significação lexical	Sistema sensório-motor
Semântica proposicional	Sistema gramatical
Pragmática discursiva	Sistema gramatical

No nível da significação lexical, as palavras codificam os conceitos por meio de sons. Já nos níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, a codificação é feita pelo sistema gramatical. A gramática codifica a informação proposicional em sentenças e a coerência textual das sentenças em seu contexto discursivo.

Chamamos a atenção para o fato de que não encontramos uma definição do autor para o que entende por 'pragmática discursiva'. No entanto, depreendemos da leitura de seus trabalhos que tal denominação se aplica ao nível multiproposicional do discurso ou, em outras palavras, ao nível textual, extrapolando os limites da frase.

A Teoria Funcionalista de Givón parece vir ao encontro de nossa investigação, pois a gramática, nessa ótica, dá conta não apenas do nível oracional, mas também do textual, recobrando, dessa forma, relações lingüísticas estabelecidas em ambos os níveis. Em se tratando de conectores, por exemplo, daria conta dos oracionais e dos textuais. O alargamento do escopo gramatical proposto por Givón nos auxilia à medida que prevê a existência de elementos gramaticais competindo no domínio funcional relativo à informação proposicional

e servindo também a uma função pragmático-discursiva. O que precisa ser visto com atenção é se o sistema gramatical, conforme proposto pelo autor, daria conta também do que estamos considerando MDs, ou seja, se o que o autor toma como função pragmático-discursiva recobre os aspectos lingüísticos mais relacionados ao nível interacional, especialmente no que se refere a aspectos de processamento que dizem respeito à organização no plano das idéias.

Traugott (1995) também alarga o escopo gramatical, considerando que a gramática estrutura aspectos comunicativos da linguagem e que engloba não apenas a fonologia, a morfossintaxe e a semântica, mas também elementos pragmáticos como topicalização e dêixis (p.07). Ela defende que algumas características como fortalecimento pragmático e subjetivação (atitudes do falante) devem ser consideradas como pertinentes ao processo de *gramaticalização*.

A autora trata os MDs como pertencentes à gramática, entendendo por MDs, com apoio em Fraser (1988), aqueles elementos que marcam relações entre unidades do discurso que são seqüencialmente dependentes, isto é, entre o enunciado corrente e o discurso precedente, sem limite de extensão. Por discurso precedente, a autora entende não apenas um enunciado ou um conjunto de enunciados efetivamente produzidos, mas também algo que pode ser contextualmente reconstruído, a partir da situação imediata ou de registros na memória (p.07-8).

Traugott trata especificamente de *indeed*, *in fact* e *besides*, admitindo que, no papel de MDs, servem pragmaticamente para avaliar a relação que se estabelece entre a seqüência discursiva em curso e a precedente, e não para avaliar o conteúdo proposicional. Esses MDs são vistos pela autora como elementos que se gramaticalizaram. Vejamos os exemplos apresentados por ela.

- (1) *Any a one that is not well, comes farre and neere in hope to be made well: indeed I did heare that it had done much good, and that it hath a rare operation to expell or kill diuers maladies (p.13).*
- (2) *I should not have used the expression. In fact, it does not concern you – it concerns only mayself (p.14).*
- (3) *The whooping cough seems to be a providential arrangement to force you to come, as the expense will be little greater than going anywhere else; besides if you put a trusty female at Ravenscroft we save the Williamses 'wages as long as they are away (p.17)*

Como vemos, tanto Givón como Traugott trazem aspectos pragmáticos para o âmbito da gramática. Em ambos os casos, fica bastante evidente que os aspectos pragmáticos em jogo estão diretamente associados a relações textuais. No caso de Traugott, o que a autora trata como MDs parece corresponder à nossa classificação de articuladores textuais, que estão inseridos no âmbito gramatical. Fica ainda em aberto a questão dos elementos discursivos de caráter interativo, aos quais reservamos a denominação de MDs: os aspectos pragmáticos que os revestem também teriam lugar na gramática? Essa questão será retomada adiante.

1.1 Gramaticalização

Ao assumirmos o caráter dinâmico da gramática, pressupomos que as línguas estão em constante processo de mudança, seja pelas pressões de uso ou do próprio sistema gramatical. O processo de *gramaticalização* é um dos fenômenos de mudança lingüística, cuja definição, sob a ótica de diferentes autores, é dada a seguir.

1.1.1 Algumas definições

A *gramaticalização* é um processo que pode ser entendido como a passagem de itens lexicais que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso. Como exemplos de elementos gramaticais podemos citar as preposições, os conectores, os pronomes, os quais, originados de elementos lexicais, assumiriam um novo *status* como categoria gramatical.

Meillet ([1912], 1965), um dos precursores da teoria moderna da *gramaticalização*, afirma que esta se dá num *continuum*, isto é, há uma passagem de itens lexicais a gramaticais e outros morfemas preenchendo funções gramaticais (palavras acessórias), e isso seria um ciclo, não tendo fim. Segundo este autor, a *gramaticalização* é a passagem de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical, constituindo-se num dos principais processos de mudança lingüística.

A motivação para esse processo, de acordo com Heine *et alii* (1991, p.29-30), surge tanto porque as necessidades de nossa comunicação não são satisfeitas pelas formas já

existentes, quanto devido à existência de conteúdos cognitivos para os quais não se encontra ou é difícil encontrar um termo lingüístico adequado. Ainda devemos observar que novas formas gramaticais surgem a partir do desenvolvimento de estruturas velhas existentes e que são funcionalmente equivalentes.

Hopper e Traugott (1993, p.15) definem a *gramaticalização* “como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Estes dois autores também dividem os itens lingüísticos em três categorias:

Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção] (p.104).

Kurylowicz (1975, p.52), Lehmann (1982) e Heine e Reh (1984, p.15), *apud* Heine *et alii* (1991), também definem a *gramaticalização* desta maneira.

Heine e Reh (1991) ressaltam ainda que a *gramaticalização* é uma evolução de unidades lingüísticas que perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática, respectivamente, ou seja, esta seria a ordem de perda de certos traços lingüísticos. Entretanto, essa perda pode resultar em ganhos: um elemento lingüístico passaria a ganhar outros traços semânticos e/ou pragmáticos. Conforme afirma Traugott (1980), *apud* Heine (1992), uma unidade lingüística pode perder significado referencial, mas ganhar em significado pragmático.

No processo de *gramaticalização* os elementos discursivos não adquirem apenas características sintáticas que os diferenciam dos substantivos, verbos etc, mas também adquirem traços semânticos “que se relacionam menos com o mundo do qual se está falando e mais com a organização do falante sobre aquele mundo no ato de fala”. (Traugott, p.47, *apud* Heine)

Traugott (1988), Traugott e Köning (1991), Hopper e Traugott (1993), *apud* Traugott (1995, p.03) propõem que o fortalecimento pragmático, não o enfraquecimento, ocorrem no primeiro estágio da *gramaticalização*. Por exemplo, quando o verbo ‘ir’ torna-se marcador de futuro, o movimento semântico pode ser apagado ou sofrer um desbotamento, a inferência nova e a implicatura conversacional de intenção e a futuridade são fortalecidos. Os

significados tendem a mudar para uma subjetividade maior, isto é, aumenta a associação com a atitude do falante, especialmente a atitude metatextual em direção à fluência do discurso.

1.1.2 Princípios da *gramaticalização*

Com o intuito de identificar os estágios que antecedem a *gramaticalização* bem como seu caráter gradual, Hopper (1991) formula cinco princípios, os quais buscam explicitar as etapas desse processo que seriam menos acessíveis e/ou visíveis. Ressalte-se que, segundo o autor, tais princípios seriam aplicáveis à mudança de maneira geral, e não apenas à *gramaticalização*. Os princípios propostos por Hopper (p.17-35) são descritos abaixo.

a) *Estratificação*: em um domínio funcional amplo novas camadas emergem continuamente. À medida que isso acontece, as camadas mais velhas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com as camadas mais novas.

Este princípio leva em consideração a variação, isto é, mais de uma forma para uma função, e já que temos uma hipótese a respeito de outras formas competindo pela mesma função, podemos dizer que este princípio é pertinente à nossa pesquisa. Vejamos exemplos em que outros elementos discursivos assumem uma posição que poderia ser ocupada pelo **quer dizer**.

- (4) E- Pros teus colegas, os teus vizinhos, como é que tu vês que ficou a vida agora depois desse Plano Collor?
 F- Não ficou ruim não só pros meus amigos e meus colegas todos, ficou ruim pra todo o brasileiro. (estímulo) Sem isso, lógico, tirando daí os marajás, né? que estão cheios – Que eu acho que o dinheiro deles, eu acho que não ficou preso. Ficou o do coitado, e eu não tinha, mas coitado que tinha lá. É como eu já tinha falado anteriormente: quem tinha lá cento e cinquenta mil cruzeiros, quer dizer, foi confiscado. Ficou só com cem, aliás, ficou só com cinquenta, os cem o governo diz que dá daqui a dezoito meses. (FLP02, L361)
- (5) Ele, o profeta Zacarias, né? diz que toda – diz que toda a Terra, em todo o nosso planeta, né? duas partes da humanidade perecerão, ou seja, morrerão, né? E Deus acrescenta, né? farei passar pelo fogo, né? a terceira parte e a purificarei como se purifica a prata e a provarei como se prova o ouro. (POA17, L893)
- (6) Olha, eu acho que marcou mesmo, eu acho que não houve grande coisa assim, porque uma vida normal e, eu sempre era uma pessoa muito calma e tudo, né? não me metia em conflitos, nem em complicação, nem nada, então, não tem muita coisa, uma coisa, (hesitação) (pausa) **vamos dizer**, (pausa) (hesitação) não sei nem

como dizer, mas uma coisa que eu sempre sentia muito, por exemplo, é (hesitação) lá do – vamos dizer da religião de Deus, e coisa assim, isso sempre na minha vida toda, né? eu sinto isso, né? (BLU07, L753-756)

No exemplo (4) temos um *aliás* funcionando como um retificador de conteúdo, em (5) temos um *ou seja* que parece estar desempenhando a função de esclarecedor e em (6) há a presença do *vamos dizer*, sendo que a primeira menção estaria exercendo a função de preenchedor de pausa e a segunda, de retificador de estrutura.

b) *Divergência*: quando uma entidade sofre *gramaticalização* como clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.

c) *Especialização*: várias formas podem ter nuances semânticas diferentes. À medida que ocorre a *gramaticalização*, essa variedade de escolhas formais se estreita e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. O resultado disso é que uma forma acaba sendo a escolhida para uma determinada função gramatical.

d) *Persistência*: quando uma forma sofre *gramaticalização* de uma função lexical para uma gramatical, na medida do possível alguns traços do seu significado lexical tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem se refletir em restrições sobre a sua distribuição gramatical (quando um significado gramaticalizado B se desenvolve, isso não significa que o significado A seja perdido, caso o fenômeno autônomo não desaparecer).

A partir deste princípio é possível perceber traços no **quer dizer** que faziam parte do verbo ‘querer’, de modo que o caráter modalizador deste verbo se estende à *expressão quer dizer*. Observe-se, porém, que no primeiro caso se trata de um valor modal de intenção e, no segundo, de um valor modal de atenuação. Comparando (7) e (8), podemos avaliar melhor o que acabamos de expor.

(7) Quer dizer que fui criada num sistema muito antigo, não **quero dizer** arcaico. (CTB24, L779)

(8) Hoje o pessoal parece-me que se acomodou, **quer dizer**, não é que se acomodou, é que a facilidade chegou, né? (CTB05, L513)

e) *Decategorização*: formas que estão se gramaticalizando tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e privilégios sintáticos de categorias plenas (categorias maiores, “abertas” lexicalmente) como nome e verbo e assumir características de categorias

secundárias tais como adjetivos e advérbios (categorias intermediárias) e participio, preposições, conjunções (categorias menores, “fechadas” lexicalmente). A mudança ocorre da seguinte forma:

Categoria maior (> adjetivo/advérbio) > Categoria menor.

O que ocorre, na verdade, a partir da decategorização, é uma perda na autonomia discursiva, ou seja, formas que tinham um significado independente do texto passam a ter um significado ou função relativa ao texto.

Este princípio parece se encaixar na análise do nosso objeto de estudo, haja vista que o **quer dizer** está, em alguns casos, perdendo as suas marcas de verbo pleno (em ‘querer’ e ‘dizer’) e também de auxiliar (‘querer’), ganhando novas características como articulador textual. Vejam-se as etapas:

VERBO PLENO > MODAL > AUXILIAR > ARTICULADOR TEXTUAL

1.1.3 Reanálise

A reanálise envolve a mudança estrutural de alguma expressão ou um grupo de expressões, não acarretando nenhuma modificação imediata ou intrínseca em sua manifestação de superfície. No entanto, isso não significa que mudanças ligadas à reanálise *não possam envolver também mudanças de superfície, mas isso ocorre subsequente*mente a este processo. A reanálise modifica representações subjacentes, semânticas, sintáticas ou morfológicas, causando mudança de regra (cf. Hopper e Traugott, 1993; Harris e Campbell, 1995).

Levando-se em conta que a gramática decorre do uso efetivo da língua, podemos falar das expressões exploratórias (cf. Harris e Campbell), as quais muitas vezes induzem à reanálise, não sendo em si exemplos de mudança. Estas expressões surgem a partir do uso corriqueiro, podendo ser transformadas em expressões fixas e passarem a ser gramaticalizadas. A introdução das expressões exploratórias na língua é motivada pelas necessidades que os falantes têm de reforçar, dar clareza, ou mesmo quando sentem a necessidade de corrigir algo que já fora dito no discurso.

Algumas destas expressões não são repetidas muitas vezes, no entanto, aquelas que começam a ser usadas com mais frequência podem ser gramaticalizadas. Mas é somente quando uma expressão exploratória é reanalisada que podemos dizer que ela se gramaticalizou, sua permanência na língua depende do mecanismo da reanálise. Assim, parece que o processo de *gramaticalização* é dependente da reanálise.

O nosso fenômeno de estudo, o **quer dizer**, parece que se encaixa neste conceito de reanálise porque é uma expressão de uso corriqueiro em nossa língua, que assume determinadas funções modeladas pelo contexto e/ou pelo tipo de discurso e que está se gramaticalizando, segundo nossas hipóteses. Uma outra justificativa importante para enquadrar o **quer dizer** na reanálise é que a sua mudança estrutural não acarreta modificações em sua manifestação de superfície, à medida que ocorre a *gramaticalização*. Permanece a mesma forma, apenas analisada sob outra perspectiva.

1.1.4 A unidirecionalidade na *gramaticalização*

Segundo Hopper e Traugott (1993), o fenômeno da *gramaticalização* é unidirecional, isto é, os itens lexicais passam a ser sintaticamente estáveis e, eventualmente, podem se amalgamar morfológicamente, como raiz e afixo. A hipótese básica é que há uma relação de dois estágios A e B, em que A ocorre antes de B, mas não vice-versa; esta é a principal característica da unidirecionalidade. Vale ressaltar que a passagem de um estágio a outro não é direta, havendo fases intermediárias entre A e B, assim os significados se sobrepõem, podendo haver interpretações ambíguas.

Pelo princípio da unidirecionalidade de Hopper & Traugott, pode-se dizer que, diacronicamente, todas as categorias menores têm suas origens em categorias maiores. Como exemplo disso temos a conjunção *while*, do inglês, que já foi um nome, significando alongamento de tempo. Como conjunção esta palavra difere da sua função lexical original, sendo gramaticalizada como uma marca de organização temporal do discurso.

Esses autores propõem uma escala para melhor explicar o caminho da unidirecionalidade:

Item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

A partir da proposta de Hopper e Traugott, de que a *gramaticalização* é caracterizada pela sua unidirecionalidade, Heine *et alii* (1991b) destacam outros traços que advêm do processo unidirecional:

- a) o desvio funcional precede o formal;
- b) decategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c) possibilidade de recategorização;
- d) um elemento gramatical pode perder a autonomia (uma palavra autônoma passa a clítico, um clítico passa a afixo);
- e) erosão ou enfraquecimento formal.

Na seqüência apresentamos a generalização, que envolve características unidirecionais, e os processos ligados à unidirecionalidade.

1.1.4.1 Generalização

A generalização pode ser caracterizada, em parte, como um aumento nas polissemias de uma forma, e em parte também como um aumento progressivo de um item lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical.

Hopper e Traugott (1993) fazem menção à generalização do significado como um processo importante para explicar a *gramaticalização*.

Nesta generalização do significado a questão está relacionada à ausência ou não de limitações de significados aos elementos que são sujeitos a se gramaticalizarem, e em como esses significados de itens lexicais que se tornaram gramaticais podem mudar, isso, é claro, levando-se sempre em conta a questão da unidirecionalidade.

Os significados lexicais sujeitos à *gramaticalização* normalmente são muito gerais. Os itens lexicais que se gramaticalizam são conhecidos como “palavras básicas”, isto é, elementos que aparecem com mais freqüência na fala, enfim, são mais comuns ao nosso cotidiano. Um exemplo dado por Hopper e Traugott (1993) é o da palavra latina *ambulare* (caminhar - no francês *aller* = ir), que se tornou auxiliar de futuro (Pedro vai começar o trabalho - Eu vou ir). À medida que esses itens lexicais gerais se empregam em funções gramaticais e são usados em um número maior de contextos, eles vão se generalizando, ou seja, ganham uma distribuição mais ampla e mais polissêmica. Essa é uma das características

do processo de *gramaticalização*, tendo em vista que os significados expandem sua extensão através do desenvolvimento de várias polissemias, não havendo limitação de significado.

1.1.4.2 Processos ligados à unidirecionalidade

Hopper e Traugott (1993) destacam três processos típicos da unidirecionalidade: especialização, divergência e renovação. Como os dois primeiros já foram descritos como princípios (cf. Hopper, 1991) na seção 1.1.2 deste capítulo, resta-nos falar sobre o último, a renovação.

À *gramaticalização* de novas estruturas Meillet ([1912] 1965) denominou de renovação, sendo que esta mostra evidências de unidirecionalidade.

A noção de divergência envolve uma forma assumindo novos significados em contextos diferentes; já a noção de renovação implica a introdução de formas novas, em que as formas velhas fundem-se para dizerem a mesma coisa. Este é o fenômeno que marca a *gramaticalização* como um *continuum*. Como exemplo podemos ver o pronome ‘ele’, no latim, e a sua trajetória de mudança.

Illo > ello > lo > o (pode desaparecer) > Ø

Quando alguma estrutura é renovada, ela entra nos ciclos recursivos da *gramaticalização*. Para alguns, este ciclo pode levar à redução de uma forma até o estágio zero, seguida pela substituição de outra mais expressiva (Lightfoot, 1991, p.17, *apud* Hopper e Traugott, 1993, p.123; Heine e Reh, 1984, p.17)). Castilho (1997, p.46) afirma que “o estágio zero é o momento máximo de exaustão da estrutura, e anuncia a retomada do processo contínuo que é a *gramaticalização*.”

Givón (1979) propõe como se dá o ciclo lingüístico no discurso:

discurso > sintaxe > morfologia > zero (> discurso)

Heine *et alii* (1991) sugerem que seria melhor mostrar a noção de ciclo lingüístico para desenvolvimento de casos individuais, e não de subpartes da língua ou de toda uma língua. Assim que uma dada forma gramatical declina e/ou desaparece, uma nova forma tende

a ser selecionada no mesmo padrão da antiga, o que resulta em um tipo de ciclo morfológico emergente.

A *gramaticalização* não envolve apenas o uso de uma forma, mas a competição com construções existentes e com funções semelhantes. A coexistência de algumas formas, em certos contextos, envolve diferenças pragmáticas. Normalmente uma das formas que compete predomina (especialização – cf. Hopper, 1991) e pode estender o percurso de significados para incluir construções que estas formas substituem.

A partir do que foi exposto (na seção 1.1.4), vemos que a unidirecionalidade é a hipótese mais forte associada à *gramaticalização* (Traugott, 1995, p.02). A evidência disso é que há um número vasto de exemplos conhecidos do desenvolvimento de estruturas gramaticais a partir de itens lexicais e estas estruturas são acompanhadas pela *decategorização*, proveniente de uma categoria maior para uma menor (cf. Hopper e Traugott, 1993).

1.2 DISCURSIVIZAÇÃO

O termo *discursivização* é de utilização recente na literatura específica da área, razão pela qual ainda não dispomos de uma ampla bibliografia sobre o assunto. Entretanto, podemos nos indagar como este processo se inicia, quais os mecanismos que o concretizam e as suas possíveis trajetórias (cf. Martelotta *et alii*, 1996, p.60).

A *discursivização*, segundo Martelotta *et alii*, ocorre quando elementos lingüísticos perdem as suas restrições gramaticais e assumem a função de marcadores discursivos, ligados ao discurso e à interação entre os interlocutores, perdendo alguns valores sintáticos e semânticos e a sua ordenação vocabular e adquirindo características pragmático-discursivas.

De acordo com Martelotta *et alii*, os pontos de partida da *discursivização* costumam ser os verbos de percepção, como *ver*, verbos dicendi, como *dizer* e *falar*, que podem ser usados para esclarecer o que foi dito, em expressões como **quer dizer**, e ainda expressões como *olha aí* e *olha só*, que passam a servir como aviso ou pedido de atenção do ouvinte para o que vai ser dito, elementos dêiticos espaciais etc. Ao tornarem-se marcadores discursivos tendem a atuar como preenchedores de pausa, visando manter a organização interna do discurso e a atuar pragmaticamente.

Segundo Vincent *et alii* (1993), quanto mais uma unidade avança no processo de *pós-gramaticalização*²³ mais ela:

- a) perde em complexidade semântica e ganha em significação pragmática;
- b) perde em significação sintática, tendendo a desenvolver um uso operacional e diversificando suas posições na frase;
- c) se distingue das unidades que continuam gramaticais pela posição que ela ocupa na frase e a entonação que carrega.

Esses mesmos autores ressaltam ainda que os elementos que se gramaticalizam e, após isso, tornam-se marcadores de interação, seja para medir aprovação, para buscar consentimento ou implicar o interlocutor em um processo discursivo, são bons candidatos para a pós-gramaticalização, assinalando manutenção de turno ou outras funções. Isso é o que parece estar acontecendo com o **quer dizer**, nos casos em que ele aparece com estas características.

A *discursivização* distingue-se da *gramaticalização* porque abrange uma série de elementos que vão além da gramática, ou seja, é um processo que recobre elementos que costumam marcar uma relação entre os participantes e entre estes e seu discurso, não incluindo necessariamente os elementos da gramática.

Apesar de nem todos os elementos que se gramaticalizam passarem pelo processo de *discursivização*, Vincent *et alii* (1993) vêem as expressões gramaticalizadas como boas candidatas a se discursivizarem em pontuantes ou marcadores de retorno conversacional. Entende-se pelos primeiros como os elementos que são usados especificamente pelo falante, quando não há troca de turno e o informante procura ganhar tempo ou se certificar do que realmente vai dizer. Já os marcadores de retorno conversacional, são elementos próprios dos interlocutores, usados para manter a interação entre estes. Ao se tornarem marcadores, estas expressões perdem o seu valor relacional e não mais carregam informação denotativa, sofrendo uma série de mudanças pragmáticas, referenciais, sintáticas e fonéticas, antes de serem usados na função de pontuantes ou marcadores de retorno conversacional.

Entretanto, Traugott (1995) defende que os MDs encontram lugar dentro da teoria da *gramaticalização*, não havendo necessidade de se postular um processo diferente para eles. Para tomar esta decisão a autora utilizou-se de dois argumentos:

²³ Preferimos falar em *discursivização* (cf. Martelotta *et alii*), pois este processo nem sempre ocorre após a gramaticalização.

- a) não devemos considerar como características importantes para o processo de *gramaticalização* a diminuição do escopo e a fixação na oração, mas a decategorização, a redução fonológica e o aumento da função pragmática e a subjetivação;
- b) devemos considerar, como fazendo parte da gramática, a pragmática e não apenas elementos fonológicos, morfossintáticos e semânticos.

Desta forma, levando-se em conta o que esta autora postula, não teríamos o processo de *discursivização*, apenas a *gramaticalização*, pois todos os MDs seriam enquadrados como itens textuais.

Os elementos discursivos trabalhados pela autora, *indeed*, *in fact* e *besides*, podem ser tratados apenas dentro do âmbito da *gramaticalização* porque se enquadram no nível textual, funcionam como elementos de conexão (como vimos nos exemplos citados na primeira seção deste capítulo), o que não ocorre com todos os nossos dados.

Acreditamos ser mais adequado separarmos os elementos que são textuais, no nosso caso os articuladores, dos extratextuais, os MDs propriamente ditos, visto que ambos possuem características diferenciadas. Caso contrário, como explicar os casos de MDs que têm funções interativas? Que não têm relação textual? Acreditamos que há marcadores que operam fora da *gramaticalização* e por isso devem merecer uma denominação e um tratamento diferenciados.

1.2.1 Marcadores discursivos

A *discursivização* é um processo de mudança lingüística que costuma gerar marcadores discursivos. Isso ocorre a partir das necessidades do falante, quando este busca marcar estratégias interativas, visando reorganizar o fluxo de suas idéias e ao mesmo tempo deixar o ouvinte ciente de sua atitude de fala. Passamos a discutir a seguir o que são estes marcadores e o que a literatura lingüística tem registrado sobre eles. Retomemos aqui alguns aspectos já mencionados no capítulo I, seção 2.2.

1.2.2 Como são demarcados e conceituados os marcadores discursivos

Antes mesmo de estudos mais específicos referentes à língua oral e seus elementos caracterizadores, Said Ali ([1930] 1971) já analisava algumas marcas discursivas da

oralidade, denominando-as de “expressões de situação”. Dentre as características destas expressões, o autor destaca:

- a) são palavras, expressões ou frases da língua falada;
- b) têm funções discursivas importantes;
- c) não fornecem, em si, muitas informações;
- d) estão ligadas às intenções do falante;
- e) o contexto conversacional é que as determina.

Conforme já vimos na seção 2.2 do capítulo I, no Brasil há vários estudos recentes sobre marcadores. Podemos destacar Marcuschi (1989), Macedo e Silva (1996) e Urbano (1997), que denominam o objeto em questão como Marcadores Conversacionais (MCs). Já Castilho (1989), Risso *et alii* (1996), Martelotta *et alii* (1996) e Votre e Martelotta (1998) adotam a nomenclatura de Marcadores Discursivos (MDs).

Os marcadores discursivos, de acordo com Urbano (1997), podem ser conceituados como elementos que não estão diretamente ligados ao conteúdo do texto, mas à significação discursivo-pragmática da língua falada. Visam, portanto, “amarrar” o texto não só quanto aos aspectos cognitivos, mas principalmente na interação entre os falantes (locutor/interlocutor), pelo fato de exercerem um papel interacional no discurso.

Segundo Traugott (1995, p.07), “os marcadores discursivos têm relação pragmática e costumam marcar as relações entre a seqüencialidade das unidades dependentes do discurso”. No entanto, o caráter pragmático que a autora atribui aos MDs é de ordem mais textual e não interacional, como o que estamos postulando para nosso trabalho em relação a MDs.

No discurso oral temos marcadores verbais e não-verbais. Os primeiros são elementos de grande importância para a articulação do texto falado, pois auxiliam na conversação, evitando a aglomeração de palavras que podem tornar o texto confuso e assim permitir sua melhor fruição. Dentre estes marcadores verbais temos os simples (*sabe?*, *né?*, *assim*), os compostos (**quer dizer**, *digamos assim*, *sei lá*) e oracionais (*eu tenho a impressão que*). Os outros (não verbais), não menos importantes, são os gestos, as pausas, o olhar, os risos, que auxiliam na manutenção da interação discursiva. (Urbano, 1997, p.86-87)

Para Castilho (1989, p. 273-274), os MDs têm uma função que é comum a todos eles, caracterizada pelo autor como mais abrangente, a hiperfunção textual. Dessa o autor deriva

duas outras funções específicas para os MDs, com base em Halliday (1985): a interpessoal e a ideacional.

A função interpessoal serve para administrar turnos conversacionais e manter a interação falante/ouvinte; na ideacional os falantes buscam negociar o tema que será abordado, mostrando a relação da experiência do falante com o mundo real e o mundo interno de sua consciência, enfim, visa organizar o que ele pretende dizer, marcando a relação texto/falante.

Conforme já dissemos no capítulo I, os marcadores conversacionais, de acordo com Marcuschi (1989, 1991), são multifuncionais, pois funcionam, simultaneamente, como articuladores textuais, organizadores da interação e indicadores de força ilocucionária. Ele atribui duas grandes funções específicas a eles: conversacionais e sintáticas.

Nas funções conversacionais os marcadores dividem-se de acordo com a fonte de produção, levando em conta sinais do falante e do ouvinte. Os primeiros servem para preencher pausas, sustentar turno, organizar o pensamento, ordenar e reorientar o discurso. Quanto aos sinais do ouvinte, pode-se dizer que estes servem para orientar o falante, marcando a posição pessoal do ouvinte, concordando, discordando, solicitando esclarecimento. Já as funções sintáticas estão relacionadas à sintaxe de interação e ao encadeamento das estruturas lingüísticas (correções, elipses).

Adotando a designação de MDs, Risso *et alii* (1996, p.55) buscam estabelecer alguns elementos esclarecedores da natureza e das propriedades desses importantes mecanismos que fazem parte do que eles chamam de organização textual-interativa:

- a) são mecanismos verbais que podem incidir nas relações interpessoais, isto é, de interação, quando o foco não incide mais sobre esta;
- b) atuam na atividade enunciativa, não integram o conteúdo proposicional dos enunciados em que ocorrem. Buscam orientar o falante em relação à seqüência das entidades textuais e checar a atenção do ouvinte para a mensagem transmitida;
- c) tendem a ter transparência semântica parcial ou opacidade total, pois são usados fora do seu valor lexical ou gramatical;
- d) quanto ao aspecto sintático são independentes, haja vista que não organizam a estrutura interna de uma oração;
- e) possuem uma demarcação prosódica, isto é, tendem a ser demarcados por pausas ou outros traços prosódicos, como o rebaixamento do tom da voz;

- f) geralmente não constituem por si só enunciados, são não-autônomos;
- g) suas formas são reduzidas a uma ou duas palavras ou um limite de três sílabas;
- h) os marcadores geralmente têm alta frequência e recorrência no texto;
- i) os MDs normalmente possuem formas mais ou menos fixas, não têm variações fonológicas, flexionais, sintagmáticas, seriam fórmulas que já estão prontas ao serem usadas nos contextos discursivos.

Observe-se que Risso *et alii* tratam conjuntamente os elementos de natureza textual e os interacionais.

Silva e Macedo (1996, p.14) definem os MDs como elementos que envolvem macrofunções discursivas, haja vista que eles organizam o discurso internamente, mantêm a interação dialógica e garantem o processamento da fala na memória. As autoras propõem uma classificação destes marcadores considerando o sentido, a posição e a função no discurso:

- a) iniciadores de turnos: *ah, bem, olha*;
- b) requisitos de apoio discursivos (RADs): usados para certificar a atenção do interlocutor, ocorrem, normalmente, em finais de enunciado: *né? tá? viu?*;
- c) redutores, evitam uma postura autoritária do locutor, como o *eu acho*;
- d) esclarecedores, que tentam resumir ou esclarecer partes do discurso: *quer dizer, isto é*;
- e) preenchedores de pausa, evitam o silêncio enquanto a seqüência de fala é preparada: *assim, hãã, é...*;
- f) seqüenciadores, dão seqüência ao discurso: *ai, então*;
- g) resumidores, resumem o que considera ser do conhecimento do interlocutor: *e tal, e tudo*;
- h) argumentadores, iniciam uma argumentação que geralmente é contrária ao discurso precedente: *agora, é mas, sim mas*;
- i) finalizadores, fecham o turno de um falante: *então tá, tudo bem, é isso aí*.

Assim como a maioria dos autores citados, Silva e Macedo também consideram como MDs tanto os elementos que mantêm relação textual, como os interativos (extratextuais).

Martelotta *et alii* (1996, p.61) e Martelotta (1998) dizem que os MDs são usados normalmente para reorganizar a linearidade do discurso, quando esta, por algum motivo, como insegurança, lapsos de memória, se perde momentaneamente, ou ainda para preencher

vazios ou interrupções conseqüentes desta perda de linearidade. Esta é a função principal dos marcadores discursivos.

Os mesmos autores dizem ainda que no texto escrito nós fazemos uma reflexão mais aprofundada daquilo que dissemos, isto é, preestabelecemos as informações. Já na fala isso é mais difícil de ocorrer, pois a todo momento estamos fazendo pós-reflexões, reavaliando, enfim, reorganizando o que dizemos. Desta forma, os marcadores têm a função de viabilizar o processamento das informações na fala, ajudando o falante e o ouvinte.

Martelotta *et alii* destacam que os marcadores assumem diversas funções que estão relacionadas à reformulação da fala. Dentre estas podemos destacar:

- a) a marcação de hesitações ou reformulações;
- b) modalização do discurso, marcando insegurança ou não comprometimento do falante em relação ao que fala;
- c) a mudança na direção comunicativa, podendo manifestar uma concessão em relação ao que foi dito;
- d) a criação de espaços vazios (reticências);
- e) a retomada de um dado anterior para fazê-lo de tópico do que será dito em seguida;
- f) a introdução de informações de fundo;
- g) o preenchimento de vazios causados por pausas que ocorreram para calcular informações vindas posteriormente.

No que diz respeito ao aspecto semântico, os marcadores parecem ser vazios de significação. Entretanto, mesmo sem conteúdo semântico, eles são indispensáveis na relação entre a linguagem e os seus usuários, ou seja, entre o discurso e a interação.

Parece ser comum entre os autores mencionados (Castilho, Marcuschi, Urbano, Silva e Macedo, Rizzo *et alii*) a idéia de que os MDs recobrem dois tipos de elementos:

- a) os que visam manter uma relação entre o falante, o ouvinte e o discurso, isto é, preencher pausas, reorganizar o pensamento, sustentar o turno conversacional, manter a interação dialógica e a linearidade do discurso;
- b) e aqueles que pretendem dar coesão e coerência ao texto, ajudando no encadeamento das estruturas lingüísticas.

À primeira função descrita no parágrafo anterior é que reservamos a denominação de MDs. Estes seriam os MDs propriamente ditos, isto é, são elementos que têm uma relação

interativa, caracterizando-se por reorganizar as idéias e a linearidade do discurso, perdidas por algum lapso de memória, ou buscando uma melhor performance para o que está sendo dito, seriam os elementos extratextuais. À segunda função mencionada pelos autores atribuímos a denominação de articuladores textuais.

Os articuladores textuais são elementos que fazem a ligação entre os diversos segmentos que compõem um texto. Assim sendo, eles só irão adquirir um significado, uma função, a partir do seu contexto de uso. Para Schiffrin (1987), os conectores (articuladores textuais para nós) são elementos coesivos usados pelo falante para auxiliar na interpretação de suas idéias e levar o ouvinte a entender sua mensagem e chegar à determinada conclusão em relação a ela.

Os limites entre um marcador discursivo e um articulador textual não são fáceis de ser precisados. No entanto, isso se faz necessário à medida que percebemos que ambos possuem nuances diferenciadas nos contextos em que se encontram.

Não podemos incluir em um mesmo grupo elementos que estabelecem uma relação textual e os que são apenas interativos, extratextuais. Desta forma, estamos propondo para o nosso estudo um tratamento diferenciado ao **quer dizer**: ora ele funciona fazendo interligação entre as partes do texto, ora ele preenche vazios, auxilia no planejamento verbal. O primeiro caso descrito do **quer dizer** funciona como articulador textual e o segundo como MD.

1.2.3 A posição dos marcadores discursivos

Castilho (1989, p.249) denomina de unidade discursiva (UD) os segmentos textuais que preservam a coerência temática de uma unidade maior (isso semanticamente falando) e que podem conter marcadores discursivos. Esta UD tem como núcleo uma ou mais orações, estas entendidas como a relação entre verbos e seus argumentos, sendo que esses verbos podem ou não estar presentes. Neste último caso, seriam orações nominais.

Além do núcleo, as UD's possuem margens, constituídas de formas verbais e não-verbais. Levando-se em consideração o aspecto semântico-pragmático, pode-se dizer que essas margens transmitem avaliações a respeito do que foi falado no núcleo ou instruções que visam orientar a interação do discurso.

Segundo Castilho (p.255), as margens das UD's são denominadas genericamente de MD's. De acordo com este autor, os marcadores que se encontram à esquerda do núcleo da UD

são mais freqüentes e complexos em relação aos que se encontram à direita. Isso se deve ao fato de que o falante vai organizando o texto, ou seja, antecipa os fatos ao seu interlocutor. No texto que Castilho analisa, do Projeto NURC, o **quer dizer** encontra-se na margem esquerda do núcleo da UD. A margem direita está relacionada aos marcadores que se relacionam com o interlocutor, como, *sabe? entende? né?*.

A questão das margens (esquerda e direita) mencionadas por Castilho parece estar relacionada ao que Marcuschi (1989) chama de posições iniciais e finais dos marcadores conversacionais (MCs). Assim como para Castilho os MDs que se encontram à esquerda das UDs são mais freqüentes e complexos porque “exigem” mais habilidade do falante, para Marcuschi os MCs iniciais²⁴ de turno e intraturno são mais freqüentes também porque é no início que o falante anuncia o quê e como vai dizer, por isso se faz necessário uma maior coesão.

De acordo com os dados da pesquisa de Marcuschi, o **quer dizer** é encontrado em maior número como marcador inicial de turno e intraturno, no entanto ele também ocupa a posição medial, quando está dentro de uma unidade comunicativa (UC). As posições mediais ocupadas pela *expressão* e também por outros marcadores (*digamos, digamos assim, olhe*, por exemplo) normalmente são usadas para buscar auxílio, quebrar raciocínio ou preencher pausas.

Observe-se, porém, que o que estes dois autores chamam de marcadores, para os casos de **quer dizer**, corresponde ao que tratamos como articuladores textuais. Observemos os exemplos dados por eles:

(9) ... tenho a impressão de que aqui a coisa tem sido mais controlada exatamente por causa disso porque a gente vê aí na televisão sistematicamente uma orientaçãozinha do governo ... **sublinhar** ... não sei o que lá ... mas vai entrando inclusive nas crianças, por exemplo, um netinho que eu tenho aí, já canta aquele negociozinho que aparece na televisão ... **quer dizer**, o pessoal já vai sendo orientado assim desde pequeno ... no bom caminho ... no bom sentido ... (Castilho, 1989, p.258)

(10) Então se a gente faz um controle científico dessa natalidade eu acho que vai repercutir para o bem da sociedade ... o controle também de pessoas que não podem ter filhos porque geneticamente elas são inaptas, são capazes de transmitir doenças. Seria válido esse controle, **quer dizer**, uma pessoa antes de casar faria um controle genético, um cariotipo e se ela fosse transmitir alguma doença então ela seria impedida de ter filhos. (Marcuschi, 1989, p.297)

²⁴ Os MCs iniciais de turno ficam também à esquerda das unidades comunicativas (UCs). Estas equivalem ao que Castilho (1989) chama de UDs.

Apesar destes dois exemplos não se enquadrarem dentro do nosso grupo de MDs, nós faremos uso desta discussão de Castilho e Marcuschi (1989) sobre as posições dos MDs, no Capítulo V, quando falaremos da posição estrutural do **quer dizer**. Assim, ao analisarmos a *expressão quer dizer*, não estaremos falando apenas em MDs, mas também nos elementos que denominamos articuladores textuais.

3 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A sociolingüística variacionista, de acordo com seus precursores (Weinreich *et alii* 1968 e Labov 1972), procura estudar a língua levando em conta o contexto social em que os indivíduos estão inseridos. A língua não é um elemento estático que não varia, ao contrário, adapta-se ao contexto, à situação em que o falante se encontra. Pode-se dizer que “Todas as línguas naturais humanas apresentam um dinamismo inerente, o que vale dizer que elas são heterogêneas por natureza.” (Mollica, 1992, p.13)

A partir desta variação poderão surgir mudanças no uso de determinadas formas lingüísticas. Ou, melhor dizendo, de acordo com Weinreich *et alii* (1968): “Nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança, mas toda a mudança envolve variabilidade e heterogeneidade.”

A variação de uma língua não surge por acaso, é sempre motivada por fatores lingüísticos como aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais e/ou sociais. Estes últimos dizem respeito à região, idade, escolaridade, sexo, nível sócio-econômico, mercado ocupacional, dentre outros.

Para Labov (1978), a seleção das variantes de uma variável lingüística deve ser observada a partir da referência a um mesmo contexto e também a um mesmo valor de verdade. Em relação ao contexto, devemos considerar tanto os aspectos estilísticos quanto os sociais para a delimitação de uma variável. Desta forma, apesar de o ponto central da Teoria da Variação e Mudança Lingüística ser o estabelecimento de correlações entre grupos sociais e variedades de uso, não podemos abdicar dos fatores estilísticos, pois as formas variantes podem ser idênticas quanto à referência e valor de verdade, mas se diferenciarem quanto à significação social e/ou estilística.

A questão fundamental com a qual a Teoria de Mudança deve se preocupar é se as pressões que fazem uma língua mudar tornam a comunicação menos eficiente. A solução para isso é romper com a identificação estrutura/homogeneidade. Para que uma comunicação seja eficiente, ou seja, cubra as necessidades do falante, é importante a heterogeneidade no sistema lingüístico de uma comunidade, conforme pregam os sociolinguistas. Desta maneira, o domínio de estruturas heterogêneas não é questão de uma simples performance, mas parte da competência lingüística dos indivíduos. Observada sob este aspecto, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional. (Weinreich *et alii*)

Devido à variabilidade que ocorre na língua durante os atos de fala é que se postula a Teoria da Variação. A partir do instante em que ocorre variação em uma língua supõe-se que haja variantes. De acordo com Tarallo (1985, p.06) estas são "... diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística." A escolha da forma alternante sofre influências externas à língua e estruturais.

Os estudos iniciais de variação lingüística foram desenvolvidos por Labov (1966) na área da fonologia. Nesse âmbito não houve problemas, pois parece ser mais fácil provar que duas formas (como é o caso da velarização e da vocalização da consoante /L/, por exemplo) podem ser alternantes em um mesmo contexto, mantendo o mesmo significado. Entretanto, quando se muda de nível, isto é, passa-se à sintaxe ou ao discurso, já não é tão fácil considerar que duas formas assumam o mesmo significado ou função discursiva.

Em 1977, Weiner e Labov fizeram um estudo sintático a respeito das construções passivas e ativas, sobre o qual recaiu a famosa crítica de Lavandera (1978). Esta autora postula que variantes não fonológicas não podem ter o mesmo significado referencial. Considerando-se que a variação pressupõe duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, um estudo variacionista se tornaria inviável fora do campo da fonologia.

No entanto, Labov (1978) discorda de Lavandera, definindo significado como "estado de coisas" e mostrando que dois enunciados que se referem ao mesmo "estado de coisas" têm o mesmo significado representacional. Entendendo desta maneira, podemos dizer que duas variantes, mesmo apresentando traços pragmáticos distintos e nuances de sentido, podem ter o mesmo significado representacional e assim serem tratadas, dentro da teoria variacionista, como formas que se equivalem.

Além da crítica apresentada anteriormente, Lavandera suscita a idéia de que muitas formas que estão fora do campo da fonologia não têm influências estilísticas ou sociais, mas apenas lingüísticas. Assim sendo, não poderiam ser consideradas como variáveis sociolingüísticas. Entretanto, Labov rebate esta crítica dizendo que a sociolingüística é “sócio” não porque necessariamente lida com fatores estilísticos e sociais, mas porque vê a língua como um componente social.

Labov fala de significados referenciais/representacionais. Para o nosso estudo, estes termos não são adequados porque os elementos discursivos não fazem referência ao universo biossocial, mas estabelecem uma relação interna com os componentes do texto. O significado surge a partir do uso. A relação dos elementos coesivos não cria um significado, mas exerce uma função dentro do texto. (cf. Schiffrin, 1987) No caso do **quer dizer**, a *expressão* não teria significado referencial, mas uma função textual ou interativa.

De acordo com Nichols (1984, p. 98), a palavra função é um termo polissêmico. “Todos os seus sentidos significam a dependência de algum elemento estrutural em relação a elementos lingüísticos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não) e têm a ver com o papel desempenhado por um dado elemento estrutural no contexto maior da língua e da comunicação.”

Em relação ao significado, Nichols ressalta que ele é usado num sentido menos amplo que a função, mas que ambos estão próximos, principalmente quando o significado é tomado como incluindo a pragmática, como é o nosso caso. Neste trabalho a relação entre o **quer dizer** e os demais elementos do texto gera um significado relacional, que por vezes tende a se confundir com a função que esta *expressão* desempenha.

A teoria variacionista, apresentada acima, trata de formas que se equivalem. Buscamos evidenciar isso na questão e na hipótese 5, quando mencionamos formas alternantes concorrendo com o **quer dizer**, tendo em vista que acreditamos na existência de mais de uma forma denotando a mesma função discursiva, pois na busca dos dados encontramos certas entrevistas sem a presença do **quer dizer**, ou com outros elementos lingüísticos (por exemplo, *aliás, ou seja, vamos dizer*) que podem vir a substituí-lo dentro de um mesmo contexto.

Para finalizar esta seção gostaríamos de mencionar o que Weinreich *et alii* dizem sobre como se deve descrever a mudança lingüística. Segundo eles, devemos considerar separadamente: mudanças de longo tempo com efeitos similares, mudanças completadas ao longo de um século ou dois, mudanças em curso que podem ser observadas entre uma ou duas

gerações, ou ainda considerar trabalhos puramente sincrônicos, como é a nossa proposta para esta dissertação.

3.1 A *gramaticalização* e a variação

Através do princípio da estratificação de Hopper (1991), podemos estabelecer uma relação entre *gramaticalização* e variação. Este princípio aponta para a coexistência de duas ou mais formas alternantes que possuem o mesmo significado e a mesma função, o que caracterizaria o fenômeno da variação lingüística.

Segundo Lichtenberck (1991), *apud* Tavares (1999, p.59), a variação é indispensável na gradualidade da mudança lingüística. As formas vão mudando continuamente, podendo assumir vários papéis, possibilitando a sua competição por estes mesmos papéis. A partir da *gramaticalização*, duas ou mais formas podem passar a ter as mesmas funções, permitindo o uso variável de tais formas.

Entretanto, Labov (1994) afirma que a variação é o primeiro caminho para a mudança lingüística. A alternância entre diversas formas pode levar uma delas a predominar em relação à outra. E à medida que houver a suplantação destas ocorrerá a mudança. Assim, de acordo com a visão variacionista, a mudança provém da variação (toda mudança decorre de variação, mas nem toda variação leva à mudança).

A teoria variacionista difere dos postulados da *gramaticalização* no que diz respeito à perspectiva adotada para o tratamento da mudança lingüística. Enquanto a primeira se ocupa basicamente de formas alternantes para um mesmo significado e da possibilidade de mudança provocada, especialmente, pela extinção de uma das formas, a última trata basicamente da trajetória de uma forma e as múltiplas funções que vai adquirindo, podendo tal forma, em um determinado estágio, competir com outra(s) para o desempenho de uma função específica. Apesar de assumirem perspectivas diferentes, não parece haver incompatibilidade entre a teoria da variação e o paradigma da *gramaticalização* no que tange à abordagem da mudança lingüística.

Os enfoques variacionistas e de *gramaticalização* podem ser assim contrastados, sinteticamente:

- a) Variação: diferentes formas que apresentam uma mesma significação/função;
- b) *Gramaticalização*: uma forma que desempenha diferentes funções.

No percurso de uma forma, esta pode assumir funções que já são desempenhadas por outras formas. Neste ponto ocorre a variação. Assim a mudança se caracterizaria por um ciclo contínuo, como o proposto por Tavares (1999, p.60):

...variação – gramaticalização ... variação - gramaticalização...

Neste ciclo contínuo, “a variação pode ser solucionada devido a uma mudança por *gramaticalização*, sofrida por uma ou mais das formas alternantes, esta mudança pode levar à nova variação, que pode ser solucionada devido a uma nova mudança por *gramaticalização...*” (Tavares, p.10). Assim, variação e mudança parecem decorrer uma da outra. Vejamos como ficaria este percurso:

Forma 1 – Função 1 > Função 2 > Função 3
Continuum de mudança – processo de gramaticalização;
Forma 2 - Função 2 > Função 3
Variação

O diagrama ilustra que temos uma forma (forma 1) desempenhando várias funções, mostrando o caminho contínuo do processo de *gramaticalização*. Na seqüência surge outra forma (forma 2) desempenhando as mesmas funções que a primeira, assim ocorre a variação: forma 1 – função 2 alternando com forma 2 – função 2; forma 1 – função 3 alternando com forma 2 – função 3.

CAPÍTULO V O FUNCIONAMENTO DO *QUER DIZER*

Este capítulo é constituído por duas grandes seções: a primeira apresentando nossa proposta classificatória para o funcionamento de **quer dizer**, contemplando a problematização levantada no capítulo I; e a segunda apresentando e discutindo resultados estatísticos que ajudam a delinear a configuração contextual de ocorrência das diferentes funções de **quer dizer**. Buscamos, assim, oferecer respostas às questões anteriormente formuladas e atender aos objetivos propostos nesta pesquisa.

1. FUNÇÕES DO **QUER DIZER** NO DISCURSO ORAL

1.1 Preliminares

Uma das dificuldades de nosso trabalho certamente é a tarefa de delimitar funções. Afinal, em que ponto acaba uma e começa a outra? Pelo fato de estas não serem estanques, isto é, de elas poderem mudar de acordo com o contexto discursivo em que se encontra o **quer dizer**, e também de apresentarem, freqüentemente, traços superpostos, muitas vezes é difícil decidir qual é exatamente a função de um elemento discursivo. Para tentar contornar esse problema, propomos o estabelecimento de quatro macrofunções para a *expressão quer dizer*, a partir da identificação das funções específicas de cada ocorrência analisada. Isso foi feito levando-se em consideração as semelhanças, os pontos afins de cada função, considerando que estas, às vezes, se sobrepõem e acabam por se confundir, pois “a mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das funções que lhes são peculiares” (Martelotta, 1998, p.66).

Antes de apresentarmos nossa proposta classificatória, é importante destacar que a *expressão quer dizer* possui uma característica geral que é comum à maioria dos dados analisados. Trata-se da propriedade de dar sequencialidade ao discurso, funcionando num duplo movimento: anafórico e catafórico²⁵, pois, ao mesmo tempo em que se volta para o trecho discursivo precedente, se projeta para o discurso subsequente, estabelecendo um elo coesivo.

²⁵ A anáfora e a catáfora são tratadas no âmbito textual discursivo, alargando a sua noção: não se trata, aqui, de recuperar um antecedente referencial específico, mas do movimento de ir e vir que o **quer dizer** representa.

Conforme já mencionamos no capítulo I, Martelotta (1998) considera a seqüenciação textual como uma das funções desempenhadas pelo **quer dizer**, mais especificamente pela combinação **então** + **quer dizer**, justificando que o informante estaria introduzindo novas informações sem usar os tradicionais elementos de coesão. Em nossa análise, encontramos vários casos em que a *expressão* é precedida do conector **então**, o que talvez reforce a idéia de seqüencialidade assinalada pela *expressão*. Isso não significa, porém, que nos casos em que o **quer dizer** não se faz acompanhar do **então**, não funcione como um seqüenciador. Julgamos mais pertinente, portanto, não isolar a seqüenciação como uma função específica, mas tratá-la como uma característica comum a várias funções.

Observemos os exemplos que seguem com e sem a presença do conector **então**.

- (1) Porque a senhora não se muda? Ela disse: “Não, essa é minha casa, fui eu que construí, daqui eu não saio. **Então quer dizer**, sabe que a qualquer momento, por exemplo, dá uma enxurrada, aí ou chove quinze, vinte dias, a casa dela vai estar totalmente debaixo da água. (BLU17, L1462)
- (2) ... a gente paga é o serviço normal, hora extra e mais alguma coisa por fora que o frentista recebe, né? **Então** assim não é lá grande coisa, **quer dizer**, pra empresa que paga um salário pra um funcionário, pra empresa é muito dinheiro e pra quem recebe não é nada, é muito pouco. (LDN17, L446)

Podemos ver que a idéia de seqüencialidade que perpassa estes exemplos ocorre concomitantemente a uma outra função específica, no primeiro caso a de esclarecedor e, no segundo, a de explicativo. Estas funções serão definidas e melhor caracterizadas na subseção seguinte.

Esse duplo movimento anafórico e catafórico parece estar presente em grande parte dos contextos de ocorrência do **quer dizer**, visto que esta *expressão* remete a elementos que a precedem e a seguem, fazendo o jogo de ir e vir dentro do discurso, conforme podemos ver, mais uma vez, nos exemplos que seguem.

- (3) E – E o teu pai assim, como é que ele tratava vocês?
F – O pai trata a gente bem, né? **quer dizer**, eu pelo menos ele trata bem, né? ... eu tenho um irmão que é mais velho que esse aí deu problema para o pai e a mãe, esse rapaz incomodou bastante, **quer dizer**, os irmãos tudo assim, até se casar eles incomodaram bastante assim, né? (BLU04, L305-307)
- (4) É, eu vou lá pra descansar, eu vou lá, faz um aperitivo, toma uma cervejinha, vai dar uma olhada na praia, toma um banho, **quer dizer**, é muito mais prático do que você estar sentado na beira de um rio sendo picado pelos mosquitos, né? (CTB02, L516)

Nos dois exemplos acima o **quer dizer** tanto remete-se ao que o precede (movimento anafórico) como ao que vem na sua seqüência (movimento catafórico). Em (3), o primeiro **quer dizer** atenua uma certeza que o informante fornece, isto é, que o pai trata bem os seus filhos. A *expressão* tanto remete ao fato de o pai tratar bem a gente (os seus filhos) quanto à especificação de que pelo menos o informante era bem tratado por seu pai (informação posterior ao **quer dizer**). Ainda em (3), o segundo **quer dizer** refere-se ao irmão mais velho ter causado problemas para o pai (contexto anafórico) e ao fato de que não só o irmão mais velho incomodou, mas os demais também (contexto catafórico). No exemplo (4) a anáfora é representada pelo contexto em que o informante dá preferência para descansar na praia, e a catáfora pela objeção de ficar à beira de um rio.

Feito esse registro de caráter geral, apresentamos, na seqüência, nossa proposta de categorização das diversas funções discursivas que **quer dizer** está assumindo no discurso oral, descrevendo e exemplificando o contexto de ocorrência de cada uma dessas funções, possivelmente como expansões de seu uso original. Concomitantemente a isso, buscamos traçar o percurso de mudança de **quer dizer**: do léxico para o discurso, via gramática.

A partir de uma análise crítica das funções apresentadas por diferentes autores e tendo em vista os paradigmas da *gramaticalização* e *discursivização*, realizamos uma análise criteriosa das ocorrências em nosso *corpus*, da qual resultou a apreensão de nove funções. Pretende-se que a ordem descrita corresponda a do percurso unidirecional que o **quer dizer** teria realizado a partir das expansões do significado de seu uso original.

Primeiramente, considerando o estatuto gramatical de **quer dizer** (conforme apresentado na subseção 1.1 do capítulo I) e os valores de reformulação tanto de ratificação como de retificação (correção) (conforme discutidos em 2.1 do capítulo I), estabelecemos quatro macrofunções, assim identificadas: *significa*, *ou seja*, *aliás* e *planejamento verbal*. Atribuímos os nomes de *ou seja* e *aliás* para duas das macrofunções porque, assim como o *significa*, estes elementos podem substituir o **quer dizer** nos contextos das funções as quais representam. Observe-se que a primeira macrofunção funciona como uma paráfrase lexical, a segunda corresponde à reformulação ratificadora, a terceira diz respeito à correção e a última, por sua natureza interativa diferenciada, equivale a MD.

A partir destas macrofunções, fomos distribuindo as funções específicas que se adequam a cada grupo, constituindo, desta maneira, o quadro de funcionamento do **quer dizer**. Assim, temos as funções de: 'significar' (*significa*), *retomar*, *explicar*, *concluir* e

esclarecer (*ou seja*), atenuar, retificar conteúdo, retificar forma (*aliás*) e preencher pausas (*planejamento verbal*).

Nas subseções seguintes, são tratadas as quatro macrofunções com suas respectivas funções.

1.2 Caracterização das funções do *quer dizer*

Primeiramente, antes de discutirmos cada função, vamos mostrar uma tabela para vermos melhor como se dá a frequência e a distribuição do **quer dizer** dentro de cada macrofunção.

A ordem de distribuição das macrofunções na tabela 1 está de acordo com a sequência que hipotetizamos para o caminho de mudança unidirecional: léxico > gramática > discurso. Assim, conforme já ressaltamos, as ocorrências intermediárias que têm comportamento discursivo semelhante estão reunidas nas macrofunções de articuladores textuais e as que se comportam de forma mais distinta, como o 'significar' e o preenchedor de pausa, pertencem a macrofunções específicas, situadas nos extremos da tabela.

TABELA 1 - FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO *QUER DIZER*

FUNÇÕES	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Significa</i>		
'Significar'	12	2
Articuladores textuais/ <i>ou seja</i>		
Retomador	17	2
Explicativo	67	10
Conclusivo	164	25
Esclarecedor	176	27
Articuladores textuais/ <i>aliás</i>		
Atenuador	30	4
Retificador de conteúdo	74	11
Retificador de forma	37	5
<i>Planejamento verbal</i>		
Preenchedor de pausa	82	12
TOTAL	659	100

A tabela acima nos mostra que a maior concentração de dados se dá nas macrofunções *ou seja* (424 ocorrências) e *aliás* (141 ocorrências), correspondentes aos articuladores textuais. Esta alta frequência de dados nestas macrofunções talvez esteja relacionada com uma das características da *gramaticalização*, que diz que quanto mais recorrente uma forma mais gramaticalizada ela se torna. Por sua vez as funções mais recorrentes também se encontram neste grupo, que são o esclarecedor (176 ocorrências) e o conclusivo (164 ocorrências). O **quer dizer** preenchedor de pausa e o retificador de conteúdo são os que vêm em seguida em termos de frequência.

Todas as funções que se encontram na tabela acima e que, portanto, foram atribuídas ao **quer dizer**, são depreendidas a partir do contexto onde se encontram os dados. Assim, não é exatamente o **quer dizer** que tem esta função, ele introduz uma seqüência discursiva que passa a determinar certas funções.

Na seqüência passamos a apresentar e descrever cada uma das macrofunções e suas respectivas funções.

1.2.1 A macrofunção *significa*

A primeira macrofunção, *significa*, realiza-se numa locução verbal, constituída, portanto, de auxiliar + infinitivo (exemplos (7), (8) e (9)). Funciona como uma espécie de paráfrase lexical, ou melhor, como introdutor de paráfrase lexical, não se expandindo em funções menores. Esse parece ser o caminho subsequente ao uso de **quer dizer** como 'desejar falar algo' (modal + infinitivo), como está exemplificado em (5) e (6) a seguir (cf. seção 1, capítulo I.).

(5) Quer dizer que fui criada num sistema muito antigo, não **quero dizer** arcaico. (CTB24, L779)

(6) Até faleceu o mais gordo, que quando na realidade, **quer dizer**, dizendo assim a gente **quer dizer** que não acredita, porque um pesou um quilo e meio e outro pesou quatrocentos e cinqüenta gramas. (CHP14, L357).

A partir destes exemplos parece que é possível apontar a via de mudança de **quer dizer**. Podemos ver na exemplificação a seguir em que o **quer dizer** tem o valor de '*significar*' que, diferentemente de (5) e (6), o sujeito da seqüência verbal perdeu seus traços de [+ humano] e [+ intencional]. Talvez, por este motivo, em (7), (8) e (9) o vínculo de **quer dizer** com o sujeito parece não ser mais tão nítido como anteriormente. Vejamos os exemplos.

- (7) Eu fazia comboio. Comboio **quer dizer** tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá. (FLP06, L21)
- (8) De vez em quando passavam por lá, achávamos que nós estávamos numa casa grande. casa grande não **quer dizer** que tu tenhas tudo. (SBO22, L221)
- (9) E também foi falha do piloto, no caso dele não **quer dizer** nada, isso está correndo o risco, todos eles estão sujeitos a falhar, todo mundo é humano, não é verdade? (LDN19, L501)

De acordo com Martelotta (1998), ‘querer’, ao passar a ter um valor menos intencional, classifica-se como verbo efetivo. Os verbos efetivos, conforme já comentamos na primeira seção do capítulo I, são os que efetuam os processos existentes no verbo principal. Diferentemente do que ocorre em (5) e (6), em que o valor semântico de **quer dizer** encontra-se tanto no modal ‘querer’ como no principal ‘dizer’, nos exemplos (7), (8) e (9) o valor semântico da locução concentra-se predominantemente no verbo ‘dizer’, que funciona como principal, no sentido de ‘*significar*’ – ‘Comboio *significa* tomando conta de navios mercantes ...’

A esse respeito, vejamos o exemplo abaixo extraído de Ferreira (1986), que mostra mais claramente como o ‘dizer’ funciona no sentido de ‘*significar*’.

- (10) Há em latim o verbo *fricare*, que diz ‘esfregar’ (Souza da Silveira, *Lições de Português*, p.76).

No exemplo acima ‘que diz’ pode ser substituído por ‘que significa’.

A função ‘significar’ que acabamos de apresentar introduz uma espécie de sinônimo, funcionando como uma paráfrase lexical, como já dissemos. Dado seu caráter lexical, com estatuto verbal, opera prototipicamente num âmbito sintático definido, ligando constituintes de natureza nominal (sujeito e complemento). Entretanto, ainda com vestígios semânticos de “significar”, o **quer dizer** vai ampliando os contextos de sua ocorrência e passa a ligar orações ou segmentos maiores, como podemos ver no exemplo a seguir.

- (11) Usado de maneira bastante errônea, né? em benefício de poucos ali, ou seja, uma pessoa, né? está tirando proveito disso e não pra o que veio fazer, mas pra uma outra coisa, lazer, né? e isso não veio pelo lazer. Então **quer dizer** que isso é uma questão de administração, de consciência, né? (BLU19, L275)

Neste trecho, embora a *expressão quer dizer* pudesse eventualmente ser substituída por ‘significa’, seu funcionamento gramatical é diferente de (7) a (9), apresentando características de conector.

Exemplos como (11) ilustram o caráter gradual e contínuo da mudança linguística, evidenciando a existência de categorias híbridas que superpõem traços de categorias distintas. Isso ratifica a abordagem funcionalista em termos de categorias não discretas, mostrando que os limites colocados entre as diferentes funções são, de certa maneira, arbitrários.

As funções que descrevemos a seguir parecem apresentar caráter mais textual, passando de um uso mais restrito, de uma ligação mais estreita com o sujeito e os outros elementos sintáticos, em que **quer dizer** funciona como núcleo verbal, para um uso mais textual, ampliando o leque de possibilidades funcionais no discurso oral. Talvez por assumir esse caráter textual o **quer dizer** passa a desempenhar outras funções (expande seu uso), tornando-se uma *expressão* de uso corriqueiro na fala, conforme atestado nos exemplos que virão em seguida.

Na seqüência temos um grande grupo que se divide em duas macrofunções. Este grupo é o dos articuladores textuais reformuladores, que tem como macrofunções *ou seja* (ratificação) e *aliás* (retificação).

A terminologia ‘articuladores textuais reformuladores’ surgiu a partir da verificação de que a *expressão quer dizer* é usada para fazer conexão, articular partes do texto. Além dessa ligação textual, a *expressão* também visa formular novamente o que o falante havia dito, seja para ratificar (esclarecendo, explicando...) ou retificar (atenuando, corrigindo), por isso a denominação reformulador.

A *expressão quer dizer*, ao assumir um caráter textual, perde os valores verbais de emotivo (modal) e efetivo (auxiliar), bem como as características gramaticais de flexão e de realização do sujeito, ao mesmo tempo em que se dissocia do traço de verbo *dicendi* originariamente presente em ‘dizer’. Em outras palavras, **quer dizer** não mostra mais vestígios de verbo; assim, também não existe mais um sujeito “localizado”, um termo imediatamente anterior à *expressão*, em estreita vinculação com esta. Como temos uma articulação entre segmentos textuais mais amplos, **quer dizer** adquire um valor relacional, como veremos nos exemplos a seguir.

1.2.2 A macrofunção *ou seja*

Na macrofunção *ou seja*, a expressão **quer dizer** comporta-se como um reformulador ratificador que auxilia na reiteração das informações (não necessariamente rediz, mas esclarece no mesmo contexto/temática/argumentação), subdividindo-se em quatro funções específicas: retomador, explicativo, conclusivo e esclarecedor. Em todas elas é possível a substituição de **quer dizer** por *ou seja*. A seqüência que estabelecemos para estas funções está relacionada à proximidade com a função ‘significar’ que apresentamos anteriormente. O **quer dizer** retomador parece ser o que mais se aproxima semanticamente de ‘significar’ (funcionalmente estaria desempenhando papel similar de “traduzir” ou “repetir”), e assim segue sucessivamente com as demais funções agrupadas em *ou seja*, evidenciando a nossa proposta de mudança contínua.

a) retomador: nesta função o **quer dizer** reintroduz informações, retoma uma idéia para dar ênfase. Vejamos os três exemplos a seguir.

(12) ... eu tenho, por exemplo, eu tenho um calendário da Marlboro aí no quarto que é pra mim saber todas as datas das corridas desse ano. Então eu estou sempre por dentro, sei quando é que vai ter corrida, pra mim pegar e acompanhar. Mas isso [a gente aprendeu a gostar com o tempo. Fórmula Um, eu comecei a assistir em setenta e quatro, quando o Emerson Fittipaldi corria na Fórmula Um.]²⁶ Então voltava pra casa, ligava a televisão, já sabia que tinha Fórmula Um, com idade que a gente tinha, né? pra pegar e acompanhar a Fórmula Um, pra ver o Emerson Fittipaldi correr. Então **quer dizer**, a gente aprendeu a gostar da Fórmula Um desde o tempo que o Brasil começou a se destacar na Fórmula Um, com o Emerson Fittipaldi. (CHP10, L742)

(13) [O nosso estado, eu acho que seria um estado riquíssimo.] Pela nossa região oeste, aqui ... uma região que [produz muito, (estímulo) muitos grãos ...] nossa região oeste do Estado de Santa Catarina é a que mais produz grãos pro estado, né? [Aqui nós temos três grandes frigoríficos: Sadia, Chapecó e a Coper Central Aurora em Maravilha também tem o frigorífico Aurora, São Miguel também tem, em Concórdia tem a Sadia.] Então **quer dizer**, é uma região que eu acho que teria tudo pra ser uma região muito rica, não só na produção de grãos, como também nisso, né? Na produção industrial. (CHP10, L1102)

²⁶ Para melhor visualizarmos qual a idéia que está sendo retomada colocamos entre colchetes ([...]), no próprio exemplo, cada uma delas.

- (14) Cada dez, quinze minutos [você está vendo uma pessoa diferente, está batendo um papo diferente,] você está falando sobre futebol, daqui a pouco está falando sobre um assalto que ocorreu em tal lugar, está falando mal do governo. **Quer dizer**, cada lugar que você entra, você tem um papo diferente com o pessoal, alguma coisa o pessoal tem pra comentar. (CHP10, L1015)

Note-se que nestes três exemplos anteriores, o falante usa a *expressão quer dizer* para retomar uma idéia, com o objetivo de dar ênfase ao que foi mencionado anteriormente.

- b) explicativo: esta função acrescenta informações explicativas, normalmente relacionando causa/efeito, nestes casos o **quer dizer** pode ser substituído por ‘porque’ e ‘pois’.

Em (15), (16) e (17) temos o **quer dizer** funcionando como um explicativo.

- (15) Me dava bem com as pessoas, **quer dizer**, eu era um guri simples, que gostava de todo mundo, não tinha raiva de ninguém. (CHP14, L148)

- (16) ... aquela época que era boa, né? Cidade era pequena, a gente conhecia, assim, todo mundo, ... A gente comprava comida assim: eu gosto às vezes de lingüiça, a gente comprava tudo de bastante, né? de assim, de saco. Não se comprava nada em quilo, tudo era de saco. A gente ia na praia, onde tem mercado hoje. Vinham canoas, ali a gente comprava uma saca de farinha, saco de feijão, era quilos de costela seca, carne seca, bastante lingüiça ... Manteiga se comprava era de lata, não era de quilo. **Quer dizer**, tinha mais fartura. E agora tem-se dinheiro e não tem fartura, né? tudo caro, a gente compra tudo de quilinho, que senão não dá, né? (FLP08, L301)

- (17) A minha esposa fala mais do que eu com os familiares dela. Nós temos uma pequena divergência lingüística, **que dizer**, eu falo o italiano clássico, ela fala o dialeto. (CHP20, L856)

Em (15) o **quer dizer** introduz uma explicação, o informante acrescenta uma informação do porquê ele se dava bem com as pessoas. Em (16) a informante fala que há alguns anos havia mais fartura, a comida era comprada em grande quantidade e utiliza a *expressão* para explicar que os alimentos eram adquiridos em porções grandes porque havia muita fartura. No exemplo (17) o informante usa o **quer dizer** para explicar porque ele e sua esposa possuem uma divergência lingüística, isto é, ele fala o italiano clássico e a esposa o dialeto. Nestes casos que acabamos de citar normalmente há uma relação de causa/efeito (tomada no sentido amplo).

- c) conclusivo: nesta função o **quer dizer** geralmente é seguido de um comentário resumitivo/avaliativo, podendo ser substituído por ‘portanto’, ‘por isso’.

Vejamos os três exemplos que seguem em que o **quer dizer** introduz uma conclusão.

- (18) Você tem que ter o seu estudo, porque na hora que o calo apertar, porque hoje nós estamos num país, o seguinte: você casa e descasa. Você está casando agora, daqui a pouco dá uma doida na cabeça do marido, ou dá uma doida na cabeça da mulher e lá foi um pra um lado, outro pro outro. Então quer dizer, pro homem tudo bem, que ele tem como se virar, está entendendo? Agora, quando chega no lado da mulher, aí é outra coisa. Agora, se ela tiver grau de estudo bom, tudo bem, ele foi embora, o que é que eu vou fazer, né? Se ele tinha que ir foi. Agora vou fazer a minha vida. Então, se vai pegar pensão do marido ou se não vai, mas ela já vai ter o ganho dela também, quer dizer, então não muda muita coisa na vida. (FLP02, L1391)
- (19) E - Já em relação ao Jango, o pessoal fala que ele era bem mais próximo, né?
F - É, porque ele conviveu numa época também mais próxima. Doutor Getúlio que talvez tenha convivido com ele na mocidade pode dizer também que ele era um sujeito que - E porque a história conta muita coisa dele, da vida - Agora o Jango vivia mais aqui, né? na nossa época, (estímulo) quer dizer que a gente conheceu melhor ele. (SBO11, L322)
- (20) Então Londrina, pelo porte que tem e pela infra-estrutura que ela tem hoje, ela teria que ter muito mais indústria, né? Porque ela tem uma infra-estrutura sensacional, então você vê, tudo aqui é, é tudo esgoto corrido, água tratada, tudo, né? quer dizer, é um bairro já assim, meio longe da cidade, e muito mais longe está, é tudo assim com tratamento de esgoto, tem água encanada, quer dizer, tem a infra-estrutura necessária, né? (LDN09, L1059)

Aqui podemos ver que o informante usa o **quer dizer** para concluir o assunto sobre o qual está discorrendo. Em (18) o **quer dizer** é usado para avaliar e concluir uma argumentação acerca da importância de estudar, principalmente para a mulher, e que tanto o marido como sua esposa tem que procurar construir sua vida sem esperar um pelo outro, pois caso haja separação ela não precisa ficar dependendo de seu cônjuge, vai construir sua vida sozinha, sem alterar seu cotidiano (“**quer dizer**, então muda muita coisa na vida”). Já em (19), o falante explica que o Jango viveu mais em sua cidade (São Borja) do que o Getúlio, e conclui, fazendo uso do **quer dizer**, que é por isso que conheceu melhor o Jango. No exemplo (20) a informante tece comentários sobre a infra-estrutura da cidade de Londrina, concluindo, através de um comentário resumitivo/avaliativo, que a cidade tem uma infra-estrutura que supre as suas necessidades.

- d) Esclarecedor: neste caso a *expressão* apenas acrescenta informações, sem relacionar causa/efeito, nem especificar, nem concluir, é uma função mais neutra em relação às demais. Vejamos como isso ocorre em (21), (22) e (23).

- (21) O bairro não desenvolveu pra esse lado não. É, cinema, você vê, ele até tinha certo movimento naquele tempo, né? **quer dizer**, quanto menos povo tinha, ele ainda estava estabelecido, quando começou a crescer ele sumiu. (CTB05, L902)
- (22) E hoje em dia você vê, as crianças já tem as facilidades, eu mesmo tenho um neto, mora comigo, então é Kombi, né? Kombi leva, traz as crianças da escola. **Quer dizer**, também não é necessariamente dos pais estar indo levar e buscar, as Kombis levam as crianças, os estudantes, né? (LDN10, L320)
- (23) Mas é como eu disse pra você, não adianta eles colocarem ônibus e ômbus. A população vai aumentando muito também, né? Então **quer dizer**, determinado conjunto abriu, ali dois três meses o ônibus passa vazio, mas já passou aqueles três meses, vem gente saindo pela janela. (CTB19, L1466)

Em (21) o informante está falando que o bairro onde reside não desenvolveu na parte cultural, que há anos o cinema era movimentado. Ele usa o **quer dizer** para acrescentar a informação de que quando o bairro era menos povoado havia cinema, quando cresceu o número de habitantes este desapareceu. No exemplo (22) a informante está comentando que as crianças, hoje em dia, têm muito mais mordomias, elas se deslocam para a escola com mais facilidade. Ela usa o **quer dizer** para acrescentar a informação de que se há um meio de transporte (a Kombi) para levar as crianças à escola, os pais não necessitam levar e buscar seus filhos, visto que já há uma maneira de eles se deslocarem ao colégio. Em (23) a informante está falando do meio de transporte de sua cidade (Curitiba), dizendo que não adianta aumentar a frota de ônibus porque a população também aumenta. Ela introduz o **quer dizer** para esclarecer ainda mais o que está dizendo, isto é, que são abertas novas linhas de ônibus, mas que em pouco tempo está tudo lotado novamente.

Na verdade, nas quatro funções descritas acima, o **quer dizer** caracteriza-se como um elemento esclarecedor. A diferença das três primeiras em relação à quarta é que naquelas, além de esclarecer, o informante retoma para dar ênfase ao que havia dito, explica e conclui, respectivamente; e nesta, apenas esclarece. Portanto, o esclarecedor seria uma função mais neutra em relação às demais.

Como já havíamos ressaltado, um de nossos objetivos é tentar traçar um caminho de mudança no plano da significação e do estatuto gramatical do **quer dizer**. Até o momento é possível descrever a seguinte via de alteração semântica/sintática para esta *expressão*, considerando-se a passagem léxico > gramática. Observemos o diagrama a seguir.

Verbo pleno

querer/dizer

Verbo modal - auxiliar (nível oracional)querer (+ dizer) = *significa* - 'significar'**LÉXICO****Articulador textual reformulador (nível textual)****QUER DIZER = *ou seja* - ratificador****retomador, explicativo, conclusivo e esclarecedor****GRAMÁTICA****LÉXICO > GRAMÁTICA****1.2.3 A macrofunção *aliás***

Assim como as funções que constituem a macrofunção *ou seja*, as que vêm a seguir também situam-se no grande grupo que denominamos de articuladores textuais reformuladores.

Há indícios de maior abstratização do **quer dizer** quando a *expressão* reformula e retifica, operando como *aliás* em funções de atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma, conforme veremos a seguir. Nesta macrofunção o **quer dizer** torna-se mais abstrato em relação a *ou seja* porque o informante o utiliza para organizar o seu ato de fala, não tendo como objetivo principal manter uma relação textual²⁷.

A seqüência destas funções dentro da macrofunção *aliás* justifica-se porque o **quer dizer** atenuador não retifica totalmente o que foi dito, apenas modaliza, assim se encontra mais próximo do **quer dizer** esclarecedor e vem antes do retificador, em termos de expansão semântica, que corrige totalmente o que foi falado.

a) atenuador: esta função do **quer dizer** serve para modalizar o discurso, abrandando, diminuindo o grau de certeza da informação, assim como mostram os três exemplos que seguem.

²⁷Os ratificadores da macrofunção *ou seja* não têm caráter apenas textual, eles também têm características pragmáticas interativas, no sentido que o falante quer colaborar com o ouvinte na compreensão de sua idéia, ou dar força aos seus argumentos.

- (24) O Alto Boqueirão acho que é lá pro lado do terminal, eu acho que deve ser o Alto, aqui acho que é o início do Boqueirão, né? que vai indo e o Alto é lá pro final. **Quer dizer**, eu acredito que é isso, a gente não sabe direito como é que é, só faz parte do Boqueirão. (CTB12, L774)
- (25) E – Então quer dizer que dá pra tirar um bom dinheiro, dá pra viver bem da profissão de alfaiate?
F - Dá, dá pra viver bem, dá. Dá pra viver bem. **Quer dizer**, vê, dá pra viver folgado, agora pra ficar rico é difícil, difícil. (CHP14, L615)
- (26) É, Londrina, a cidade não é assim, boa de se morar, tranqüila, **quer dizer**, já foi mais tranqüila, agora já está crescendo, né? (LDN17, L751)

Em (24), (25) e (26) o uso do **quer dizer** revela uma certa insegurança e/ou hesitação do falante quanto ao que está proferindo, por isso esse caráter atenuador.

No exemplo (24), os traços de atenuação vêm percorrendo todo o discurso do falante através do elemento discursivo '(eu) acho', no entanto essa atenuação parece ficar mais evidente quando a *expressão quer dizer* é usada. O informante vem afirmando onde fica o Alto Boqueirão e o Boqueirão, em seguida, querendo diminuir o grau de certeza do que havia dito, ele introduz um **quer dizer** para mencionar que acredita que seja esta a localização, mas não tem certeza.

Em (25), ao responder a pergunta do entrevistador sobre a possibilidade de viver bem como alfaiate, o informante afirma que sim, mas depois, numa atitude de retificar e modalizar o seu discurso, usando o **quer dizer**, justifica que é possível viver bem, mas não se chega a ficar milionário com essa profissão, como a princípio parecia estar dizendo. Por fim, em (26), o informante diz que Londrina não é uma cidade muito tranqüila, calma para morar. Ao introduzir o **quer dizer** ele ameniza o que acabara de falar dizendo que a cidade já foi mais tranqüila, e hoje, pelo fato de ter crescido, não tem muita tranqüilidade.

b) retificador de conteúdo: nesta função o **quer dizer** é usado pelo falante para corrigir a mensagem, o conteúdo recém informado, conforme podemos ver nos exemplos (27), (28) e (29) a seguir.

- (27) Monte Belo antigamente pertencia a Antônio Prado, **quer dizer**, Caxias do Sul. (CHP14, L48)
- (28) Não é como aqui, quando a gente estudava aqui era tudo pertinho, né? entrava no centro, era tudo pequenininho, **quer dizer**, era tudo pertinho, né? A igreja pertinho, o cinema, o teatro é pertinho. (LDN11, L1020)

(29) Uma vez nós estávamos pegando carona com uns amigos, assim, **quer dizer**, eram amigos de uma amiga minha. (FLP01, L904)

Nos exemplos acima os informantes estão reformulando/retificando o conteúdo de suas falas por meio do **quer dizer**.

Em (27) o falante corrige o nome da cidade de Antônio Prado para Caxias do Sul. Já em (28) a informante reformula/retifica que os locais eram todos ‘pertinho’ e não ‘pequeninho’ como havia dito. No último exemplo a informante está falando que pegou carona com alguns amigos. Ao introduzir o **quer dizer** ela retifica que estes amigos não eram dela, mas de uma amiga sua.

c) retificador de forma: o **quer dizer** é usado para corrigir a forma, o falante rediz a partir de outra estrutura. Os três exemplos que seguem estão reformulando/retificando a estrutura do enunciado e não o conteúdo propriamente dito, como nos casos apresentados anteriormente.

(30) Nós conhecemos a Itália, de Roma pra cima, digamos assim, de uma maneira bastante – **quer dizer**, giramos em praticamente toda a Itália do Norte. (CHP20, L558)

(31) Não quer casar. Não acha, **quer dizer**, não achou ainda o ideal. (CHP14, L525)

(32) E o resto é tudo casas nova, né? **quer dizer**, novas (POA07, L220)

Em (30) o informante utiliza a forma ‘de uma maneira bastante’, em seguida, com o auxílio do **quer dizer**, corrige aquela estrutura e dá início a outra para dar continuidade a sua fala. Já em (31) e (32) o informante corrige apenas uma palavra. No primeiro retifica a forma verbal ‘acha’ que se encontra no presente para outra que está no passado ‘achou’; no segundo corrige a palavra ‘nova’ (no singular) para ‘novas’ (no plural).

Martelotta (1998) já havia chamado a atenção para esta função retificadora, que denominamos de macrofunção *aliás*. O autor comparou esta função com a de *significar*, postulando que o **quer dizer** retificador passa a reformular falas anteriores, buscando facilitar o processamento do discurso e a recepção do ouvinte. Assim, observando os exemplos (24) a (32), parece que a *expressão* vai se desligando dos aspectos gramaticais para assumir papéis que se aproximam mais da interação, apontando para o foco de observação, de atenção, enfim para as situações de fala. Nestes exemplos o **quer dizer** tem caráter reformulador/retificador,

que visa corrigir o que foi dito, assim, a *expressão* pode ser substituída pela forma *aliás*, identificadora da macrofunção de reformulação/correção.

Fávero *et alii* (1999), ao fazerem uma análise dos tipos, das funções e das marcas de correção em um texto falado, postulam que as reformulações/correções constituem-se, em muitos casos, num processo retrospectivo para o falante e não necessariamente significam um “erro”, na verdade ele está à procura de um melhor sentido para o seu texto, como podemos constatar através dos exemplos citados.

As duas últimas macrofunções que apresentamos, *ou seja* e *aliás*, possuem algumas diferenças básicas. A primeira parece que envolve mais argumentação e complexidade cognitiva, pois parece trabalhar mais com o processamento do discurso, e a outra está no plano da mensagem propriamente, visando precisar com maior clareza o que foi dito, sem exigir tanta argumentação por parte do falante.

Ambas as macrofunções têm caráter textual, de articular partes do texto, mas *ou seja*, parece exercer mais este papel do que o *aliás*. Este último já estaria adquirindo traços pragmáticos/interativos, não ficando apenas no âmbito textual (uma macrofunção é mais interativa que a outra), abrangendo o contexto discursivo do falante em termos mais interacionais. Os exemplos apresentados anteriormente evidenciam isso, pois na macrofunção *aliás* o informante parece hesitar no momento da fala, revelando uma certa insegurança. Assim, nesta macrofunção, a preocupação do falante não se concentra mais especificamente na argumentação e/ou nas relações textuais propriamente, como em *ou seja*, mas em especificar/restringir o que havia dito. Nestes casos a atenção se volta para as situações ou as opiniões do que está sendo enunciado.

Além disso, Fávero *et alii* (1999) argumentam que quando se está no nível da paráfrase, que seriam os casos de *ou seja*, o ponto de contato com a equivalência semântica é maior em relação ao texto do que quando se corrige, como no uso de *aliás*.

Levando-se em consideração o que apresentamos sobre os articuladores textuais reformuladores, propomos um diagrama que resume o comportamento da *expressão quer dizer* dentro das macrofunções *ou seja* e *aliás*.

Articulador textual reformulador (nível textual)

ou seja ratificador

retomador, explicativo, conclusivo, esclarecedor

QUER DIZER

aliás retificador

atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma

GRAMÁTICA

1.2.4 A macrofunção de *planejamento verbal*

A nossa última macrofunção é a de *planejamento verbal*, que abriga os MDs, cuja função específica é a de preenchedor de pausa. Neste caso não há uma palavra que possa substituir o **quer dizer**, pois, como o próprio nome indica, não há um elemento discursivo para ser substituído, já que o falante está reorganizando o seu enunciado. Esta função se caracteriza por redistribuir as informações do enunciado, enfim, reorganizar o discurso. O falante mantém o turno, enquanto ganha tempo pensando sobre o que vai dizer ou colocando em ordem as informações. Geralmente aparece entre pausas, hesitações e em alguns casos há alongamento vocálico no e da palavra 'dizer', o que pode insinuar hesitação. (Marcuschi 1999, p. 165) Tem caráter essencialmente interativo. Observemos os exemplos.

- (33) Agora hoje você sai, vai pesquisar e pode combater, certo? (pausa) **Quer dizer**, (pausa), nas matérias que são realmente (pausa), **quer dizer** (pausa), o negócio da terra, o ar. (FLP13, L650-651)
- (34) Não tinha emprego, não tinha moradia, né? **quer dizer**, (pausa longa) é – não tinha é – instrução suficiente pra arrumar um trabalho. (LDN16, L958)
- (35) É, parece que era cruzeiro (estímulo do entrevistador e pausa), **quer dizer** (pausa e alongamento vocálico), dava cinquenta por cento pra casa, porque naquela época eu ainda estava em casa. (FLP13, L878)

Como podemos ver nos exemplos (33) a (35), o **quer dizer** é utilizado para reorganizar e redistribuir as informações do discurso. Além disso, a *expressão* normalmente vem precedida e/ou seguida de pausa, o que estaria caracterizando ainda mais a função de preenchedor de pausa, que é voltada ao processamento do discurso, visando organizar e facilitar a produção do falante (cf. Martelotta *et alii*, 1996).

Com a função de preenchedor de pausa fechamos o quadro de funcionamento do **quer dizer**, de acordo com os dados de que dispomos. Assim, o provável caminho de mudança seria léxico > gramática > discurso (nível extratextual).

LÉXICO

GRAMÁTICA

DISCURSO

Marcador discursivo (nível extratextual)

QUER DIZER = preenchedor de pausa

De acordo com o que mencionamos no capítulo III (metodologia), uma das maneiras encontradas para definir as funções foi a aplicação de testes com os exemplos que estamos analisando. Estes testes nos revelaram que a identificação das funções feitas pelos participantes coincidiu, na maioria dos casos, com aquilo que tínhamos pré-estabelecido. Aqueles que ficaram em dúvida acerca de uma ou outra função, ou ainda os que deram outra denominação, em grande parte dos casos, permaneceram dentro de uma das macrofunções estipuladas. Desta forma, estes participantes corroboraram com a nossa hipótese de um contínuo de mudança para o **quer dizer** e fortaleceram a nossa proposta de classificação. Os casos de dúvidas não extrapolaram os limites das macrofunções. Nesse caso fica mais uma vez evidente o caráter gradual e contínuo das expansões funcionais.

Antes de passarmos à próxima seção, faz-se necessário tecermos algumas considerações sobre outro emprego do **quer dizer**.

Em nossos dados encontramos algumas ocorrências de **quer dizer** desempenhando uma função que parece não ser muito típica deste elemento discursivo. A este novo emprego denominamos de 'delimitador de constituintes', pois normalmente se situa entre um nome ou um verbo e seus complementos.

1.3 O que seria este *quer dizer* ‘delimitador de constituintes’?

Martelotta (1996,1998), ao estudar o funcionamento do elemento discursivo *assim*, o denomina, em alguns casos, de ‘anunciador de uma função de complemento’. O autor adotou a terminologia utilizada por Silva e Macedo (1996). Esse ‘anunciador’ de complemento é observado em sentido amplo: complemento nominal e adjunto adnominal para nomes e complemento verbal, adjunto adverbial, predicativo, para verbos.

Vejamos alguns exemplos de Martelotta (1998, p.139).

(36) “... a parede (riso) as paredes todas são brancas ... pô... o chão é de tábua corrida ... tem uma passagem *assim* maneira da cozinha pra sala ...”

(37) “... a janela é de vidro ... tem muitas coisas ... muitas coisas *assim* que eu gosto de brincar ... “

(38) “... eu assistia muito televisão ... mas tinham *assim* temas mais culturais”.

A partir destes e outros exemplos que o autor cita, ele diz que estes empregos do *assim* surgiram através da extensão de seu uso, postulando que, pela sua posição estrutural, o ‘anunciador’ de complemento veio de usos discursivizados, seria um funcionamento posterior ao processo de *discursivização*. Desta forma, de acordo com Martelotta (1998), estas ocorrências de *assim* perdem marcas de seus usos pragmático/discursivo, como MD, e assumem novamente caráter gramatical. O autor marca a trajetória de mudança deste elemento da seguinte maneira: **dêitico > marcador discursivo > anunciador de complemento**. Esta trajetória coloca em discussão o princípio de unidirecionalidade no processo de *gramaticalização*, uma vez que haveria uma inversão de percurso: depois de chegar ao discurso voltaria para a sintaxe (gramática).

Após observarmos como se comporta o *assim* nesta posição de ‘anunciador’ de complemento, vamos ver o funcionamento do **quer dizer** como ‘delimitador de constituintes’²⁸. Antes de fazermos comentários sobre este uso analisemos os exemplos a seguir.

(39) Eu acho que ele fez um bom trabalho também. Porque ele foi, **quer dizer**, o mais votado de todos os deputados. (CHP14, L1363)

²⁸ Esta terminologia foi adotada por nós.

(40) ... o filho da gente, a gente tem um carinho muito grande, né? a gente, **quer dizer**, quer que eles fiquem debaixo da gente assim, sempre em roda da gente... (LDN17, L810)

(41) Eu adorava que eu sou gordinha, né? adorava um suquinho, um negócio, comer, né? Então quando eles não queriam dar pra mim, **quer dizer**, o suco, né? (FLP01, L319)

Observe-se que, nesses casos, a *expressão* em foco não apresenta estatuto verbal nem relacional (conector), mas insere-se entre os constituintes internos à oração, desempenhando uma função bastante peculiar.

Ao contrário de Martelotta (1998), que considerou o *assim* ‘anunciador’ de complemento como um uso posterior à *discursivização*, ponderamos que o **quer dizer** ‘delimitador de constituintes’, por traços de atenuação que ainda parecem se fazer presentes, não teria surgido após o processo de *discursivização*, mas concomitantemente ou derivado da macrofunção *aliás*. Nesse caso, não estaria se desviando do caminho unidirecional de *gramaticalização*. Estes possivelmente sejam os tipos mais próximos ao **quer dizer** preenchedor de pausa.

No entanto, como não dispomos de mais dados, não é possível expor resultados mais concretos em relação a este funcionamento do **quer dizer**. Apenas acreditamos ser interessante mostrar alguns exemplos comparando com o *assim* tratado por Martelotta, e chamar a atenção para o fato de que este emprego pode estar começando a se difundir agora. Consideramos que, se nossa análise bem como a do autor, não estiverem equivocadas, os dois elementos *discursivos* parecem não trilhar a mesma trajetória no que diz respeito a serem ‘delimitadores de constituintes’ e ‘anunciadores de complemento’.

Antes de dar início à próxima seção, resumimos abaixo os principais aspectos discutidos e analisados até o momento:

- o **quer dizer** desempenha muitas funções no discurso oral, e estas, por vezes, se caracterizam como híbridas, pois se sobrepõem umas às outras;
- há funções que têm caráter mais textual, como as que integram as macrofunções *significa* e *ou seja*, outras estão entre o textual e o interativo, como *aliás*, e o que é puramente interativo como *planejamento verbal*;
- em termos de expansão semântica parece haver uma hierarquia na ordenação das funções, assim como podemos observar na tabela 1;

- quanto mais uma função expande sua significação a partir das características originais, mais o **quer dizer** se torna abstrato, como ocorre nas macrofunções *aliás* e de *planejamento verbal*.

2 A RELAÇÃO DAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO **QUER DIZER** COM OS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS

Conforme já ressaltamos no capítulo II (questão e hipótese 2), testamos vários grupos de fatores que estão relacionados ao funcionamento da *expressão* em estudo. Estes grupos dizem respeito aos contextos discursivos e sociais (questão e hipótese 4) em que o **quer dizer** se encontra. Na verdade, o nosso primeiro e principal grupo de fatores são as funções que atribuímos ao **quer dizer**, que é nossa variável de referência neste trabalho.

Nesta seção apresentamos os contextos lingüísticos que selecionamos para esta análise: contexto anterior e posterior ao **quer dizer**, que estão relacionados ao escopo de abrangência da *expressão*, posição estrutural, temática discursiva, gêneros discursivos e pausa. Na seção subsequente faremos a apresentação dos contextos extralingüísticos que dizem respeito à região, à idade, ao sexo e à escolaridade.

2.1 Escopo anterior e posterior ao *quer dizer*

O escopo anterior e posterior ao **quer dizer** abrange o contexto sintático/semântico em que ele se insere. Para isso observamos, em ambos os escopos, os seguintes grupos de abrangência: SN/*expressão*, oração, frase/período composto, parágrafo/unidade temática e contextos sem escopo definido.

Vejamos agora exemplos que correspondem a este grupo de fatores.

Parágrafo/unidade temática antes do **quer dizer** e oração depois em (42); frase/período antes e depois em (43).

- (42) [Então Londrina, pelo porte que tem e pela infra-estrutura que ela tem hoje, ela teria que ter muito mais indústria, né? Porque ela tem uma infra-estrutura sensacional, então você vê, tudo aqui é, é tudo esgoto corrido, água tratada, tudo, né? quer dizer, é um bairro já assim, meio longe da cidade, e muito mais longe

está, é tudo assim com tratamento de esgoto, tem água encanada,]²⁹ então **quer dizer**, [tem a infra-estrutura necessária,] né? (LDN09, L1059)

(43) [Porque a gente escutava que diziam que a pessoa morria, né? passava mal, morria, né? se comesse – aí a gente ia – aí a gente fazia, **quer dizer**, né? comia banana e comia melancia.] **Quer dizer**, [a gente passava mal porque comia demais,] né? (FLP01, L1113)

Oração antes e depois do **quer dizer** em (44); oração antes e SN/expressão depois em (45).

(44) Então [a gente não tinha tempo,] **quer dizer**, [tempo tinha,] mas não tinha vontade ... (FLP02, L863).

(45) Então vou de vez em quando lá em Montevidéu porque [tenho parentes lá,] né? **Quer dizer**, [parentes da minha filha,] né? (POA01, L573)

Oração antes do **quer dizer** e sem escopo definido depois em (46).

(46) E, [ele inventou,] **quer dizer**, (pausa) então, de modo que isso não – Pode mudar o sistema, muda aqui, tira ali. (POA17, L413)

De acordo com nossas expectativas, na macrofunção *ou seja* o escopo anterior seria mais alargado do que nas macrofunções *significa* e *aliás*. Quanto ao escopo posterior, esperamos que funções como retomador, esclarecedor e explicativo tenham um contexto mais amplo (como frase/período) do que o conclusivo e o retificador de conteúdo e de forma. Os casos de escopo indefinido devem ser mais frequentes na função de preenchedor de pausa, devido as suas características como elemento extratextual.

Observamos as tabelas 2 e 3 que seguem, representantes, respectivamente, do contexto anterior e posterior de abrangência do **quer dizer** para verificarmos se as nossas expectativas se confirmam.

²⁹ Inserimos colchetes ([...]) nos exemplos para demarcar o escopo de abrangência do **quer dizer**.

TABELA 2 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E O CONTEXTO ANTERIOR

Funções/contexto anterior	SN/expressão		Oração		Frase/período		Par/Uni.tem.		Sem esc. def	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>Significa</i>										
'Significar'	9/12	75	3/12	25	0/12	0	0/12	0	0/12	0
Articulador textual/ ou seja										
Retomador	0/17	0	1/17	6	10/17	59	6/17	35	0/17	0
Explicativo	2/67	3	12/67	18	29/67	43	23/67	34	1/67	1
Conclusivo	2/164	1	13/164	8	74/164	45	72/164	44	3/164	2
Esclarecedor	7/176	4	39/176	22	91/176	52	39/176	22	0/148	0
Articulador textual/ aliás										
Atenuador	10/30	33	12/30	40	7/30	23	1/30	3	0/30	0
Retificador de conteúdo	18/74	24	48/74	65	6/74	8	2/53	3	0/53	0
Retificador de forma	15/37	40	17/37	46	3/37	8	1/37	3	1/37	3
<i>Planejamento verbal</i>										
Preenchedor de pausa	9/82	11	26/82	31	15/82	18	3/82	3	29/82	35
TOTAL		72		171		235		147		34

TABELA 3 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E O CONTEXTO POSTERIOR

Funções/contexto posterior	SN/expressão		Oração		Frase/período		Par/Uni.tem		Sem esc. def	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>Significa</i>										
'Significar'	6/12	50	4/12	33	2/12	16	0/12	0	0/12	0
Articulador textual/ ou seja										
Retomador	0/17	0	6/17	35	11/17	65	0/17	0	0/17	0
Explicativo	1/67	1	12/67	18	54/67	80	0/67	0	0/67	0
Conclusivo	4/164	2	89/164	54	69/164	42	0/164	0	2/164	1
Esclarecedor	11/176	6	48/176	27	112/176	63	5/176	3	0/148	0
Articulador textual/ aliás										
Atenuador	7/30	23	13/30	43	10/30	33	0/30	0	0/30	0
Retificador de conteúdo	17/74	23	46/74	62	11/74	15	0/74	0	0/74	0
Retificador de forma	3/37	8	26/37	70	8/37	21	0/37	0	0/37	0
<i>Planejamento verbal</i>										
Preenchedor de pausa	8/82	10	24/82	29	9/82	11	0/82	0	41/82	50
TOTAL		57		268		286		5		43

Inicialmente vamos falar das duas macrofunções principais, *ou seja* e *aliás*, que possuem comportamentos semelhantes entre as suas respectivas funções, no que se refere ao escopo. Na seqüência falaremos de *significa* e de *planejamento verbal*, que têm uma conduta mais atípica.

No contexto anterior as funções de retomador, explicativo, conclusivo e esclarecedor concentram o escopo do **quer dizer** em frase/período e parágrafo/unidade temática. Isso já era esperado, pois desde o início da análise havíamos percebido que o escopo que envolve estas funções parecia ser maior que os outros, devido ao caráter argumentativo que normalmente envolve estas funções. Já com relação ao contexto posterior estas funções predominam em frase/período composto (escopo um pouco mais alargado), com exceção do conclusivo que tem mais ocorrências no escopo oracional. Isso talvez se explica porque no contexto posterior do **quer dizer** que conduz a uma conclusão, normalmente o informante faz um resumo avaliativo do que disse anteriormente. Já retomar, explicar ou esclarecer algo pode exigir um contexto mais amplo.

Através das tabelas apresentadas e da descrição feita acima em relação ao grupo que denominamos de articuladores textuais reformuladores ratificadores, podemos ver que estas funções, de forma geral, têm algo em comum em relação ao seu escopo de abrangência, uma característica a mais para justificar o seu agrupamento.

Com relação à macrofunção *aliás*, que engloba o grupo dos articuladores textuais reformuladores retificadores: atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma, os contextos (anteriores) preferenciais de ocorrência são SN/expressão e oração. Nestes casos o esperado é que tivéssemos mesmo um escopo menor, mais localizado, pois nestas funções normalmente o **quer dizer** não alarga muito a sua abrangência contextuai ao que é dito antes, tendo em vista que uma retificação, por exemplo, visa corrigir algo que está mais próximo da *expressão*.

Quanto ao contexto posterior, as funções apresentadas no parágrafo acima concentram o escopo do **quer dizer** em orações. No entanto, o retificador de conteúdo e o atenuador dividem um pouco de suas ocorrências em SN/expressão e frase/período, respectivamente. Aqui também se esperava este comportamento das três funções mencionadas, pois os nossos contextos que envolvem retificações não são amplos, normalmente corrigem algo mais localizado, pois parece que o objetivo do uso do **quer dizer**, nestes casos, é a retificação imediata, visando não comprometer o informante com palavras equivocadas. Dentro desta

macrofunção *aliás*, o atenuador possui várias ocorrências com o escopo um pouco mais alargado, em frase/período, o que se justifica, porque ao atenuar o seu discurso o informante normalmente não usa apenas um SN para diminuir o grau de certeza da asserção, mas um período maior para fazer o seu rodeio frasal, abrandar a sua afirmativa, visto que esta função não visa apenas uma retificação.

As macrofunções *significa* e *planejamento verbal*, que correspondem às funções de ‘significar’ e de preenchedor de pausa, respectivamente, têm um comportamento particularizado em relação às demais, como vimos nas tabelas 2 e 3.

Quanto ao escopo que envolve ‘significar’, podemos ver que ele é bem próximo ao **quer dizer**, concentrando-se no SN/expressão, o que caracteriza o seu funcionamento, conforme pudemos verificar nos exemplos (7), (8) e (9) citados no início deste capítulo. O comportamento diferenciado desta função deve-se ao fato de que o **quer dizer** está funcionando como locução verbal nestes contextos, assim o que antecede esta locução seria um sujeito e o que vem na seqüência o complemento do verbo, como podemos ver em (47).

(47) A idade não **quer dizer** nada (FLP22, L272).

Nas ocorrências de preenchedor de pausa pudemos ver que na maioria das vezes não foi possível identificar o escopo, tanto anterior (29 ocorrências) e principalmente o posterior (41 ocorrências). Isso ratifica o comportamento do **quer dizer** em relação a esta função, que ocorre em posições e momentos não esperados, assim há uma dificuldade maior em manter relação textual com o que o precede ou vem na seqüência. Nesta função o informante normalmente não está fazendo relação com o que vem antes e depois do **quer dizer**. Ele usa esta *expressão* como forma de garantir o turno conversacional e planejar o que pretende dizer para dar continuidade ao seu ato de fala.

No contexto maior, que envolve parágrafo/unidade temática, vimos que na posição anterior ao **quer dizer** são poucas (apenas 5) as ocorrências encontradas, e na posterior não temos nenhum dado em relação ao preenchedor de pausa. Esse número quase insignificante de **quer dizer** nesta posição e um menor número de ocorrências nas demais posições, principalmente em frase/período e SN/expressão no contexto seguinte, que ao nosso ver parece representar um vazio maior do que no contexto anterior, pois o informante normalmente usa o **quer dizer** para dar continuidade e/ou retomar o que estava dizendo, tendo menos chances de manter relação textual com o que vem na seqüência, mostra que a

expressão funciona mais como reorganizadora das idéias e do contexto de produção da fala, do que do conteúdo propriamente dito, quando funciona como preenchedor de pausa.

Em ambos os contextos o escopo oracional do preenchedor de pausa concentra um bom número de dados de **quer dizer** (26 no contexto anterior e 24 no posterior). Uma explicação para estas ocorrências de escopo oracional pode estar relacionada à hipótese da gradualidade e do contínuo que estamos propondo ao **quer dizer**. Assim, pelo fato dos preenchedores de pausa ainda manterem traços que se sobrepõem aos retificadores, há ocorrências que possuem escopo oracional, tendo em vista que este escopo é mais recorrente entre os articuladores textuais retificadores.

Observemos agora dois exemplos relativos à função de preenchedor de pausa.

Sem escopo definido antes e depois do **quer dizer** em (48) e oração antes e sem escopo definido depois em (49).

(48) Chapecó foi uma das cidades que foi muito, (pausa) **quer dizer**, (pausa) não sei se é presidente da LBA, Chapecó foi uma das escolhidas. (CHP14, L1397)

(49) Mas no comecinho ainda eram aquelas populares “Maria Fumaça” mesmo, né? Colocava carvão mesmo, **quer dizer** (pausa e hesitação), mas era uma época gostosa, sabe? (LDN16, L286)

A tabela 3 mostra que o número de dados em relação ao escopo posterior parágrafo/unidade temática é praticamente insignificante a todas as funções (apenas 5 ocorrências no total), refletindo que o falante, ao utilizar a *expressão quer dizer*, não visa abrir muito o leque de informações em seu contexto posterior. Ao buscar a reformulação de algo que foi dito, o informante procura ser mais sucinto, possivelmente para facilitar o seu processamento e o entendimento do ouvinte.

2.2 Posição estrutural do *quer dizer*

A posição estrutural do **quer dizer** no contexto discursivo, que diz respeito à posição sintática ocupada por este elemento, é o próximo grupo de fatores a ser analisado. Apresentamos apenas algumas destas posições, as mais recorrentes, que são: oração + **quer dizer** + oração, oração + **quer dizer** + sintagma nominal/sintagma preposicionado, sintagma nominal/sintagma preposicionando + **quer dizer** + oração.

Observemos os exemplos relacionados a estas três posições do **quer dizer**, respectivamente.

(50) E- O senhor se lembra quando só tinha a ponte Hercílio Luz?

F- Me lembro.

E – Era terrível, né?

F- Me lembro. Não, mas naquela época não tinha quase movimento porque só tinha essa rua aqui. Descia por essa rua aqui e subia por essa rua ali. Tinha menos carro daquela época. Agora não, [todo mundo tem carro]³⁰, **quer dizer**, [o carro hoje em dia é uma necessidade.] não é um luxo. É uma necessidade. (FLP06, L721)

(51) Que existia em circo, existia o rodeio em circo, e – que tinha, que eles faziam aquelas lutas de boxe, luta livre, [fazia rodeio,] **quer dizer**, [aqueles circos em vila,] aquelas vilinhas, aqueles cirquinhos bem miudinhos... (LDN19, L1096)

(52) E- Ah, é verdade. Ele aqui é um bairro perto do centro, né?

F - É daqui a gente – Pra você ir de carro daqui até o centro são praticamente sete minutos, de ônibus dá vinte minutos ... Daqui você vai nas Mercês, você tem banco, você tem farmácia, supermercado, panificadora. hospital –

E- É bem pertinho, né? [Um monte de posto de gasolina, escolas, igrejas,] **quer dizer**, [você está praticamente no centro.] (CTB01, L224)

Levando-se em conta as leituras que havíamos feito sobre o **quer dizer** e a análise de seus contextos de ocorrência, esperamos que as posições entre orações predominem sobre as demais, o que pode ser confirmado na tabela 4 que segue.

Antes de apresentarmos a tabela devemos mencionar que a função ‘significar’ não se encontra nesta tabela porque devido a sua caracterização (funcionando como locução verbal, portanto como núcleo verbal), não se encaixa em nenhuma destas estruturas, conforme podemos verificar no exemplo (53).

(53) Então idade não **quer dizer** nada. (FLP22, L 272)

Observemos agora a tabela 4 em que se encontram as posições de **quer dizer** mais recorrentes de nossa amostra.

³⁰ Os colchetes (...) estão sendo usados para demarcar a posição estrutural do **quer dizer**.

TABELA 4 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E A POSIÇÃO ESTRUTURAL

Funções/ Posição estrutural	Oração QD Orção		Oração QD SN/SNPrep		SN/SNPrep QD orção	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Articulador textual/ou seja						
Retomador	14/17	82	1/17	6	2/17	12
Explicativo	57/67	85	1/67	1	5/67	7
Conclusivo	127/164	77	7/164	4	28/164	17
Esclarecedor	131/176	74	12/176	7	22/176	12
Articulador textual/aliás						
Atenuador	16/30	53	4/30	13	3/30	10
Retificador de conteúdo	42/74	57	12/74	16	11/74	15
Retificador de forma	18/37	48	1/37	3	17/37	50
<i>Planejamento Verbal</i>						
Preenchedor de pausa	37/82	45	12/82	15	22/82	27
TOTAL		442		50		110

De acordo com as nossas expectativas, a posição preferencial do *quer dizer* é entre orações (442 ocorrências), seguida de início de oração (110 ocorrências). Isso vem ao encontro do que Castilho (1989) e Marcuschi (1989) postulam sobre as posições que os marcadores ocupam no discurso oral. Quanto ao *quer dizer*, eles dizem que este marcador³¹ se encontra, preferencialmente, às margens ou na posição inicial de suas unidades discursivas (UDs, cf. Castilho) ou unidades comunicativas (UCs, cf. Marcuschi).

Conforme já apresentamos no capítulo IV (seção 2.1.2), Castilho caracteriza as margens, que para Marcuschi correspondem aos elementos discursivos que estão na posição inicial de turno e intraturno, como constituídas de elementos verbais e não verbais (os MDs), estando à esquerda ou à direita do núcleo das UD's ou UC's. Este núcleo é formado por orações dependentes ou independentes, ou ainda por SNs, quando o verbo não estiver expresso. Desta forma, os nossos resultados estão de acordo com a descrição apresentada por estes autores, tendo em vista que o *quer dizer* ocupa preferencialmente posições que estão entre orações ou entre orações e SN/SNPrep.

³¹ Conforme já ressaltamos na seção 2.1.2 do capítulo IV, esta posição estrutural do *quer dizer* não é válida apenas (no nosso caso) para os MDs, mas também para os elementos que ocupam a posição de articuladores textuais, visto que estamos diferenciando estes dois tipos, ao contrário de Castilho e Marcuschi, que nomeiam todo o *quer dizer* de marcador discursivo.

Além desta posição inicial o **quer dizer** também ocupa a medial, de acordo com Marcuschi, que ocorre nos pontos situados intraturno, quando este só tiver uma unidade conversacional. Os MDs que são usados nesta posição buscam auxílio para o discurso, quebram o raciocínio ou preenchem pausas. É nas posições mediais que se faz o planejamento verbal, de acordo com este autor.

O **quer dizer** que nós denominamos de preenchedor de pausa ocupa algumas vezes a posição medial. O exemplo (54) que damos na sequência, mostrando a posição medial ocupada pela *expressão*, está entre uma “parte” da oração (terminologia adotada também por Marcuschi). Mesmo não sendo uma oração completa, o exemplo ficaria no grupo entre orações, na tabela 4, pois, conforme mencionamos no capítulo II, o conceito de oração para o nosso trabalho não envolve, necessariamente, o preenchimento de argumentos internos e externos ao verbo, mas a existência de um verbo.

(54) Aquele tempo que só trabalhava mais era na colônia. Era sempre (hesitação – pausa), **quer dizer** (pausa longa), era a vida. (CHP14, L87)

A tabela 4 ilustra as posições estruturais mais recorrentes em nossa análise. 57 dados ficaram fora desta tabela, dentre eles estão 12 que fazem parte da função ‘significar’, conforme já mencionamos, e os demais são de outras posições como: iniciador de turno, posições intraoracionais e entre SN e SV etc.

De acordo com a descrição de nossos grupos de fatores, no capítulo II, foi controlada uma outra posição estrutural do **quer dizer**, que diz respeito aos elementos lingüísticos localizados no contexto imediato da *expressão*, como conectores (então, agora), elementos discursivos (né?, sabe?, aí), a conjunção integrante ‘que’. No entanto estes foram pouco freqüentes e nos pareceram sem importância para estabelecermos uma relação entre eles e as funções descritas, mesmo assim abordamos alguns aspectos gerais.

O maior número de dados nesta posição estrutural ficou concentrado nos casos em que o **quer dizer** é seguido da conjunção integrante ‘que’ (85 ocorrências); também teve alta freqüência quando o **quer dizer** é precedido de um elemento discursivo (56 ocorrências) e de um conector (51 ocorrências).

De forma geral, as funções que apresentaram mais dados com elementos lingüísticos localizados no contexto imediato ao **quer dizer** foram, respectivamente, preenchedor de pausa (48%), conclusivo (45%) e esclarecedor (36%).

2.3 Temática discursiva

A partir das observações feitas nas entrevistas levantamos cinco temáticas que são tratadas pelos informantes: social, pessoal, familiar, econômica e política. Além destas acrescentamos mais uma outra que engloba os assuntos não recobertos pelas temáticas especificadas acima.

Observemos alguns contextos temáticos em que o informante usa a *expressão quer dizer*. Os exemplos são, respectivamente, de temática social, familiar, pessoal, político, econômico e outros, que não se enquadram nos anteriores.

- (55) Florianópolis tem um problema sério de esgoto sanitário. Esse, eu acho, é um dos problemas mais sérios da cidade que infelizmente, nem as pessoas mais desenvolvidas se apercebem, ou não querem se aperceber, dos problemas que isso traz para a cidade... Hoje não é novidade para ninguém, que um dos locais onde mora, realmente a camada da sociedade mais privilegiada é realmente um dos lugares piores que têm de condições de vida, pelo problema do esgoto sanitário, **quer dizer** que é a Baía Norte, a Beira-Mar Norte, onde é jogado, e eu acho que em muitos casos o dejetos vai direto no mar. (FLP21, L808)
- (56) Ele escolheu as famílias tradicionais mesmo, né? Tanto é que tem descendência até de cavaleiros do rei de Portugal aí nos livros, né? Foram meus descendentes, **quer dizer**, ele escolheu as famílias mais tradicionais, né? praticamente os fundadores, né? Esse pessoal que os fundadores, **quer dizer** que aquelas famílias, ele foi desenvolvendo com as ramificações que as famílias iam tendo, né?... A minha família já veio com descendentes, né? **quer dizer**, a descendência dele é de um cavaleiro de um rei de Portugal, não sei o quê. (CTB02 L575,578,586)
- (57) E- E é, e o seu trabalho é interessante, às vezes é meio –
 F- Eu gosto. Eu não sei se desde que eu comecei trabalhar, que eu comecei a trabalhar no banco, né? Antigamente se chamava Sul Brasileiro, que agora passou a ser Meridional, né? Trabalhei lá nove anos. Daí trabalhei no caixa, daí saí, **quer dizer**, daí dizem que eu estava ficando sócia da casa, me mandaram embora. Daí eu dizia: “nunca mais quero saber de caixa na minha vida”. (CTB12, L366)
- (58) Olha, não é desse governo, que isso já vem de anteriormente. Isso é coisa que já vem de dez, quinze anos, vinte anos atrás. Porque todo o governo nunca olhou pela classe baixa, e nem pela classe média. Você já viu se eu for candidato a vereador, chegar lá? É difícil. Aquele lá passa ali por mim e: ah, aquele lá é mendigo, aquilo nunca estudou. Como é que ele vai ter condições de tocar uma câmara de vereadores? Chegar lá e botar lei? Implantar artigo? **Quer dizer**, então, essa falha já vem dos governos anteriores. (FLP02 L284)
- (59) Começamos a comprar, compramos os tijolos, a brita e paramos. Não dá pra comprar mais nada. O dinheiro não dá. Meu marido também trabalha no correio, ganha pouco. Esse mês veio dezesseis mil pra ele, **quer dizer**, trabalha em Capoeiras, tem que pegar ônibus, né? Veio de desconto pra ele de mil e duzentos de

vale-transporte. Então ele vai anular tudo. **Quer dizer**, nós dois é que nunca vamos poder com esse salário, não vamos poder ter nada. (FLP09, L512,516)

(60) Hoje dá frio, dois, três dias, mais dois três dias esquenta, hoje chove, amanhã sai sol, está quente, depois de amanhã já esfria, **quer dizer**, não dá pra entender, **quer dizer**, mudou muita coisa até nisso. (CHP10, L1309)

Verifica-se, nas entrevistas, que os falantes costumam apresentar e/ou discutir assuntos que estão mais próximos ao seu cotidiano, como aspectos sociais da comunidade em geral, bem como informações da vida pessoal e familiar. Estas informações normalmente são de fatos que marcaram ou que ainda fazem parte da vida do informante e das pessoas que com ele convivem. É por esses motivos que em quase todas as funções predominaram estas três temáticas, conforme se constata na tabela 5.

TABELA 5 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO QUER DIZER E A TEMÁTICA DISCURSIVA

Funções/ Temática	Social		Pessoal		Familiar		Econômico		Político		Outros	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>Significa</i>												
'Significar'	1/12	8	2/12	16	5/12	41	1/12	8	0/12	0	3/12	25
<i>Art. tex./ou seja</i>												
Retomador	3/17	17	8/17	44	3/17	17	1/17	6	0/17	0	2/17	12
Explicativo	19/67	28	19/67	28	9/67	13	7/67	10	5/67	7	8/67	12
Conclusivo	48/164	29	48/164	29	29/164	17	14/164	8	13/164	8	12/164	7
Esclarecedor	66/176	37	55/176	31	23/176	13	13/176	7	7/176	4	12/176	7
<i>Art. tex/ aliás</i>												
Atenuador	6/30	20	14/30	46	3/30	10	0/30	0	0/30	0	7/30	23
Retificador de c.	21/74	28	20/74	27	21/74	28	5/74	7	2/74	3	5/74	7
Retificador de f.	11/37	30	12/37	32	6/37	16	2/37	5	3/37	8	3/37	8
<i>Plan. Verbal</i>												
Preench. de pausa	33/82	40	13/82	16	19/82	23	4/82	5	7/82	8	6/82	7
TOTAL		208		191		118		47		37		58

Embora a diferença entre a temática social e a pessoal seja pouca, esperávamos que esta última tivesse um maior número de ocorrências em relação à primeira, pois há uma tendência de o informante falar sobre si mesmo, já que é induzido a isso.

Além disso, podemos observar na tabela acima que as diferentes funções de **quer dizer** comportam-se de maneira bastante parecida nestas temáticas, apresentando maior frequência naquelas que são mais recorrentes.

A expectativa inicial de que a macrofunção retificadora (*aliás*) pudesse ser mais frequente nos assuntos econômico e político, devido a um suposto distanciamento do falante, não se confirmou, pelo contrário, em ambos os assuntos há predomínio da ratificação (*ou seja*), especialmente das funções conclusivo e esclarecedor, o que se verifica também com os demais temas. O preenchedor de pausa também foi escasso nessas temáticas.

Portanto, em termos de temática discursiva, não há nada que particularize, de forma significativa, uma determinada função.

2.4 Os gêneros discursivos

De acordo com a proposta de Guy *et alii* (1986), apresentamos os cinco gêneros discursivos que encontramos nas entrevistas consultadas para estudar o **quer dizer**: narração, argumentação, opinião, factual e descrição.

Observemos agora os respectivos exemplos destes gêneros.

- (61) ... aquela época que era boa, né? Cidade era pequena, a gente conhecia, assim, todo mundo, ... A gente comprava comida assim: eu gosto às vezes de lingüiça, a gente comprava tudo de bastante, né? de assim, de saco. Não se comprava nada em quilo, tudo era saco. A gente ia na praia, onde tem mercado hoje, vinham as canoas, ali a gente comprava uma saca de farinha, saco de feijão, era quilos de costela seca, carne seca, bastante lingüiça ... manteiga se comprava era de lata. **Quer dizer**, tinha mais fatura. E agora tem-se dinheiro e não tem fatura, né? Tudo caro, a gente compra tudo de quilinho, que senão não dá, né? (FLP08, L301)
- (62) Mas é como eu disse pra você, não adianta eles colocarem ônibus e ônibus. A população vai aumentando muito também, né? Então **quer dizer**, determinado conjunto abriu ali, três meses o ônibus passa vazio, mas já passou aqueles três meses, vem gente saindo pela janela. **Quer dizer**, também eles até têm boa vontade, colocam mais ônibus, mas a população é muito grande, né? (CTB19, L1470)
- (63) O Alto boqueirão acho que é pro lado do terminal, eu acho que é que deve ser Alto, aqui acho que é o início do Boqueirão, né? que vai indo e que o Alto é lá pro final. **Quer dizer**, eu acredito que é isso, a gente não sabe direito como é que é, só faz parte do Boqueirão. (CTB12, L774)
- (64) ... estou com medicamento direto, é colocado de manhã e à noite, né? de manhã, meio dia, né? três vezes por dia é colocado o colírio pra manter a pressão baixa. **Quer dizer** que agora já estou colocando só de manhã e à noite, a pressão está normal, então não tem problema seguindo os horários. (BLU12, L137)

(65) Bem, é assim: a diretoria é composta de seis pessoas: tem a presidente, a vice-presidente, a primeira secretária, a segunda secretária, a primeira tesoureira, a segunda tesoureira. **Quer dizer** que a presidente é eleita pelas sócias do Apostolado, que nós somos quase em 200, né? (SBO17, L222)

Observemos, na tabela 6 que segue, como se dá a relação dos gêneros discursivos com as funções do **quer dizer**.

TABELA 6 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO QUER DIZER E OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Funções/gêneros Discursivos	Narração		Argumentação		Opinião		Factual		Descrição	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>Significa</i>										
'Significar'	7/12	58	0/12	0	5/12	41	0/12	0	0/12	0
Art. textual/ou seja										
Retomador	10/17	59	4/17	23	3/17	7	0/17	0	0/17	0
Explicativo	28/67	42	21/67	31	17/67	25	1/67	1	0/67	0
Conclusivo	76/164	46	45/164	27	39/164	24	2/164	1	2/164	1
Esclarecedor	91/176	52	45/176	25	28/176	16	8/176	4	4/176	2
Art. textual/ aliás										
Atenuador	11/30	36	7/30	23	12/30	40	0/30	0	0/30	0
Retificador de c.	48/74	65	10/74	13	12/74	16	4/74	5	0/74	0
Retificador de f.	18/37	48	9/37	24	9/37	24	1/37	1	0/37	0
<i>Planej. Verbal</i>										
Preench. de pausa	37/82	45	15/82	18	28/82	34	1/82	1	1/82	1
TOTAL	326		156		153		17		7	

Conforme já prevíamos, os contextos de ocorrência do **quer dizer** em textos descritivos e factuais é quase insignificante. Há o predomínio em narrativas, seguida dos textos argumentativos e de opinião, conforme podemos verificar na tabela acima.

Essa predominância de narrativas deve-se ao tipo de entrevista, em que os informantes são instigados a contar algo sobre suas vidas ou de outrem, acontecimentos da sociedade em geral, dentre outros, que levam a narrar fatos. O uso da argumentação e da opinião também está relacionado ao tipo de assunto que normalmente se faz presente nestas entrevistas, ou seja, o informante costuma argumentar e dar opiniões pessoais sobre temas sociais, políticos, econômicos. Assim, há uma relação estreita entre a incidência de assuntos abordados e os

gêneros discursivos usados. A argumentação e a opinião parecem estar relacionados ao caráter de subjetividade que a *expressão* muitas vezes denota. O uso do **quer dizer** se faz necessário para reformular ou planejar algo através da argumentação ou opinião individual de quem fala, muitas vezes motivado pelo interlocutor.

A exemplo do que foi observado na tabela 5 a respeito da temática, a tabela 6 também mostra uma distribuição não polarizada das funções nos três gêneros predominantes, com maior recorrência do **quer dizer** conclusivo e esclarecedor, mantendo a tendência geral de frequência dessas funções. Há uma pequena diferença quanto à terceira função preferencial para cada gênero: enquanto na narrativa aparece o retificador de conteúdo, na argumentação vem o explicativo e na opinião, o preenchedor de pausa (competindo com o esclarecedor). Na verdade o gênero opinativo não apresenta uma diferença tão nítida, quanto os outros dois, entre o **quer dizer** conclusivo (39 ocorrências), o esclarecedor (28 ocorrências) e o preenchedor de pausa (28 ocorrências), o que de certa forma, o particulariza frente aos demais.

Todavia, ao efetuarmos um cálculo percentual considerando os resultados de frequência para as funções esclarecedor, conclusivo, explicativo e retomador, relativamente ao total de ocorrências em cada gênero (leitura vertical da tabela), verificamos que o **quer dizer** articulador textual *ou seja* predomina na argumentação (74%), seguido da narrativa (63%) e da opinião (57%). Esse resultado parece apontar para o caráter mais argumentativo dessa macrofunção.

Por outro lado, tomando os retificadores em cada gênero, verificamos que a correção de conteúdo e de forma predomina na narrativa (21%), seguida da opinião (18%), sendo menos frequente na argumentação (13%). Por sua vez o atenuador é mais recorrente na opinião (8%) do que na argumentação (4%) e na narrativa (3%).

Já um cálculo concernente ao preenchedor de pausa, tomando também o número de dados desta função em cada gênero relacionando com o total de ocorrências no gênero, mostra o predomínio do **quer dizer** preenchedor de pausa na opinião (19%), aproximando as ocorrências entre a narrativa (11%) e a argumentação (10%).

Assim, embora os resultados numéricos não apresentem diferenças tão acentuadas, é nítida a correlação maior verificada entre: *ou seja* e argumentação; preenchedor de pausa e atenuador, e opinião; retificador e narração. Tais correlações atendem nossas expectativas.

2.5 A presença ou não de pausa junto ao *quer dizer*

Delimitamos quatro grupos que dizem respeito à pausa junto ao **quer dizer**: sem pausa antes e depois, com pausa antes e depois, pausa somente depois e pausa somente antes.

O elemento pausa foi proposto porque, de acordo com nossas expectativas, o **quer dizer** ocorre, predominantemente, com algum tipo de pausa, que pode interferir no uso e na escolha de determinadas funções, como o preenchedor de pausa.

Observemos a tabela 7 para vermos como se comporta o **quer dizer** diante deste grupo de fatores.

TABELA 7 - CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E A PRESENÇA OU NÃO DE PAUSA

Funções/pausa	Sem pausa antes e depois do QD		Com pausa antes e depois do QD		Pausa somente depois do QD		Pausa somente antes do QD	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>'Significa'</i>								
<i>'Significar'</i>	8/12	66	0/12	0	1/12	8	3/12	25
Art. textual/ou seja								
Retomador	8/17	47	3/17	17	1/17	6	5/17	29
Explicativo	19/67	28	5/67	7	6/67	9	37/67	55
Conclusivo	76/164	46	20/164	12	18/164	11	50/164	30
Esclarecedor	53/176	30	24/176	13	23/176	13	76/176	43
Art. textual/aliás								
Atenuador	7/30	23	6/30	20	3/30	10	14/30	46
Retificador de c.	29/74	39	16/74	21	8/74	11	21/74	28
Retificador de f.	15/37	40	7/37	19	2/37	5	13/37	35
<i>Planej. Verbal</i>								
Preench. de pausa	21/82	25	33/82	40	14/82	17	14/82	17
TOTAL		236		114		76		233

A tabela nos mostra que, independentemente da função, a maioria das ocorrências (423) se apresenta com algum tipo de pausa, o que vem confirmar nossas expectativas. A pausa pode estar caracterizando a subjetividade que muitas vezes perpassa o **quer dizer**. Além disso, pelo fato de o falante que usa esta *expressão* pretender, de forma geral,

esclarecer/reformular, acreditamos que os contextos com presença de pausa sejam mais recorrentes pela necessidade que ele deve ter de organizar o que deseja falar.

Das funções apresentadas na tabela 7, a maior expectativa em relação à presença de pausa antes e depois do **quer dizer** estava centrada nos preenchedores de pausa, pois esta função visa o planejamento verbal, requerendo mais tempo do informante para o processamento. Conforme verificamos na tabela acima, o maior número de ocorrências (33) desta função ocorre realmente entre pausas. Adicionalmente, numa leitura vertical da tabela, constatamos que os percentuais mais elevados de preenchedor de pausa em relação aos quatro fatores controlados se encontram entre pausas (29%) e com pausa depois do **quer dizer** (18%), em oposição a sem pausas (9%) e com pausa antes (6%). Desta forma, os resultados corroboram a estreita correlação entre a macrofunção planejamento verbal e a presença significativa de pausas, circundando o **quer dizer** ou seguindo-o.

Esta seção sobre os contextos linguísticos e o uso do **quer dizer** pode ser assim sintetizada:

- quanto ao escopo de abrangência do **quer dizer**, o contexto anterior se caracteriza por ser mais abrangente, com predomínio de frase/período composto (36%), oração (26%) e parágrafo/unidade temática (22%); o contexto posterior privilegia frase/período composto (43%) e oração (41%). No que se refere às macrofunções, *ou seja* (parafrástica) aparece em contextos mais amplos, depois de parágrafo ou frase e antes de frase ou oração; *aliás* (retificador) ocorre em contextos mais restritos, limitados por oração ou SN; preenchedor de pausa se manifesta preferencialmente em contextos com escopo indefinido;
- na posição estrutural o número de ocorrências de **quer dizer** se concentrou entre orações (67% dos dados), assim como esperávamos, dado o caráter de articulador textual presente na maioria dos dados;
- na temática discursiva verificamos que os falantes preferem discorrer sobre assuntos que estão mais próximos ao seu cotidiano, com predomínio de **quer dizer** em assuntos sociais (31%), pessoais (29%) e familiares (18%), não se verifica diferenças significativas entre as funções nessas temáticas;
- no gênero discursivo prevaleceram as ocorrências de **quer dizer** em narrativas (49%), seguidas de argumentação (24%) e opinião (23%). No que diz respeito às macrofunções e

às funções, *ou seja* predomina na argumentação e é menos freqüente na opinião; o preenchedor de pausa e o atenuador prevaleceram no discurso opinativo; o retificador de conteúdo e de forma estão mais presentes no discurso narrativo;

- quanto à pausa, vimos que na maioria das ocorrências (64%) o **quer dizer** está entre pausas, ou seguido ou antecedido, denotando a necessidade que o falante normalmente tem de organizar o que pretende falar quando usa esta *expressão*. Quanto às funções de maior destaque, 75% dos preenchedores de pausa aparecem nesse tipo de contexto; há predomínio de explicativos, atenuadores e esclarecedores precedidos de pausa e concentração da função 'significar' em contexto sem pausa.

3 O USO DO QUER DIZER E OS CONTEXTOS EXTRALINGÜÍSTICOS

Ao selecionarmos para esta pesquisa as sete cidades: Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Porto Alegre, São Borja, Curitiba e Londrina, acreditávamos que, por serem regiões com características distintas, pudesse haver também um uso diferenciado em termos de freqüência do **quer dizer** e de suas funções, além de uma possível influência de outros fatores sociais como idade, sexo e escolaridade dos falantes. Acontece que nossas expectativas ficaram parcialmente frustradas uma vez que a distribuição dos informantes por célula social ficou assimétrica (cf. Quadro 1, na metodologia). Assim, a análise dos resultados para os grupos de fatores sociais terá de ser relativizada.

As hipóteses em relação às variáveis sociais se apóiam na idéia do *continuum* que estaria caracterizando a expansão de significados de **quer dizer**, tendo como pano de fundo a noção de mudança lingüística, considerada sob a perspectiva da *gramaticalização* e da teoria da variação. Consideramos, então, a possibilidade de que a macrofunção *aliás* e a função de preenchedor de pausa sejam mais inovadoras, uma vez que, dado seu caráter retificador, estão mais distanciadas, em termos de significação, da função mais básica 'significar'.

3.1 Região

Com relação à região, testamos a hipótese de que a forma **quer dizer** não teria uma distribuição homogênea, nem em termos de freqüência de uso, nem em termos de funções

predominantes por região. Esperávamos que as capitais apresentassem um comportamento diferenciado em relação às demais cidades, com usos mais diversificados e, especialmente, com maior presença das funções tidas como mais inovadoras. Os resultados para essa variável encontram-se na tabela 8, que traz, ao lado da identificação de cada cidade, o número de informantes que produziram a forma em estudo.

TABELA 8 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E AS REGIÕES

Funções/ Região	FLP (11) Freq. %	CHP (5) Freq. %	BLU (8) Freq. %	POA (9) Freq. %	SOB (6) Freq. %	CTB (7) Freq. %	LDN (10) Freq. %
<i>Significa</i>							
'Significar'	4/12 33	1/12 8	1/12 8	0/12 0	2/12 16	1/12 8	3/12 25
<i>Ou seja</i>							
Retomador	1/17 6	7/17 41	0/17 0	0/17 0	1/17 6	4/17 23	4/17 23
Explicativo	15/67 22	9/67 13	5/67 7	4/67 6	7/67 10	12/67 18	15/67 22
Conclusivo	39/164 24	18/164 11	17/164 10	11/164 7	15/164 9	35/164 21	29/164 17
Esclarec.	28/176 16	34/176 19	21/176 12	18/176 10	12/176 9	34/176 19	27/176 15
<i>Alíás</i>							
Atenuador	3/30 10	7/30 23	4/30 13	1/30 3	2/30 6	7/30 23	6/30 20
Ret. de c.	15/74 20	19/74 25	5/74 7	7/74 9	1/74 1	11/74 15	16/74 21
Retif. de f.	3/37 8	14/37 38	1/37 3	6/37 16	0/37 0	2/37 5	11/37 30
<i>Pla. Verbal</i>							
Pre. de p.	10/82 12	29/82 35	2/82 2	4/82 5	3/82 3	7/82 14	27/82 33
TOTAL	118	138	55	51	43	115	138
Média por informante	10,7	27,6 15,5	6,8	5,6	7,1	16,4	13,8

A primeira observação a ser feita diz respeito ao número de informantes. É indiscutível que a forma **quer dizer** não tem um uso generalizado, uma vez que das 24 entrevistas rastreadas por cidade, o número de pessoas que utilizaram esta *expressão* oscila entre 5 e 11, não chegando a 50% em nenhuma das regiões consideradas. Em Chapecó e São Borja, por exemplo, os indivíduos que forneceram dados correspondem a apenas um quarto dos entrevistados. Ao nosso ver, isso é indício de que outras formas devem estar disponíveis para desempenhar as funções que identificamos para o **quer dizer**. Retomaremos essa questão ao discutirmos as formas variantes.

Dada a configuração da amostra, calculamos a média de ocorrências por informante (registrada na última linha da tabela). Como se pode notar, o índice proporcional mais alto está em Chapecó e o mais baixo, em Porto Alegre. Registre-se, porém, que em Chapecó há um informante que nos fornece 76 ocorrências da *expressão*, o que acaba elevando bastante o número de dados nesta cidade. Excluído tal informante, a média de ocorrências fica em 15,5, próxima à de Curitiba e Londrina.

Em termos de funções, Londrina apresenta uma distribuição mais equilibrada das ocorrências, com todas as funções presentes (a menos freqüente tem 3 dados), em oposição a Porto Alegre, onde não se verificou nenhum dado de 'significar' nem de retomador, e apenas uma ocorrência de atenuador.

A distribuição enviesada dos informantes por cidade inviabiliza uma leitura horizontal da tabela, que mostra a freqüência e os percentuais a partir do total de ocorrências de cada função³². Para contornar esse problema, realizamos os cálculos a partir do total de dados de cada cidade. Assim, numa leitura vertical da tabela, considerando-se as macrofunções, temos a seguinte distribuição percentual, a partir do total de dados das capitais:

TABELA 9 - PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES EM CADA REGIÃO

Funções/ Região	FLP %	POA %	CTB %	CHP %	SOB %	BLU %	LDN %
<i>Significa</i>	3,5	0	1	1	5	1	2
<i>Ou seja</i>	70	65	74	49	81	78	54
<i>Aliás</i>	18	27	18	29	7	18	24
<i>Pl. Verb.</i>	8,5	8	7	21	7	3	20

Desconsiderando Chapecó devido ao enviesamento na distribuição dos dados, ratificamos o registro de que Londrina apresenta a distribuição de funções mais equilibrada: 56% para a paráfrase (*significa* e *ou seja*), 24% para a retificação (*aliás*) e 20% para preenchedor de pausa. É a região que parece apresentar a maior expansão (das funções que se afastam mais do sentido original) de uso de **quer dizer**, seguida por Porto Alegre. Florianópolis e Curitiba apresentam um comportamento parecido, entre si, com uso ainda

³² Optamos por manter as tabelas com o mesmo padrão distribucional, mesmo que a leitura horizontal dos resultados fique prejudicada em alguns casos. Quando isso ocorrer, alertamos o leitor e apresentamos uma nova tabela com resultados mais significativos. A tabela geral, de qualquer forma, permanece em caráter ilustrativo.

intensificado da macrofunção *ou seja* (70 e 74%, respectivamente) e com os índices praticamente iguais para *aliás* (18%) e *planejamento verbal* (8,5 e 7%, respectivamente). A menor expansão funcional, com índice mais alto de retenção da paráfrase (86%), acontece em São Borja, seguida de Blumenau (com 79% de paráfrase).

Diante de tais resultados, podemos afirmar que as regiões apresentam comportamentos distintos em relação ao uso de **quer dizer** pelos falantes, confirmando parte de nossa hipótese inicial. Por outro lado, a expectativa de que as capitais apresentassem usos mais diferenciados, portanto, com maior concentração de funções expandidas, se confirmou apenas parcialmente, visto que, se por um lado a distribuição dos percentuais mantém um certo equilíbrio entre as capitais, por outro lado, é em Londrina que se verifica a maior presença de funções tidas como inovadoras.

3.2 Idade

No que tange à idade, embora as faixas etárias controladas não contemplem jovens e crianças, nossa expectativa era de que os informantes com mais idade utilizassem mais as macrofunções próximas da origem (*significa* e *ou seja*), enquanto os com menos idade teriam uma distribuição mais equilibrada no uso das funções. Vejam-se os resultados na tabela abaixo. Para relativizar a leitura, incluímos ao lado da idade o número de informantes de cada faixa etária.

TABELA 10 – CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* E A IDADE

Funções/ idade	25 a 49 anos (24)		+ de 50 anos (32)	
	Frequência	%	Frequência	%
<i>Significa</i>				
'Significar'	3/12	25	9/12	75
Articulador textual/ ou seja				
Retomador	8/17	47	9/17	53
Explicativo	26/67	39	41/67	61
Conclusivo	81/164	49	83/164	51
Esclarecedor	79/176	45	97/176	55
Articulador textual/ aliás				
Atenuador	13/70	43	17/30	56
Retificador de conteúdo	35/74	47	39/74	53
Retificador de forma	9/37	24	28/37	75
<i>Planejamento verbal</i>				
Preenchedor de pausa	33/82	40	49/82	60
TOTAL		287		372
Média por informante		12		12 (9,5)

Num primeiro momento, a média total/número de informantes em cada faixa etária mostra que não há diferença entre os falantes em termos de frequência de uso da forma *quer dizer* (média de 12 ocorrências por entrevistado). Considerando-se, porém, que o informante de Chapecó responsável por 76 dados tem cerca de 70 anos, a média na faixa etária mais velha cai para 9,5, ao isolarmos o referido informante nos cálculos desta tabela. Nesse caso, a frequência de uso fica um pouco maior entre os de menos idade.

Observe-se que a leitura horizontal da tabela fica um pouco prejudicada pelo número desigual de indivíduos nas duas faixas de idade, mesmo assim os informantes que possuem mais idade usam em maior número as funções de explicativo, atenuador retificador de forma e preenchedor de pausa.

Passemos agora a uma leitura vertical dos resultados, conforme procedemos no caso das regiões, distribuindo os percentuais das macrofunções por idade.

TABELA 11 – PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES POR IDADE

Funções/idade	25 a 49 anos (%)	+ de 50 anos (%)
<i>Significa</i>	1	2,5
<i>Ou seja</i>	68	62
<i>Aliás</i>	20	22,5
<i>Planejamento verbal</i>	11	13

Como se vê, a idade não é significativa para diferenciar usos. Nossa hipótese não se sustenta, observando-se, inclusive, uma leve inclinação ao contrário, pois há 69% de ocorrências das macrofunções parafrásticas (*significa* e *ou seja*) para os mais jovens e 64,5% para os de mais idade. Registre-se que as funções de maior uso pelo informante mais velho que destoa em relação ao número de dados, são as concernentes a *aliás* e *planejamento verbal*, o que acaba por neutralizar ou até inverter levemente a diferença observada na tabela em relação aos dois últimos fatores. Ressalve-se, aqui, que as faixas etárias controladas são insuficientes para testar possibilidades de mudança em tempo aparente.

Muitas pesquisas apontam que as formas inovadoras estão relacionadas aos informantes mais jovens. Caso isso seja válido também para funções inovadoras, e se as funções de retificação e de planejamento verbal forem realmente de uso mais recente, mantemos a expectativa de que os mais jovens utilizariam com maior frequência essas funções. Por outro lado, quanto à forma **quer dizer**, nada podemos afirmar em termos de inovação.

3.3 Sexo

Quanto ao sexo dos informantes, considerando o que a literatura sociolinguística variacionista tem mostrado sobre a influência do sexo na mudança linguística, e acreditando que o uso do **quer dizer** e de suas funções não seja estigmatizado socialmente, nem considerado de prestígio, supomos que haja poucas diferenças em termos de frequência entre homens e mulheres. Observem-se os resultados.

TABELA 12 - CORRELAÇÃO DAS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* COM O SEXO DOS INFORMANTES

Funções/ sexo	Masculino (27)		Feminino (29)	
	Frequência	%	Frequência	%
<i>Significa</i>				
'Significar'	7/12	58	5/12	41
Articulador textual/ ou seja				
Retomador	12/17	70	5/17	29
Explicativo	44/67	65	23/67	34
Conclusivo	81/164	49	83/164	51
Esclarecedor	98/176	55	78/176	44
Articulador textual/ aliás				
Atenuador	19/30	63	11/30	27
Retificador de conteúdo	37/74	50	37/74	50
Retificador de forma	21/37	58	16/37	43
<i>Planejamento verbal</i>				
Preenchedor de pausa	60/82	73	22/82	27
TOTAL		379		280
Média por informante		14 (11)		10

Nesse caso, a distribuição dos informantes está praticamente uniforme, o que viabiliza uma leitura horizontal da tabela. Observe-se que, no geral, há um uso um pouco mais acentuado da forma **quer dizer** pelos homens, especialmente nas funções de retomador, explicativo, atenuador e preenchedor de pausa. Novamente devemos fazer a ressalva de que o informante desviante é do sexo masculino e utiliza de forma bastante acentuada as macrofunções *aliás*, especialmente os retificadores, e *planejamento verbal*. Nesse caso, precisamos relativizar a diferença verificada entre os sexos nessas funções. Retirando-o dos cálculos na tabela 12, a média de ocorrências por informante cai para 11, revelando pouca diferença.

Os resultados de Coan (1997) mostram que quando uma forma não é estigmatizada, a variável sexo pode não oscilar (ou oscilar pouco), de modo que homens e mulheres tendem a ter o mesmo comportamento lingüístico. Levando-se em conta a média por informante, o que

Coan apresenta vem ao encontro de nossos resultados. O uso do **quer dizer**, aparentemente, não apresentando valor nem de estigma nem de prestígio, revelou pouca oscilação entre homens e mulheres. No entanto, como nossa análise está relacionada a funções, devemos nos deter mais no controle destas.

Vejamos como fica uma leitura vertical da tabela em relação à distribuição de homens e mulheres por macrofunção:

TABELA 13 – PERCENTUAL DAS MACROFUNÇÕES POR SEXO

Funções/sexo	Masculino (%)	Feminino (%)
<i>Significa</i>	2	2
<i>Ou seja</i>	62	67,5
<i>Aliás</i>	20	23
<i>Planejamento verbal</i>	16	8

Através desta tabela podemos ver que a maior diferença entre homens e mulheres encontra-se na macrofunção de *planejamento verbal* (16% e 8%, respectivamente). No entanto, essa diferença pode cair um pouco se considerarmos que há um informante do sexo masculino que utiliza de forma mais acentuada esta macrofunção.

De maneira geral, podemos dizer que a nossa hipótese tem alguma sustentação, pois na macrofunção *significa* homens e mulheres têm comportamento praticamente igual; em *ou seja* o sexo feminino retém um pouco mais o uso; e em *aliás* avança um pouco mais que os homens. Entretanto, a oscilação não é tão grande entre ambos os sexos. Assim, acreditamos que a nossa hipótese para a variável sexo pode ser considerada válida.

3.4 Escolaridade

No que diz respeito à escolaridade, prevíamos que as funções tidas como de maior complexidade cognitiva por envolverem relações semânticas mais elaboradas e atuarem num plano mais argumentativo, especialmente a explicativa e a conclusiva, prevalecessem entre os mais escolarizados; e que as funções mais associadas ao plano da mensagem propriamente, em especial as retificadoras, se concentrassem entre os menos escolarizados. Vejamos os resultados.

TABELA 14 - CORRELAÇÃO DAS FUNÇÕES DO *QUER DIZER* COM A ESCOLARIDADE

Funções/escolaridade	Primário (18)		Ginasial (19)		Colegial (19)	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
<i>Significa</i>						
'Significar'	6/12	50	1/12	8	5/12	41
Articulador textual/ou seja						
Retomador	4/17	23	8/17	47	5/17	29
Explicativo	22/67	33	29/67	43	16/67	24
Conclusivo	54/164	33	64/164	39	46/164	28
Esclarecedor	42/176	24	79/176	45	55/176	31
Articulador textual/aliás						
Atenuador	8/30	26	11/30	36	11/30	36
Retificador de conteúdo	13/74	17	35/74	47	26/74	35
Retificador de forma	7/37	19	21/37	57	9/37	24
<i>Planejamento verbal</i>						
Preenchedor de pausa	19/82	23	50/82	61	13/82	16
TOTAL		175		298		186

A distribuição dos informantes ficou praticamente homogênea quanto à escolaridade, facilitando-nos uma leitura horizontal da tabela. Os indivíduos com grau ginasial são os que mais usam o *quer dizer*, mesmo desconsiderando-se os 76 dados do informante desviante da amostra (caso em que restariam 222 ocorrências), cujas funções, como já dissemos, concentram-se no *aliás* e no *planejamento verbal*.

Contrariamente a nossa hipótese, constatamos que os mais escolarizados (colegial) são justamente os que fazem menor uso das funções explicativa e conclusiva e os que mais atenuam e corrigem o conteúdo e a forma, neste último caso incluímos os informantes do ginásio junto com os do colegial. Portanto, qualquer correlação entre graus de complexidade cognitiva associada a certas funções e graus de escolaridade fica invalidada por esses resultados.

Olhando do ponto de vista da expansão de significações, pode-se dizer que os informantes do primário são os que mais retêm as funções parafrásticas. Somando os dados destas funções em cada nível de escolaridade e dividindo pelo total de cada grau de escolaridade, obtivemos 73% das ocorrências para o primário, contra 68% do colegial e 61% do ginasial. Já os de maior nível de escolarização estão mais avançados no uso das funções

retificadoras, 25% dos dados de *aliás* são do nível colegial, contra 22% do ginasial – com a devida ressalva de enviesamento da amostra – e 16% do primário. Entretanto, esta tendência se modifica no uso de preenchedores, função que é menos usada pelos informantes do colegial. Nesse caso, pode-se aventar a hipótese de que tais indivíduos estariam menos sujeitos a hesitações e reorganização discursiva, fazendo menos pausas para articular as idéias.

Para fecharmos esta seção dos fatores sociais, vamos fazer uma breve comparação desta análise com resultados obtidos por outros estudos sobre a influência de fatores extralingüísticos no uso de elementos discursivos.

Martelotta (1998), ao estudar alguns MDs, diz que estes tendem a ocorrer entre os mais escolarizados. Ele comprovou isso com o **quer dizer**, o *entendeu?*, o *tá?* e o *agora*. O autor argumenta que o uso destes elementos discursivos entre os que possuem um grau mais elevado de escolaridade está relacionado às marcas de interação presentes nestes elementos, principalmente nos três primeiros citados. Já Tavares (1999), estudando o comportamento de *então*, *ai*, *dai* e *e* na fala florianopolitana, averiguou que a forma tida como estigmatizada, o *ai*, é mais usada entre os menos escolarizados, e *então* e *e*, que são tidas como menos estigmatizadas, são mais usadas pelos informantes mais escolarizados. Em nossa análise, embora não tenhamos analisado comparativamente diferentes formas, verificamos que os mais escolarizados se utilizam com maior frequência do **quer dizer**, forma que julgamos ser não estigmatizada.

Quanto ao fator idade, Tavares verificou que as formas mais estigmatizadas (*ai* e *dai*) são usadas, preferencialmente, entre os jovens e as menos estigmatizadas (*então* e *e*) pelos mais velhos. Conforme vimos na tabela 10, feita a ressalva do informante que destoa em relação ao número de ocorrências, nossos informantes mais jovens usam um pouco mais a forma **quer dizer** do que os mais velhos. Entretanto, nada podemos dizer sobre uso preferencial de formas, já que nosso estudo não é variacionista nos moldes labovianos.

Em relação ao fator sexo, Tavares verificou que os homens usam a forma mais estigmatizada (*ai*), como era esperado, e a menos estigmatizada (*então*) também, contrariando as suas hipóteses. As mulheres usam mais o *dai*, que é tido como estigmatizado. Quanto ao uso do **quer dizer**, considerando a média por informante (cf. tabela 12), as mulheres usam

menos a *expressão* do que os homens, apesar de que esta diferença é pouco acentuada, sustentando-se assim a hipótese.

A partir desta comparação do nosso estudo com o de outros pesquisadores, vemos que os fatores sociais sempre acabam exercendo algum tipo de influência no comportamento dos elementos discursivos.

Resumidamente, os resultados concernentes às variáveis sociais mostram que:

- em linhas gerais, a macrofunção *ou seja* é largamente predominante em todas as cidades, entre os mais jovens e mais velhos, entre homens e mulheres e nas três escolaridades; entretanto, existem diferenças significativas em termos de distribuição de frequência relativamente a algumas variáveis;
- Londrina é a região que se mostra mais inovadora (usa funções que se afastam mais da significação original), com maior expansão de uso de **quer dizer** (seguida por Porto Alegre), contrapondo-se a São Borja (e Blumenau), onde o índice de ocorrências de paráfrase é bem mais significativo; Florianópolis e Curitiba situam-se a meio caminho;
- a idade não se mostrou relevante para diferenciar usos do **quer dizer**;
- as mulheres e os homens têm um comportamento quase equilibrado, sendo que elas usam mais as macrofunções *ou seja* e *aliás* e eles avançam, de forma um pouco mais acentuada, na macro-função de *planejamento verbal*;
- os informantes com grau de escolaridade mais baixo retêm mais o uso das macrofunções parafrásticas, contrapondo-se aos mais escolarizados (colegial e ginásial), que se destacam no uso das funções retificadoras recobertas pelo *aliás*; o nível colegial utiliza em menor escala os preenchedores de pausa, contrapondo-se ao ginásial, que usa mais esta função.

Tais resultados mostram que as variáveis sociais apresentam correlações interessantes com o emprego do **quer dizer** e de suas funções.

Neste capítulo descrevemos as funções que o **quer dizer** está desempenhando na fala e a correlação destas com os contextos lingüísticos e extratextuais em que ocorrem. O capítulo seguinte trata do percurso de mudança da *expressão quer dizer* via *gramaticalização* e *discursivização*.

CAPÍTULO VI *QUER DIZER*: NO CAMINHO DA GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

Este capítulo traz à discussão aspectos teóricos apresentados no capítulo IV, relacionando-os com a mudança de estatuto gramatical de 'querer', 'dizer' e de **quer dizer**, mostrando o caminho hipoteticamente percorrido por estes elementos rumo à *gramaticalização* e à *discursivização*. Assim, faremos um apanhado geral do que discutimos até o momento, principalmente das funções que apresentamos no capítulo anterior, para mostrarmos os rumos que a *expressão quer dizer* está seguindo na sua trajetória de mudança. Na seqüência também abordaremos a questão da *gramaticalização* e da variação lingüística, apresentando algumas formas alternantes para o **quer dizer**.

1 O PERCURSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA EXPRESSÃO QUER DIZER

O funcionalismo lingüístico prevê que as línguas podem mudar constantemente em função das circunstâncias sob as quais as pessoas as usam e do próprio sistema lingüístico. Desta maneira, a *expressão quer dizer*, pelo que observamos no capítulo anterior, está se moldando e funcionando de acordo com os contextos que os falantes determinarem, passando por dois grandes processos de mudança lingüística: a *gramaticalização* e a *discursivização*.

Conforme já expusemos no quadro teórico do capítulo IV, a *gramaticalização* é um processo de mudança lingüística em que itens lexicais pertencentes a uma categoria maior (nomes, verbos) passam para uma categoria menor (preposições, conectores). As diversas funções assumidas pela *expressão quer dizer* (descritas no capítulo V) já são indícios de que este elemento lingüístico sofreu *gramaticalização*. À medida que deixam de ser verbos plenos (cf. capítulo I) 'querer' e 'dizer' começam a adquirir outras funções e ter outro emprego, até se tornarem o que rotulamos como uma *expressão* (definida no capítulo I).

A *gramaticalização* sofrida pelo **quer dizer** passa, de acordo com nossa análise, por três etapas: parte de 'querer' e 'dizer' como verbos plenos, para 'querer' como modal, 'querer' como auxiliar e a *expressão quer dizer* como articulador textual. Embora não dispomos de dados históricos em nossa pesquisa supomos, de acordo com os dados

sincrônicos analisados e com a teoria que nos respalda, que estas sejam as etapas percorridas pela *expressão* no processo de *gramaticalização*.

1.1 ‘Querer’ e ‘dizer’ como verbos plenos

Acreditamos que, pelas suas origens, ‘querer’ e ‘dizer’ começaram a sua trajetória de mudança como verbos plenos. Assim sendo, eles trazem a sua significação original: ‘querer’ designa desejo, ter vontade, ter intenção e ‘dizer’ enunciar, narrar, significar. Vejamos os exemplos³³ que seguem.

- (1) Eu *quero* que ela arrume um emprego, uma coisa, porque enquanto a gente vive, a vida que ela teve sempre vai ter, né? (ter vontade de, desejar – SBO06, L239).
- (2) Ele sempre *dizia* que tudo o que eu fazia era bem feito (enunciar, exprimir por palavras – POA24, L454)

A partir do uso como verbos plenos, ‘querer’ e ‘dizer’ foram desenvolvendo um novo estatuto gramatical. Observemos a primeira etapa de mudança.

1.2 ‘Querer’ como modal

Como modal, o verbo ‘querer’ passa a ter um comportamento diferenciado, pois ele irá funcionar ao lado de outro verbo, formando uma seqüência verbal que passa a significar ‘desejar falar algo’. Vejamos o exemplo que segue.

- (3) Mas o problema é a minha esposa, né? que tem esse problema que me entristece bastante, de ver ela assim, ela *quer dizer* as coisas e não pode. (CTB02, L1065)

Em (3) o ‘querer’ assume traços de verbo modal de intenção, visto que ele acompanha outro verbo no infinitivo e funciona como modalizador do discurso do sujeito do enunciado. Nestes casos a modalização tem um caráter intencional. Já o verbo ‘dizer’ torna-se objeto de ‘querer’, havendo correferencialidade entre os sujeitos dos dois verbos, ambos os sujeitos referem-se à mesma entidade discursiva.

³³ Muitos dos exemplos e da argumentação que se encontram neste capítulo são os mesmos ou semelhantes aos citados nos capítulos I e V, no entanto eles se fazem necessários para explicar a trajetória de mudança, já que estamos fazendo uma retomada das discussões apresentadas.

1.3 'Querer' como auxiliar

A questão da auxiliaridade do verbo 'querer' não é consensual entre gramáticos e lingüistas. Nesta dissertação consideramos que em alguns casos 'querer' funciona como auxiliar, conforme vemos em (4) a seguir.

- (4) De vez em quando passavam por lá, achávamos que nós estávamos numa casa grande, casa grande não **quer dizer** que tu tenhas tudo. (SBO22, L221)

Neste exemplo podemos dizer que ambos os verbos destacados formam um conjugado, ou seja, uma locução verbal. Eles não são mais independentes como em (3). Ao assumir o estatuto de locução, 'querer' e 'dizer' passam a desempenhar um outro papel no discurso, visto que ambos os verbos sofreram mudanças, principalmente o auxiliar 'querer'. Já o verbo principal 'dizer' carrega traços, nesta locução, de seu significado original (no sentido de significar), conforme podemos ver na seqüência quando substituímos a locução pela palavra significa: 'casa grande não *significa* que tu tenhas tudo'.

A partir destes exemplos podemos ver que o **quer dizer** começa a se encaixar dentro das funções e macrofunções que estipulamos (cf. capítulo V). É deste momento em diante que a *gramaticalização*, como um processo de mudança, começa a se tornar mais evidente na seqüência **quer dizer**.

A primeira macrofunção do **quer dizer** que delimitamos a partir de nossos dados é *significa*, que tem 'significar' como função, conforme vimos em (4). Esta parece ser a etapa subsequente ao funcionamento de 'querer' como modal (cf. (3)), que já sofreu mudanças de estatuto como verbo pleno.

O percurso que foi delineado até o momento nos mostra que 'querer' está entrando nos domínios da generalização (cf. Hopper e Traugott, 1993). Esta é uma das características da *gramaticalização* em que pode ocorrer aumento nas polissemias de uma forma e/ou também o aumento progressivo de um item lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical.

À medida que 'querer' assume outras funções que não são as de verbo pleno, ele já começa a ter outras características polissêmicas e se distanciar dos itens lexicais, isto é, de seu significado mais concreto. Inicialmente, como no exemplo (3), 'querer' tinha um sujeito [+humano], [+intencional]; quando passou a integrar uma locução e a assumir, junto com o

verbo principal, a função de ‘significar’ foi se distanciando da experiência humana rumo a um mundo mais abstrato.

1.4 *Quer dizer* articulador textual

Mostramos até o momento os percursos de ‘querer’, ‘dizer’ e **quer dizer**, mas não chegamos a nossa questão principal que é a *expressão* propriamente dita. É quando passa a assumir valor de *expressão* que **quer dizer** começa a exibir mais nitidamente as suas etapas de mudança por meio da *gramaticalização*, visto que é a partir deste momento que os itens que formam a *expressão* perdem os seus valores verbais (em que funcionavam como núcleo verbal) para assumir um caráter textual. À medida que a relação sintática do **quer dizer** com os elementos do discurso se torna menos evidente, as possibilidades de ampliar seu leque de funções parecem ficar mais nítidas.

O grupo que denominamos de articuladores textuais reformuladores, conforme já vimos no capítulo V, possui duas macrofunções: *ou seja* que se subdivide em quatro funções, que são denominadas de retomador, explicativo, conclusivo e esclarecedor; e a macro-função *aliás* que comporta as funções de atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma.

Estas duas macrofunções foram assim subdivididas, pois acreditamos que *aliás* esteja em um período mais avançado da *gramaticalização*, visto que o **quer dizer** não mantém apenas relações textuais, passa a apontar situações do discurso, como a observação e a atenção do informante em relação ao que está falando.

Já em relação às funções dentro de cada grupo, é mais problemático dizer qual que se gramaticalizou antes, pois não dispomos de dados históricos que possam nos auxiliar nesta classificação. Mesmo assim, levando-se em consideração os aspectos semânticos de cada função, definimos uma seqüência hierárquica para cada uma delas, conforme consta no capítulo V. No entanto, isto não significa que uma das etapas não conviva com a(s) outra(s). Desta forma, o **quer dizer** retomador foi o primeiro apresentado na macrofunção *ou seja*, pois parece que é o que mais se aproxima de ‘significar’, devido a sua característica de paráfrase lexical, e assim segue sucessivamente com as outras funções (explicativo, conclusivo, esclarecedor), observando o grau de proximidade semântica entre uma e outra.

Na macrofunção *aliás* também parece-nos que o **quer dizer** atenuador (primeiro da seqüência) se aproxima mais do esclarecedor (último da macrofunção *ou seja*) porque, ao

contrário dos retificadores, o informante ao atenuar o discurso não anula totalmente o que dissera antes, apenas modaliza para dar mais clareza e sustentação ao que está dizendo.

Reapresentamos agora alguns exemplos destas duas macrofunções para posteriormente comentarmos o seu funcionamento. Os exemplos (5), (6), (7) e (8) correspondem às funções de retomador, explicativo, conclusivo e esclarecedor, respectivamente; (9), (10) e (11) representam as funções de atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma, respectivamente.

- (5) [O nosso estado, eu acho que seria um estado riquíssimo.] Pela nossa região oeste, aqui ... uma região que [produz muito, (est) muitos grãos ...] nossa região oeste do Estado de Santa Catarina é a que mais produz grãos pro estado, né? [Aqui nós temos três grandes frigoríficos: Sadia, Chapecó e a Coper Central Aurora ... em Maravilha também tem o frigorífico Aurora, São Miguel também tem, em Concórdia tem a Sadia]. Então **quer dizer**, é uma região que eu acho que teria tudo pra ser uma região muito rica, não só na produção de grãos, como também nisso, né? Na produção industrial. (CHP10, L1102)
- (6) A minha esposa fala mais do que eu com os familiares dela. Nós temos uma pequena divergência linguística, **que dizer**, eu falo o italiano clássico, ela fala o dialeto. (CHP20, L856)
- (7) Então Londrina, pelo porte que tem e pela infra-estrutura que ela tem hoje, ela teria que ter muito mais indústria, né? Porque ela tem uma infra-estrutura sensacional, então você vê, tudo aqui é, é tudo esgoto corrido, água tratada, tudo, né? **quer dizer**, é um bairro já assim, meio longe da cidade, e muito mais longe está, é tudo assim com tratamento de esgoto, tem água encanada, então **quer dizer**, tem a infra-estrutura necessária, né? (LDN09, L1059)
- (8) E hoje em dia você vê, as crianças já tem as facilidades, eu mesmo tenho um neto, mora comigo, então é Kombi, né? Kombi leva, traz as crianças da escola. **Quer dizer**, também não é necessariamente do país estar indo levar e buscar, as Kombis levam as crianças, os estudantes, né? (LDN10, L320)
- (9) E – Então **quer dizer** que dá pra tirar um bom dinheiro, dá pra viver bem da profissão de alfaiate?
F - Dá, dá pra viver bem, dá. Dá pra viver bem. **Quer dizer**, vê, dá pra viver folgado, agora pra ficar rico é difícil, difícil. (CHP14, L615)
- (10) Monte Belo antigamente pertencia a Antônio Prado, **quer dizer**, Caxias do Sul. (CHP14, L48)
- (11) Não quer casar. Não acha, **quer dizer**, não achou ainda o ideal. (CHP14, L525)

Conforme verificamos em nossos dados e já mencionamos aqui, o **quer dizer**, à medida que avança no processo de *gramaticalização*, torna-se mais abstrato. Isso acreditamos que esteja acontecendo na macrofunção *aliás*, pois os contextos de ocorrência do **quer dizer** que fazem parte desta macrofunção parecem ter um nível de abstratização maior daqueles que pertencem a *ou seja*.

Ao compararmos (5) a (8) com (9) a (11) podemos ver com maior clareza essa diferença no nível de abstratização. Nos quatro primeiros exemplos a função é mais textual, pois a *expressão* é usada pelo falante com a intenção de retomar, explicar, concluir e esclarecer partes de seu texto. Já nos três exemplos seguintes não há apenas este caráter textual de reformular, o falante busca retificar o que dissera anteriormente para facilitar o processamento de seu discurso e a recepção do ouvinte. O caráter de subjetividade introduzido pelo informante através do **quer dizer**, na macrofunção *aliás*, revela uma certa insegurança e/ou hesitação de sua parte quanto ao que vai proferir, ilustrando um aumento quanto à atitude do falante em relação aos significados transmitidos.

Assim, podemos observar que os exemplos (5) a (8) parecem manter mais os aspectos de conectores, interligando partes do texto (envolvendo mais argumentação e complexidade cognitiva), do que (9) a (11). Estes últimos já estão no plano da mensagem propriamente, visando ‘precisar’ o que foi dito e assumindo um papel mais interativo. Quanto mais a *expressão* se afasta das características textuais e se aproxima da pragmática-interacional, mais abstrata ela se torna.

Novamente podemos falar, e agora com mais precisão, de uma das características típicas dos elementos que se gramaticalizam, a generalização. À proporção que o ‘querer’ foi se afastando de seu uso original e passou a integrar a *expressão quer dizer*, esta começou a desempenhar funções gramaticais mais gerais. Quanto maior o número de contextos de ocorrência da *expressão* mais ela se generaliza, ganhando uma distribuição mais ampla e mais polissêmica.

Na seqüência apresentamos dois dos princípios de Hopper (1991), já discutidos no capítulo IV, mostrando a relação destes com a *gramaticalização* do **quer dizer**.

1.5 O princípio da persistência

Hopper postulou cinco princípios para o processo de *gramaticalização* (cf. capítulo IV). Dentre estes temos o princípio da persistência, segundo o qual um item lexical, ao passar a ser gramatical pode deixar traços de sua história lexical ao elemento gramaticalizado. Vejamos como isso ocorre na nossa *expressão*.

O verbo ‘querer’ traz em sua história o traço de modalizador, conforme vimos no capítulo I. Ao longo de seu percurso de mudança esta característica foi muitas vezes ocultada, mas não desapareceu.

Ao sofrer *gramaticalização* e passar a ser um articulador textual o **quer dizer** perdeu o seu estatuto gramatical de verbo e também os significados que este transmitia. No entanto, a característica modalizadora presente em ‘querer’ pode ser encontrada em algumas expressões do **quer dizer**, como na função de atenuador. Para melhor avaliarmos o que dissemos comparemos os exemplos (12) e (13).

- (12) Mas o problema é a minha esposa, né? que tem esse problema que me entristece bastante, de ver ela assim, ela **quer dizer** as coisas e não pode (CTB02, L1065)
- (13) É a influência da cidade grande, que é a influência de transmissão de um, dois, que foi lá e iludiu, **quer dizer**, não é que se iludiu, ele falou o que estava acontecendo com ele, mas todo mundo pensa que acontece com todo mundo a mesma coisa, né? (CTB, L821)

Conforme podemos observar em (12) o verbo ‘querer’ funciona como um modal ao lado de ‘dizer’. Já em (13) a *expressão quer dizer* é que carrega esta modalização, atenuando o discurso do falante. Esta característica modalizadora está presente em ambos os exemplos, mas com funções diferentes: no primeiro o uso do **quer dizer** revela intenção; no segundo a atenuação tem valor epistêmico, diminui o grau de certeza da asserção. Assim é possível perceber que os traços modais não se perderam ao longo do percurso de mudança, eles podem ser ocultados em algumas etapas da *gramaticalização*, como nas macrofunções *significa* e *ou seja*, mas podem surgir com outros matizes ao longo de outras etapas de mudança.

1.6 O princípio da decategorização

O princípio da decategorização, proposto por Hopper, está relacionado às formas que se gramaticalizaram e que perderam ou neutralizaram as suas marcas morfológicas e sintáticas de categorias plenas (maiores), como nomes e verbos, ao assumirem características de categorias secundárias como adjetivos, advérbios e posteriormente ao se tornarem categorias menores como conjunções, conectores. Poderíamos esquematizar isso da seguinte forma:

Categorias maiores > categorias secundárias > categorias menores

De acordo com Hopper, a partir da decategorização há uma perda da autonomia discursiva. Quando as formas pertenciam a categorias plenas elas tinham um significado independente do texto, após isso passaram a ter uma função ou um significado relativo ao texto. Isso ocorre com o **quer dizer**.

Ao perder as marcas de verbo pleno (em 'querer' e 'dizer'), modal e auxiliar (em 'querer'), o **quer dizer** ganha características relativas ao seu funcionamento dentro do texto como articulador textual. Segundo Traugott (1982), *apud* Hopper (1991), uma das etapas principais que marca a *gramaticalização* é a perda da autonomia discursiva.

À medida que 'querer' e 'dizer' se gramaticalizaram foram perdendo seus atributos de verbo como a propriedade de mostrar variação em tempo, aspecto, modalidade e marca de pessoa e número, assumindo outros traços que não são característicos a sua categoria. Comparemos as seqüências destacadas em (14) e (15).

(14) E - E foi bom o período de namoro, assim? Como é que era? Conta pra mim, assim.

E- Ah, é sempre normal o namoro. Porque naquele tempo lá era mais sério o namoro, (hes) não é que nem agora. Naquele tempo era sério aí, se respeitava um com outro até o fim.

E - E vocês passeavam bastante?

F - Passeávamos.

E - E a família dela gostava do senhor, normal?

F - Gostava.

E - Apoiavam o namoro?

F - Ih, apoiaram o namoro aí. Até ela quis **dizer** que não, no começo, mas na verdade era- Quer dizer que nós começamos namorar assim, ela dizia que não estava muito querendo aceitar. (CHP14, L282)

(15) Única coisa que, quando eu me aposentar, eu me lembro, assim se der, se Deus achar que eu mereço, né? porque tem tudo isso aí, né? é o meu carrinho zerinho que eu quero tirar. Isso aí, eu não quero morrer sem comprar o meu carrinho. Mas tem que ser zerinho... mas esse é um sonho meu, de tirar um carro zero quando eu me aposentar. **Quer dizer**, é um sonho besta, né? um sonho bobo, mas isso aí é um sonho meu. (FLP16, L1087)

Os dois exemplos acima ilustram dois aspectos:

- a) a questão da significação em termos de autonomia e dependência textual, respectivamente. No primeiro exemplo a seqüência 'quis dizer', apesar de integrada sintaticamente, não possui dependência semântica, pois ambos os verbos mantêm suas características plenas; 'dizer' pode ser entendido como objeto de 'querer'.

Portanto, o funcionamento destes verbos ocorre no âmbito oracional, mantendo uma autonomia em relação ao texto, diferentemente do que ocorre em (15), em que o **quer dizer** funciona numa relação textual. Além disso, o contexto onde o **quer dizer** está inserido é que irá possibilitar a identificação de seu significado;

- b) a mudança nos traços categoriais, pois no primeiro exemplo ainda há a flexão do verbo ‘querer’, com marcas de tempo, pessoa e número, já no segundo, por força da *gramaticalização*, a forma **quer dizer** se cristalizou, não mostrando estes traços, assim passa a adquirir função textual.

Estes dois princípios (persistência e decategorização) propostos por Hopper (1991) nos mostram, respectivamente, que marcas da origem de um item lingüístico podem permanecer mesmo após sofrer mudanças, e que quanto mais um elemento lingüístico se afasta de sua categoria lexical mais ele perde suas características originais e ganha outros traços que não lhe são familiares.

1.7 Como ocorre o mecanismo da reanálise na *expressão quer dizer*

O mecanismo da reanálise se dá num estágio mais avançado do processo de *gramaticalização*. Assim, à medida que certas formas vão se gramaticalizando, elas podem ser reanalisadas, ocorrendo a possibilidade de mudança de categoria, sem que necessariamente ocorra mudança de forma. De acordo com Harris e Campbell (1995), é somente após a reanálise que um item lingüístico pode ser considerado como gramaticalizado. Isso normalmente ocorre com itens lingüísticos que são bastante usados em uma língua.

O mecanismo da reanálise pode ser melhor observado da seguinte forma na *expressão quer dizer*: primeiramente temos o verbo ‘querer’ em seu sentido pleno, significando ‘desejar’, ‘ter a intenção de’, ‘ter vontade de’. A partir de uma reanálise ele passou a ser um verbo modal, formando seqüências verbais como em (16) abaixo, em que ‘dizer’ é objeto de ‘querer’, no sentido de ‘desejar falar algo’ (cf. Capítulo I).

Em seguida, por causa de outra reanálise, ‘querer’ passou a ser um auxiliar e ‘dizer’ o verbo principal, formando a locução verbal **quer dizer**, como em (17). Na seqüência temos a *expressão quer dizer*, como em (18), que também seria fruto de outra reanálise. Comparando os três exemplos, podemos ver que a relação sintática se torna menos perceptível entre as

orações que se relacionam com o **quer dizer**, como em (18), que tem um caráter discursivo e não mais oracional como em (16) e (17).

(16) Mas o problema é a minha esposa, né? que tem esse problema que me entristece bastante de ver ela assim, ela **quer dizer** as coisas e não pode. (CTB02, L1065)

(17) Então a idade não **quer dizer** nada. (FLP22, L272)

(18) E- E o senhor gosta agora desse trabalho?

F- Gosto porque é um trabalho que você aprende alguma coisa a mais, né? **Quer dizer**, é uma nova atividade que você vai ter, é uma nova atividade que você vai aprender, ou seja, é uma profissão a mais que você vai ter. (LDN16, L756)

Através desta descrição do **quer dizer** podemos observar que houve, além da perda de características sintáticas, um enfraquecimento semântico, associado, freqüentemente, à *gramaticalização*. Esse enfraquecimento semântico parece estar relacionado à reanálise, pois, quando a *expressão* se gramaticalizou, sofreu mudança estrutural, passando a pertencer a outra categoria. Os exemplos acima também nos mostram que a mudança de estrutura não acarretou em modificações na manifestação de superfície do **quer dizer**. Isso significa que a forma permanece a mesma, sendo analisada sob outra perspectiva.

A partir das considerações feitas acima sobre o funcionamento do **quer dizer**, buscamos mostrar como se deu o seu percurso de mudança através da *gramaticalização*. Na seqüência passaremos a descrever o outro processo de mudança que atinge a *expressão*, a *discursivização*. Logo após voltaremos a falar em *gramaticalização*, bem como em *discursivização*, discutindo a questão da unidirecionalidade.

2 A EXPRESSÃO QUER DIZER RUMO À DISCURSIVIZAÇÃO

O processo de *discursivização* ocorre quando elementos do discurso perdem suas restrições gramaticais e assumem valores de marcadores discursivos, adquirindo funções que estão relacionadas à interação entre os participantes e entre estes e o seu discurso, bem como funções associadas ao processamento da fala. Nestes casos alguns valores sintáticos e semânticos destes marcadores são perdidos, assim como a ordenação vocabular, adquirindo características pragmático-discursivas. (Martelotta *et alii*, 1996; Martelotta, 1998)

Traugott (1995) defende a idéia de que os MDs se inserem na *gramaticalização*. Para afirmar isso a autora selecionou três elementos lingüísticos, conforme já mencionamos, *indeed*, *in fact* e *besides*, para analisar. De acordo com esta análise, estes três itens seguem o mesmo percurso de mudança. Eles saem do léxico, como substantivos, depois passam a ser sintagmas adverbiais, posteriormente tornam-se advérbios e chegam a MDs, com funções de reelaborador, esclarecedor de intenção discursiva. Assim, para Traugott, o termo discursivização não se justifica, pois tudo pode ser resolvido dentro da gramática.

Os três itens lingüísticos tratados pela autora (cf. capítulo IV) podem ser analisados dentro da perspectiva da *gramaticalização* porque mantêm relações de conexão e organização textual. Entretanto, os nossos MDs não são recobertos pela gramática. Desta forma, a terminologia *discursivização* é pertinente ao nosso estudo, pois a macrofunção de *planejamento verbal*, que consideramos extratextual, se insere neste processo.

Agora, encerrando a trajetória proposta sobre os possíveis passos de mudança da *expressão quer dizer*, vamos apresentar um diagrama que ilustra este caminho rumo ao processo de *discursivização*.

Verbo pleno

querer/dizer

Verbo modal - auxiliar (nível oracional)

querer (+ dizer) *significa* – ‘significar’

LÉXICO

Articulador textual reformulador (nível textual)

ratificador *ou seja* - retomador, explicativo, conclusivo, esclarecedor

QUER DIZER

retificador *aliás* - atenuador, retificador de conteúdo e retificador de forma

GRAMÁTICA

QUER DIZER Marcador Discursivo (nível extratextual)

Planejamento verbal – preenchedor de pausa

DISCURSO

Através deste diagrama visualizamos o percurso de mudança do **quer dizer** até a sua última etapa, funcionando como marcador discursivo.

Ao se discursivizar a *expressão* torna-se ainda mais abstrata, distanciando-se quase que totalmente da gramática, já que agora a sua função não é mais textual, como anteriormente, mas extratextual. Devido ao papel que desempenha no discurso passa a assumir a função de preenchedor de pausa.

Observemos o exemplo que segue.

(19) É, parece que era cruzeiro (estímulo do entrevistador e pausa), **quer dizer** (pausa e alongamento vocálico), dava cinquenta por cento pra casa, porque naquela época eu ainda estava em casa. (FLP13, L878)

O exemplo acima nos mostra que o **quer dizer** perdeu em significação sintática, despindo-se de seu valor de conector, no entanto houve ganho em significação pragmática/interativa, tendo em vista que a *expressão* passou a ter um valor mais interacional, à medida que o falante pára para pensar e planejar o que pretende falar. As pausas, o estímulo do entrevistador e o alongamento marcado em (19) indicam que o informante está usando o **quer dizer** para ganhar tempo e interagir com o interlocutor, até encontrar as palavras adequadas para dar prosseguimento ao seu discurso. Desta forma, é possível atribuir-lhe o rótulo de marcador discursivo, pois o que ele delimita são trechos do procedimento discursivo do falante e não partes do texto. Além disso, a sua posição dentro do texto não tem local definido, surge de acordo com a necessidade, no ato de fala. Esta é mais uma característica deste processo.

A partir das mudanças lingüísticas que ocorrem no processo de *discursivização* pode haver o surgimento de marcadores discursivos. Isso ocorre porque os falantes buscam estratégias interativas de organização e planejamento de suas idéias. Na subseção que vem a seguir vamos descrever a relação entre o **quer dizer** que articula partes do texto e o que apenas funciona com intuito interacional, como os MDs.

2.1 Articuladores textuais *versus* marcadores discursivos

Conforme já mencionamos no capítulo I e IV, os autores (Castilho, Marcuschi, Silva e Macedo, Urbano) que estudam o **quer dizer** o chamam de MD mesmo assumindo que a

expressão pode exercer tanto funções textuais como não textuais. Portanto, o que os estudos não fazem é separar os casos de **quer dizer** que são apenas MDs.

Não estamos considerando para nossa análise como MD o **quer dizer** que faz conexão com partes do texto (para explicar, retificar, atenuar). Acreditamos que seja melhor incluir no rótulo de MDs apenas as ocorrências que preenchem vazios e não têm ligação direta com as partes do texto. Desta forma a *expressão* estaria realmente marcando trechos que envolvem o plano interacional do falante e não o textual.

Conforme já enfatizado, dentro da divisão das macrofunções, apenas em uma delas a denominação MD se encaixa, na de *planejamento verbal*. As macrofunções *ou seja* e *aliás*, por demarcarem partes do texto, foram chamadas de articuladores textuais e a *significa* ficou como locução verbal, pois se encontra no escopo oracional.

Vejamos agora exemplos de articuladores em (20) e (21) e de MDs em (22).

(20) ... a gente paga é o serviço normal, hora extra e mais alguma coisa por fora que o frentista recebe, né? Então assim não é lá grande coisa, **quer dizer**, pra empresa que paga um salário pra um funcionário, pra empresa é muito dinheiro e pra quem recebe não é nada, é muito pouco. (LDN17, L446)

(21) A maior parte dos tios de meu pai, **quer dizer**, todos os tios de meu pai foram agricultores. (CHP20, L735)

(22) Agora hoje você sai, vai pesquisar (est) e pode combater, certo? (pausa) **Quer dizer** (pausa), nas matérias que são realmente (pausa), **quer dizer** (pausa), o negócio da terra, o ar. (FLP13, L650,651)

No início do capítulo IV tecemos considerações sobre o que Givón (1993, 1995) e Traugott (1995) dizem a respeito dos elementos que pertencem à gramática. Ambos afirmam que esta vai além da fonologia, da morfossintaxe, da semântica, ela envolve o contexto pragmático-discursivo. Assim a gramática não daria conta apenas dos aspectos oracionais, mas também textuais. Em se tratando dos articuladores textuais, a pragmática proposta pelos autores recobriria as nossa ocorrências de **quer dizer**. No entanto, se considerarmos o âmbito interacional, que se refere ao processamento e à organização no plano das idéias, esta pragmática proposta por Givón e Traugott parece que não daria conta dos dados de **quer dizer** que denominamos de marcadores discursivos. Mesmo alargando o escopo gramatical, os autores não se preocupam em explicar o funcionamento interativo dos MDs. Por conta disso, na nossa visão, o aspecto pragmático que envolve os MDs é interacional, pois esta é a característica mais forte que eles denotam, conforme podemos ver no exemplo (22) e nos comentários feitos anteriormente.

A partir desta proposta de classificação dos elementos discursivos, principalmente em relação ao **quer dizer**, buscamos evidências para delimitar nomes e funções a este elemento discursivo, de maneira não equivocada e demasiadamente generalizada.

Com estas considerações a respeito da relação pragmática entre os articuladores textuais e os MDs fechamos esta seção 1 sobre o processo de *discursivização* do **quer dizer** e os papéis que este assume como articulador textual e marcador discursivo. Na seqüência, retomaremos as duas seções deste capítulo comentando o caminho unidirecional (cf. Hopper e Traugott, 1993) percorrido pelo **quer dizer** na sua mudança de estatuto gramatical.

3 HÁ UNIDIRECIONALIDADE NO CAMINHO DE MUDANÇA DO QUER DIZER?

De acordo com Hopper e Traugott (1993), a *gramaticalização* é um processo unidirecional pois resulta que um dos estágios não ocorre antes do outro, ou seja, numa relação A e B, A sempre ocorre antes de B, mas nunca vice versa. Nossa hipótese em relação ao caminho percorrido pelo **quer dizer**, levando-se em conta a unidirecionalidade, é ilustrada no diagrama abaixo:

Verbo pleno > verbo modal > verbo auxiliar > articulador textual > marcador discursivo

Para que a mudança realmente seja unidirecional, a seqüência deve ser mantida conforme o diagrama apresentado anteriormente. Apesar de termos explicado esta trajetória percorrida pelo **quer dizer**, não podemos afirmar que todas as etapas tenham ocorrido numa ordem cronológica. Um estudo diacrônico deste fenômeno poderia dar conta com maior precisão deste caminho unidirecional.

Hopper e Traugott destacam alguns traços³⁴ que advêm da unidirecionalidade e que ocorrem com a nossa *expressão*:

³⁴ A maioria destes traços já foram explicados nas seções anteriores, por isso não nos prolongaremos nos comentários.

- a) o desvio funcional precede o formal: pudemos ver pela trajetória de mudança (nas 04 macrofunções) do **quer dizer** que a sua forma praticamente não muda, mas as funções mudam;
- b) decategorização de categorias lexicais prototípicas: isso já foi descrito na seção 1.6;
- c) um elemento gramatical perde autonomia: os verbos ‘querer’ e ‘dizer’ foram perdendo sua autonomia, dentro de sua categoria verbal, à medida que foram se gramaticalizando, passando a ter um valor textual quando se tornaram a *expressão quer dizer*;
- d) possibilidade de recategorização: pode estar relacionada à reanálise, em que uma categoria passa a adquirir traços de outra;
- e) erosão ou enfraquecimento da forma: há casos de **quer dizer** em que houve enfraquecimento da forma, isto é, ele perdeu substância fonética: QUER DIZER – [Kɛdze].

A unidirecionalidade também pode explicar os casos de sobreposição de significados ou funções. Em muitas ocorrências do **quer dizer** foi difícil estipular a função justamente porque uma se sobrepõe à outra. Isso faz parte do processo unidirecional e ocorre nas fases intermediárias de um estágio a outro, ilustrando o caráter gradual e contínuo da mudança lingüística, bem como pondo em evidência o surgimento de categorias híbridas que superpõem traços de categorias distintas. Vejamos o exemplo a seguir em que o **quer dizer** é um conclusivo, mas que mesmo assim possui traços de ‘significar’.

- (23) Usado de maneira bastante errônea, né? em benefício de poucos ali, ou seja, uma pessoa, né? está tirando proveito disso e não pra o que veio fazer, mas pra uma outra coisa, lazer, né? e isso não veio pelo lazer. Então **quer dizer** que isso é uma questão de administração, de consciência, né? (BLU19, L275)

Conforme já mencionamos no capítulo V, os testes aplicados com alunos e professores universitários nos auxiliaram a definir as funções e a mostrar o processo gradual e contínuo que a *expressão quer dizer* parece seguir.

Para finalizarmos esta seção gostaríamos de mencionar que, de acordo com a análise proposta, em nosso trabalho a unidirecionalidade não se estende apenas à *gramaticalização*, mas também à *discursivização*. Isso ocorre porque o **quer dizer** vai assumindo novas funções, tornando-se polissêmico a partir da generalização dos significados, característica esta

associada à unidirecionalidade, passando a ser um MD. Desta forma parece que o caminho para chegar à *discursivização* também é unidirecional.

A partir das considerações feitas sobre as mudanças sofridas pelo **quer dizer**, seguindo uma trajetória unidirecional, é possível dizer que, apesar de não haver provas concretas, há fortes indícios de que este caminho tenha sido percorrido pela *expressão*. Isso pode ser evidenciado na descrição que fizemos de algumas características da unidirecionalidade: a decategorização de categorias lexicais, as mudanças funcionais do **quer dizer**, a perda de autonomia como elemento gramatical, a sobreposição de funções, dentre outras.

Antes de darmos início à última seção deste capítulo, faremos um breve comentário a respeito dos contextos lingüísticos e extralingüísticos de ocorrência do **quer dizer** *versus* os processos de *gramaticalização* e *discursivização*.

Primeiramente, é oportuno ressaltar que as colocações feitas aqui são basicamente hipotéticas, surgindo a partir de suposições acerca do percurso de mudança do **quer dizer**.

Em relação ao contexto lingüístico, o escopo, o gênero discursivo e a pausa parecem ser os mais pertinentes para este comentário. Quanto ao primeiro, vimos em nossa análise que a macrofunção *ou seja*, de forma geral, é a que tem escopo mais alargado, seguida de *aliás* com escopo mais estreito e do *planejamento verbal*, que se caracteriza por ter escopo indefinido. Supomos que quanto mais o **quer dizer** se gramaticalizou mais o escopo foi se restringindo ou se indefinindo. Por outro lado, a indefinição do escopo já passa a caracterizar outro processo: a *discursivização*.

Assim, a *gramaticalização* envolveria um escopo maior de abrangência do **quer dizer**, e a *discursivização*, pelas suas características de planejamento e processamento, sem visar aspectos textuais, teria escopo indefinido.

No gênero discursivo, a macrofunção *ou seja* é a mais freqüente na argumentação, revelando maior empenho do informante em formular o que está dizendo; a função de retificador aparece mais em narrativas, facilitando a correção imediata do falante ao relatar fatos; o preenchedor de pausa e o atenuador são mais freqüentes no discurso opinativo, que parece necessitar de mais tempo de elaboração, além de um maior uso de atenuação, já que o falante está emitindo a sua opinião sobre determinado assunto, tornando o enunciado mais subjetivo e talvez mais comprometedor.

Sob o ponto de vista da *gramaticalização*, podemos dizer que determinadas funções teriam surgido dentro de algum destes gêneros e se expandido a outros no decorrer do percurso de mudança do **quer dizer**.

Quanto ao fator pausa, verificamos que a maioria (64%) dos contextos de **quer dizer** ocorrem com algum tipo de pausa, destacando-se a função de preenchedor de pausa como a mais recorrente neste contexto. Podemos aventar a hipótese de quanto mais a *expressão* se gramaticalizou e seguiu rumo à *discursivização*, mais este fator se acentuou.

No que diz respeito aos fatores sociais, a macrofunção *ou seja* merece maior destaque pois é a que está presente em todas as cidades, idades, escolaridades e em ambos os sexos das entrevistas que analisamos. A alta frequência desta macrofunção revela que ela é a mais gramaticalizada, visto que quanto mais frequente é um elemento lingüístico mais facilmente ele se gramaticaliza. Além disso, alguns dados da escrita padrão revelam que o **quer dizer**, com função de *ou seja*, é o mais utilizado, mostrando a sua expansão. Observemos o exemplo (24).

(24) Ao secretário de Estado da Flórida (nada a ver com o secretário de Estado do plano federal) cabe, entre outras atribuições, “certificar” o resultado da eleição, **quer dizer**, reconhecê-lo e dar-lhe a chancela oficial. (Revista VEJA, 06/12/00, p.190)

As demais funções talvez sejam menos recorrentes, de maneira geral, porque o uso entre os falantes ainda está em processo de expansão.

Apesar da forma **quer dizer** não ser utilizada em larga escala entre os falantes, ela, de alguma maneira, expande sua significação para diversos contextos lingüísticos e sociais, exibindo a sua mudança de estatuto categorial por meio da *gramaticalização* e da *discursivização*.

4 GRAMATICALIZAÇÃO VERSUS VARIAÇÃO

Quando apresentamos a hipótese 5, no capítulo II, nos propusemos a levantar algumas formas que pudessem alternar nos mesmos contextos em que ocorre o **quer dizer** e com as mesmas funções que atribuímos a este. Além disso, o fato de muitos informantes consultados não usarem o **quer dizer** e de algumas regiões apresentarem baixa frequência da *expressão*,

leva-nos a indagar sobre que outros elementos discursivos os falantes usariam no lugar do **quer dizer** para denotar as mesmas funções desta *expressão*.

A partir disso fizemos um levantamento entre os 56 informantes que fazem parte de nosso *corpus* de análise para verificarmos que outras formas poderiam ser intercambiáveis com a *expressão* em estudo. Vimos que os elementos discursivos mais freqüentes e que podem ser encontrados nos contextos em que o **quer dizer** se insere são: *vamos dizer* (132 ocorrências), *aliás* (42 ocorrências) e *ou seja* (12 ocorrências). Nesta etapa do levantamento de dados, não controlamos os conectores explicativo e conclusivo prototípicos (*porque, pois, portanto*), que obviamente seriam intercambiáveis com o **quer dizer** nessas funções. Deixamos de observar, igualmente, as formas *aí, então* e *e* que eventualmente ocorrem nestes contextos. Nossa atenção restringiu-se a formas que seriam representantes mais típicas das macrofunções *ou seja* e *aliás*.

Além desses 56 informantes, examinamos os 112 que havíamos descartado por não falarem o **quer dizer**, conforme já ressaltamos na metodologia. Verificamos que o número de formas que poderiam intercambiar com a nossa *expressão*, em termos proporcionais, é relativamente baixo. As mais recorrentes são: *vamos dizer* (165 ocorrências), *aliás* (42 ocorrências) e *digamos* (40 ocorrências).

Mesmo com poucos dados que possam intercambiar com a forma **quer dizer**, vamos fazer uma breve análise sobre a relação *gramaticalização* e variação.

Antes de elencarmos alguns exemplos com formas intercambiáveis do **quer dizer**, vale mencionar o princípio de estratificação de Hopper (1991), que trata da variação. Respaldados neste princípio vamos falar de *gramaticalização* e variação como dois fenômenos que podem ocorrer concomitantemente.

A variação prevê que diferentes formas apresentem uma mesma significação/função e a *gramaticalização* postula que uma forma expande seu uso em diferentes funções. Enquanto um elemento lingüístico vai se gramaticalizando ele pode assumir funções que são de outro, assim ocorre a variação. À medida que surgem novas funções de uma forma ocorre um contínuo de mudança de estatuto categorial que caracteriza a *gramaticalização*. Desta maneira ambas, *gramaticalização* e variação, acabam por decorrer uma da outra.

Agora passemos a analisar exemplos de formas alternantes do **quer dizer** mas que desempenham as mesmas funções que este. É oportuno destacar que os exemplos que seguem

forma foram extraídos dos 56 informantes que também usam o **quer dizer**, e não dos 112 descartados.

- (24) Olha, eu acho que marcou mesmo, eu acho que não houve grande coisa assim, porque uma vida normal e, eu sempre era uma pessoa muito calma e tudo, né? não me metia em conflitos, nem em complicação, nem nada, então, não tem muita coisa, uma coisa, (hesitação e pausa) **vamos dizer**, (pausa e hesitação) não sei nem como dizer, mas uma coisa que eu sempre sentia muito, por exemplo, é lá do – **vamos dizer** da religião de Deus, e coisa assim, isso sempre na minha vida toda, né? eu sinto isso, né? (BLU07, L753-756)
- (25) E a empresa tem aquele ditado, né? Se você pede uma coisa e tal, eles te contrariam, o que que acontece? Bom, você sabe, você pediu a conta, você saindo tem dez aí na frente esperando. É o argumento que eles usam, né? Só que às vezes eles não sabem que estão te largando, **vamos dizer**, você é um funcionário excelente, um funcionário de confiança, eles não sabem que pode ter dez ali que vão entrar só pra te dar dor de cabeça (CTB03, L856)
- (26) E – Que filmes tu gostavas de assistir antigamente?
F - Uns filmes de amor de ... de, **vamos dizer**, filmes de caubói, faroeste, que se falava na época. (FLP02, L162)
- (27) Eu fui roubada dentro do ônibus, abriram a minha bolsa, tiraram a minha carteira, mas depois de noite vieram me entregar. De certo os próprios ladrões mesmo, né? Claro, eu digo que é os próprios. **Aliás**, os *próprios não. De certo eles pagam alguém pra entregar, né?* (POA05, L81)
- (28) Pois é, na família do meu pai também não é de ir muito longe, não. Mas da minha mãe ... Mas eles são primo irmãos, né? **Aliás**, meus pais eram primos, não primos irmãos, primos de segundo grau. (FLP22, L359)
- (29) Irmãos se gostarem é normal, né? Eles são irmãos e acho que, além de assim, sendo gêmeos, eu acho que tem uma ligação mais também, né? **Aliás**, deve ter ,né? (CTB03, L1240)
- (30) Nós fazíamos carinho de mão ... nós íamos aqui na marcenaria do Abrigo dos Menores ... *Então tinha um tal de Seu Zico, que nós pedíamos pra ele confeccionar, ou seja, na época fazer duas rodinhas de madeira.* (FLP02, L994)
- (31) Eu acho que o Saco dos Limões já teve trabalho comunitário, porque na década de sessenta, *ou seja*, aí entre *sessenta e quatro e setenta, o Saco dos Limões construiu o Clube Recreativo Limoense ...* (FLP21, L767)
- (32) F – Eu era agente de mobilização.
E – O que é isso?
F – No extinto Mobral, né? Agente de mobilização, era a divulgação da Comissão Municipal, *ou seja*, existia uma programação que vinha de Curitiba, né? e você mobilizava as vilas, através de igrejas, de associações de bairros, né? (LDN16, L726)

A partir destes exemplos podemos verificar que é possível haver formas e funções ocorrendo simultaneamente, isto é, a *gramaticalização* e a variação podem se sobrepor uma com a outra.

Em relação às funções que estas formas adquirem no discurso é possível perceber que o *vamos dizer* é mais polivalente. Ele se encaixa em três das macrofunções que denotamos ao **quer dizer**: *ou seja*, *aliás* e *planejamento verbal*.

No exemplo (24) o *vamos dizer* funciona como preenchedor de pausa e retificador de forma, respectivamente. Já em (25) ele funciona como esclarecedor e em (26) como retificador de conteúdo. A princípio esta parece ser a forma que mais poderia intercambiar nos contextos em que o **quer dizer** se encontra.

O elemento discursivo *aliás*, assim como se esperava, pois há uma macrofunção para o **quer dizer** com esta denominação, funciona, em nossos exemplos, como retificador de conteúdo em (27) e (28) e atenuador em (29).

A forma *ou seja* se apresentou apenas como esclarecedor, conforme (30), (31) e (32). Este parece ser o seu comportamento típico, pois no texto escrito, onde é mais recorrente, normalmente é assim que se apresenta.

Estas três formas não podem ocorrer em todos os contextos onde encontramos a *expressão quer dizer*, com exceção do *vamos dizer* que parece desempenhar vários papéis iguais aos da *expressão*, apesar de não termos encontrado todas as funções atribuídas ao **quer dizer** para o *vamos dizer*. Talvez uma pesquisa mais minuciosa possa dar conta disso. Mesmo assim *vamos dizer*, *aliás* e *ou seja* podem coocorrer muitas vezes nos mesmos contextos discursivos, possibilitando a variação de formas e funções.

A *expressão quer dizer*, pela sua característica de não apresentar obrigatoriedade em termos de relação sintática, exigidas pelas regras gramaticais, pode ser considerada opcional no discurso, dependente apenas da necessidade do falante. Assim, é possível que haja muitos contextos discursivos sem marcas lingüísticas relacionais, desta forma a variante para o **quer dizer** seria \emptyset . Isso poderia justificar o não uso desta *expressão* por muitos informantes, bem como a baixa frequência de formas alternantes, pelo menos no que diz respeito às mencionadas.

Nesta seção 4 fizemos apenas uma breve descrição de formas que possam alternar com o **quer dizer** e mostrar que há a possibilidade de casar *gramaticalização* e variação. Uma análise mais detalhada sobre isso fica como sugestão para futuros trabalhos.

Resumidamente, apontamos os principais tópicos tratados neste capítulo:

- o percurso de *gramaticalização* da *expressão quer dizer* segue 3 etapas de mudança;
- os princípios da persistência e da decategorização ajudam a explicar características da *gramaticalização* do **quer dizer**, como a permanência de traços originais de um item lingüístico depois de gramaticalizado, bem como a perda de outros traços à medida que uma forma se afasta do léxico;
- além do processo de *gramaticalização*, o **quer dizer** passa pelo da *discursivização*, chegando ao seu uso mais abstrato e interativo;
- a *expressão quer dizer* funciona como um elemento que visa manter relação textual e também interativa, de planejamento e processamento das idéias;
- o **quer dizer** parece, de acordo com nossa análise, percorrer um caminho unidirecional de mudança;
- a ocorrência de formas desempenhando as mesmas funções simultaneamente permite unir a *gramaticalização* com a variação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a descrição da trajetória de mudança de **quer dizer**, chegou o momento de tecermos as considerações finais deste trabalho, apontando as nossas contribuições (que julgamos importantes) com esta pesquisa. Além disso, vamos tratar de questões que ainda precisam ser melhor analisadas, ficando como sugestão para futuros estudos.

A partir de uma revisão bibliográfica criteriosa e de uma análise igualmente cuidadosa dos dados, passamos a entender com mais clareza como funciona a *expressão quer dizer* na língua falada. As leituras nos abriram caminho para mostrar alguns problemas de nomenclatura, quando o assunto envolve o rótulo ‘marcador discursivo’, referindo-se especialmente ao fenômeno em estudo: o **quer dizer**.

Praticamente todos os autores que mencionamos denominam de MD tanto elementos que têm funções textuais, como os que estão no âmbito da interação. A partir das reflexões e dos questionamentos que fizemos concernentes a estes aspectos, acreditamos que seria mais coerente separarmos os itens lingüísticos que funcionam textualmente, dos que são extratextuais. Assim, passamos a denominar de articuladores textuais os elementos lingüísticos que fazem conexão entre partes do texto e de MD os que visam basicamente a interação, no âmbito do planejamento e do processamento das idéias. Naturalmente tal delimitação não é isenta de problemas, pois torna-se difícil, muitas vezes, precisar as fronteiras entre as funções, uma vez que trabalhamos com a noção de contínuo. Entretanto, julgamos um ganho metodológico essa separação, pois permitiu-nos, além de uma análise mais refinada, inserir o **quer dizer** nos dois processos de mudança que norteiam nosso trabalho: a *gramaticalização* e a *discursivização* – a primeira perspectiva recobrando os articuladores textuais e a segunda os marcadores discursivos.

A literatura lingüística também atribui muitas funções ao **quer dizer**, mas elas não são suficientes para recobrir todos os dados de que dispomos e atender aos nossos objetivos. Desta forma, sistematizamos o funcionamento deste elemento discursivo, apontando nove funções que julgamos pertinentes ao nosso estudo, de acordo com os contextos em que a forma em análise se insere, encontrados em nosso *corpus*. No entanto, o fator determinante para a apresentação de uma nova proposta de classificação tem a ver com critérios que permitam traçar um percurso de mudança para o funcionamento do **quer dizer**, com base nos

paradigmas de *gramaticalização* e *discursivização*, aspecto pouco explorado ou tratado de forma superficial na literatura consultada.

Após delimitarmos as funções separamo-nas em quatro macrofunções, numa tentativa de traçar uma seqüência que pudesse mostrar a trajetória de mudança do **quer dizer**. Assim, com base na expansão de sua significação, a macrofunção *significa* ('significar'), ainda como locução verbal, vem inicialmente, depois surge o grande grupo dos articuladores textuais reformuladores com as macrofunções *ou seja* (retomador, explicativo, esclarecedor e conclusivo) e *aliás* (atenuador, retificador de conteúdo e de forma), ambas funcionando no nível textual. Esta última já traz indícios de que o **quer dizer** começa a ter traços interacionais. Por fim, temos a macrofunção de *planejamento verbal* (preenchedor de pausa), extrapolando os limites do texto e chegando à interação entre falante/discurso e falante/ouvinte.

Mesmo sabendo que os limites para o estabelecimento de uma ou outra função não são estanques, acreditamos ser válido mostrar que, dependendo do contexto de fala o **quer dizer** é usado de forma diferenciada, de acordo com as necessidades dos falantes.

A nossa análise também levou à discussão os contextos lingüísticos e extralingüísticos em que o **quer dizer** se encontra. Em relação aos primeiros podemos sintetizar da seguinte maneira: o **quer dizer** se caracteriza por possuir um escopo mais alargado nas funções de esclarecedor e explicativo e mais estreito em 'significar', atenuador e retificador. Os casos sem escopo definido ocorrem mais no preenchedor de pausa. No que diz respeito à posição estrutural, prevaleceram as ocorrências entre orações (67%). Na temática discursiva o domínio do **quer dizer** foi nos assuntos sociais (31%), seguido dos pessoais (29%) e dos familiares (18%). Acerca do gênero discursivo houve mais ocorrências de **quer dizer** nas narrativas (49%), depois nos trechos argumentativos (24%) e opinativos (23%). Tanto na temática quanto no gênero discursivo, a distribuição do **quer dizer** por função não revelou grandes diferenças de uso entre uma e outra. Finalmente, em relação à pausa, averiguamos que a maioria das ocorrências da expressão (64%) ocorrem com a presença de algum tipo de pausa, sendo que o preenchedor de pausa é a função que mais se destaca por esta característica.

Quanto aos fatores extralingüísticos, podemos dizer que, de alguma forma, eles tiveram relevância para o nosso trabalho. A macrofunção *ou seja* predominou em todas as cidades, entre os mais jovens e os mais velhos, em ambos os sexos e nas três escolaridades.

As cidades que se mostraram inovadoras quanto ao uso mais expansivo do **quer dizer** foram, respectivamente, Londrina e Porto Alegre, e as menos inovadoras, São Borja e Blumenau.

Em relação ao sexo, as mulheres usam um pouco mais as macrofunções *ou seja* e *aliás* e os homens a de *planejamento verbal*, mas de maneira geral ambos os sexos mantêm um equilíbrio, não havendo tanta oscilação. Quanto ao grau de escolaridade, os menos escolarizados (primário) usam mais as funções recobertas por *significa* e *ou seja*, e os que têm nível de escolarização maior (ginásial e colegial) lideram o uso das funções concernentes a *aliás*, sendo que o colegial utiliza em menor escala a função de preenchedor de pausa. Assim, pode-se dizer que os informantes mais escolarizados possivelmente sejam os responsáveis pela implementação do uso do **quer dizer** como articulador textual retificador. O fator idade não foi significativo para diferenciar usos do **quer dizer**.

A Teoria Funcionalista, postulando que as línguas estão sempre em ritmo de mudança e que o seu funcionamento é moldado pelo uso, nos permitiu tratar de *gramaticalização* e *discursivização*.

O paradigma da *gramaticalização* nos forneceu elementos para situar o fenômeno em estudo no seu caminho de mudança: primeiramente com os verbos plenos ('querer' e 'dizer'), depois com modal e o auxiliar ('querer') e por fim a *expressão quer dizer*. A partir desta via de mudança procuramos descrever o objeto investigado, levando em consideração os aspectos que caracterizam a *gramaticalização* como: os princípios da persistência e da decategorização, o mecanismo da reanálise, bem como a possibilidade desta mudança ter percorrido um caminho unidirecional. Além disso, o paradigma da *gramaticalização* nos auxiliou a entender que uma forma pode desempenhar várias funções, e que estas, muitas vezes, podem se sobrepor, não havendo limites precisos entre uma e outra função.

Em relação à *discursivização*, tema que ainda foi pouco explorado pela literatura lingüística, vimos que este processo, em nosso estudo, ocorre após a *gramaticalização*. Assim, o **quer dizer** que passa a ser discursivizado encontra-se no nível extratextual, atuando no planejamento e na organização das idéias. Esta parece ser a última etapa de mudança percorrida pela *expressão quer dizer*.

Como último tópico discutido em nossa dissertação, ficou a relação entre *gramaticalização* e variação. Através destes dois processos é possível descrever o comportamento de formas e funções que sofrem mudanças. Assim, a partir de uma breve análise pudemos verificar que a *gramaticalização* e a variação podem ocorrer

concomitantemente, enquanto uma forma assume diversas funções, outra pode surgir com as mesmas funções atribuídas à forma anterior.

O quadro que acabamos de descrever permite-nos mostrar as contribuições trazidas por este trabalho, bem como nos questionarmos sobre os tópicos que necessitam ser mais aprofundados, possibilitando a abertura para novos estudos.

Na seqüência apresentamos questões que podem ser melhor analisadas em futuros trabalhos:

- ampliar o *corpus* de análise a partir de dados obtidos em outras regiões do país, com intuito de fazer uma análise comparativa para vermos se o estudo feito com o **quer dizer** pode percorrer outros caminhos, além dos já apontados por nós;
- verificar, em uma análise mais detalhada, as formas que podem estar concorrendo com o **quer dizer**, a fim de descrever com mais precisão o processo de *gramaticalização* conjugado com a variação;
- utilizar outros *corpora*, com dados sincrônicos, que possuam um grau mais variado em termos de idade e escolaridade, com o intuito de verificar a ocorrência de outros usos da *expressão*, bem como de formas concorrentes;
- averiguar, através de dados diacrônicos, o percurso de *gramaticalização* e *discursivização* do **quer dizer**, a fim de obter indícios que possam confirmar ou não o que propusemos através da análise de usos sincrônicos. Um estudo diacrônico poderia explicar, com mais precisão, se a via de mudança do **quer dizer** é ou não unidirecional e consolidar, ou não, as etapas que propomos, através da delimitação das funções e macrofunções;
- verificar como está se comportando o **quer dizer** na escrita, comparando com dados de fala.

Do ponto de vista teórico, os paradigmas de *gramaticalização* e de *discursivização* necessitam ser ainda mais explorados como vias de mudança lingüística. Igualmente do ponto de vista prático, mais elementos lingüísticos precisam ser analisados, testando e sedimentando o aparato teórico envolvido. Nessa perspectiva, acreditamos que o estudo que realizamos cumpriu o seu papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 28ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- CAMARA Jr., J. M. *A forma verbal portuguesa em – ria*. Copyright by Georgetown University Printed in the United States of America, 1967.
- _____. *Dicionário de filologia e gramática*. 4ª ed., Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 19ª ed., Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p.249-279.
- _____. A gramaticalização. In: *Cadernos de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997, p.25-63
- CEZARIO, M. M.; GOMES, R. L.; PINTO, D. C. Integração entre orações e gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.77-113.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais – que) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, UFSC, 1997.
- COSTA, M. C. R. *Modalidade e gramaticalização: estratégias discursivas na fala Carioca*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Rio de Janeiro: Departamento de Letras Vernáculas, UFRJ, 1995.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 12ª ed., Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L.; AQUINO, Z. G. de. A correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H. de M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Publicações, Campinas: Unicamp, 1999, p.53-76, Vol. VII.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- GIVÓN, T. *Syntax: A functional – typological introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1984, Vol. I.
- _____. *English grammar: a functional based introduction*. Philadelphia: J. Benjamins, 1993, Vol I e II.
- _____. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GUY, G.; HORVATH, B.; VONWILLER, J.; DAISLEY, E.; ROGERS, I. An intonational change in progress in Australian English, In: *Language*, nº 15, 1986.
- HARRIS, A. C.; CAMPBELL, L. Reanalysis. In: *Historical syntax in cross- linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization e reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991, p.17-35.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JUBRAN, C. C. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. de M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Publicações, Campinas: Unicamp, 1999, p. 131-158, Vol. VII.
- KNIES, C. B.; COSTA, I. B. *Manual do usuário do Banco de dados Lingüístico Varsul*. 1996.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 7ª ed., São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. *A inter – ação pela linguagem*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1995.
- KOEHLER, H. *Dicionário escolar latino – português*. 4ª ed., Porto Alegre: Globo, 1951.
- LABOV, W. *The social stratification of english in New York city*. Washington, Center of Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to B. Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 1978.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language society*, 7, Great Britan, 1978.
- LICHTENBERCK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991.
- LOBATO, L. M. P. (org.) *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MANDRYK, D.; FARACO, C. A. *Prática de redação para estudantes universitários*. 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-318.
- _____. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Publicações, Campinas: Unicamp, 1999, p.159-193, Vol. VII.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.45-75.
- MARTELOTTA, M. E. Marcadores discursivos e operadores argumentativos. In: VOTRE, S.; MARTELOTTA, M. E. (org.) *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998, p.64-93.
- MEILLET, A. L' évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912],1965, p.130-148.
- MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ, Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual review of anthropology*. University of California, 1984, p.97-117.
- PINTZUK, S. Varbrul Programs. Philadelphia: University of Pensylvania, mimeo, 1988.
- PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org) *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, p.21-59, Vol. VI.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 29ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ROSA, M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed., Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

_____. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, [1930], 1971.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, G. M. de O.; MACEDO, A. T. de. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p.11-49.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, UFSC, 1999.

TOLEDO, R. P. Sobre o chato e o não chato, na política. *Veja*, São Paulo: Abril, ano 33, nº 45, p.170, nov. 2000.

_____. Da América deles para Nuestra. *Veja*, São Paulo: Abril, ano 33, nº 49, p.190, dez. 2000.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues* Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Department of linguistics, Stanford University: Manchester, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. *Normas para apresentação de trabalhos*. Curitiba, 2000, vol.6: Referências.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistemas de bibliotecas. *Normas para apresentação de trabalhos*. Curitiba, 2000, vol. 7: Citações e notas de rodapé.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Instituto paranaense de desenvolvimento econômico e social. *Normas para apresentação de trabalhos*. Curitiba: 2000, vol. 8: Redação e editoração.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3ª ed., São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997, p.81-101.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation*. *Langues et Linguistique*. Québec: Université Laval, 1993, n°19.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistic*, [1977], 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions in historical linguistic*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ANEXO

A multifuncionalidade do **QUER DIZER**

Teste aplicado a alunos e professores universitários, bem como a professores de ensino médio e fundamental.

A *expressão quer dizer* parece estar assumindo diversas funções dentro do discurso oral, conforme o contexto em que se encontre. Observe a caracterização de cada função abaixo e, posteriormente, identifique a função do **quer dizer** em cada um dos exemplos apresentados.

- (1) 'desejar falar algo' – neste caso, o verbo 'querer' funciona como modal de intenção e 'dizer' como verbo principal. Apesar de integrados, os verbos mantêm uma certa autonomia semântica e 'dizer' pode ser entendido como objeto de 'querer'. O sujeito da oração é normalmente [+humano], [+intencional].
- (2) 'significar' – o **quer dizer** introduz uma espécie de sinônimo do que foi dito antes (funcionando como uma paráfrase lexical). Passa a ter um sujeito com menos características menos humanas e intencionais.
- (3) Retomador – o **quer dizer** reintroduz informações, retoma uma idéia para dar ênfase, parafraseando o que foi dito anteriormente.
- (4) Explicativo – o **quer dizer** acrescenta informações explicativas, normalmente relacionando causa/efeito, podendo ser substituído por 'porque' e 'pois'.
- (5) Conclusivo – o **quer dizer** geralmente é seguido de um comentário resumitivo/avaliativo e pode ser substituído por 'portanto' ou 'por isso'.
- (6) Esclarecedor – o **quer dizer** apenas acrescenta informações, sem relacionar causa/efeito, nem especificar, nem concluir, é uma função mais neutra em relação às demais.
- (7) Atenuador – o **quer dizer** modaliza o discurso, abrandando, diminuindo o grau de certeza da asserção.
- (8) Retificador de conteúdo – o **quer dizer** corrige a mensagem, o conteúdo propriamente dito.
- (9) Retificador de forma – o **quer dizer** corrige a forma, rediz a partir de outra estrutura.
- (10) Preenchedor de pausa – o **quer dizer** é usado para reorganizar o discurso; o falante mantém o turno, enquanto ganha tempo pensando sobre o que vai dizer ou colocando em ordem as informações para melhor redistribuí-las.

Leia os exemplos a seguir e identifique a função do **quer dizer** em cada um, a partir das definições dadas anteriormente:

- 1) Uma vez nós estávamos pegando carona com uns amigos, assim, **quer dizer**, eram amigos de uma amiga minha.
- 2) Me dava bem com as pessoas, **quer dizer**, eu era um guri simples, que gostava de todo mundo, não tinha raiva de ninguém.
- 3) Você tem que ter o seu estudo, porque na hora que o calo apertar, porque hoje nós estamos num país, o seguinte: você casa e descasa. Você está casando agora, daqui a pouco dá uma doida na cabeça do marido, ou dá uma doida na cabeça da mulher e lá foi um pra um lado, outro pro outro. Então quer dizer, pro homem tudo bem, que ele tem como se virar, está entendendo? Agora, quando chega no lado da mulher, aí é outra coisa. Agora, se ela tiver grau de estudo bom, tudo bem, ele foi embora, o que é que eu vou fazer, né? Se ele tinha que ir foi. Agora vou fazer a minha vida. Então, se vai pegar pensão do marido ou se não vai, mas ela já vai ter o ganho dela também, **quer dizer**, então não muda muita coisa na vida.
- (4) E também foi falha do piloto, no caso dele não **quer dizer** nada, isso está correndo o risco, todos eles estão sujeitos a falhar, todo mundo é humano, não é verdade?
- (5) ... eu tenho, por exemplo, eu tenho um calendário da Marlboro aí no quarto que é pra mim saber todas as datas das corridas desse ano. Então eu estou sempre por dentro, sei quando é que vai ter corrida, pra mim pegar e acompanhar. Mas isso a gente aprendeu a gostar com o tempo. Fórmula Um, eu comecei a assistir em setenta e quatro, quando o Emerson Fittipaldi corria na Fórmula Um. Então voltava pra casa, ligava a televisão, já sabia que tinha Fórmula Um, com idade que a gente tinha, né? pra pegar e acompanhar a Fórmula Um, pra ver o Emerson Fittipaldi correr. Então **quer dizer**, a gente aprendeu a gostar da Fórmula Um desde o tempo que o Brasil começou a se destacar na Fórmula Um, com o Emerson Fittipaldi.
- (6) A minha esposa fala mais do que eu com os familiares dela. Nós temos uma pequena divergência lingüística, **que dizer**, eu falo o italiano clássico, ela fala o dialeto.
- (7) Mas é como eu disse pra você, não adianta eles colocarem ônibus e ônibus. A população vai aumentando muito também, né? Então **quer dizer**, determinado conjunto abriu, ali dois três meses o ônibus passa vazio, mas já passou aqueles três meses, vem gente saindo pela janela.

3) E – E o teu pai assim, como é que ele tratava vocês?

F – O pai trata a gente bem, né? **quer dizer**, eu pelo menos ele trata bem, né? ... eu tenho um irmão que é mais velho que esse aí deu problema para o pai e a mãe, esse rapaz incomodou bastante, **quer dizer**, os irmãos tudo assim, até se casar eles incomodaram bastante assim, né?

9) Até faleceu o mais gordo, que quando na realidade, **quer dizer**, dizendo assim a gente **quer dizer** que não acredita, porque um pesou um quilo e meio e outro pesou quatrocentos e cinquenta gramas.

(10) E – Então **quer dizer** que dá pra tirar um bom dinheiro, dá pra viver bem da profissão de alfaiate?

F - Dá, dá pra viver bem, dá. Dá pra viver bem. **Quer dizer**, vê, dá pra viver folgado, agora pra ficar rico é difícil, difícil.

(11) Não tinha emprego, não tinha moradia, né? **quer dizer**, (pausa longa) é – não tinha é – instrução suficiente pra arrumar um trabalho.

(12) Nós conhecemos a Itália, de Roma pra cima, digamos assim, de uma maneira bastante – **quer dizer**, giramos em praticamente toda a Itália do Norte.

(13) Não **quer casar**. Não acha, **quer dizer**, não achou ainda o ideal.

(14) Então todo mundo diz que o médico é que ganha muito bem, né? (pausa) **Quer dizer** (pausa), tem. O médico pra ganhar bem tem que ter uns vinte anos formado.

(15) A FUCABEM só recolhe o menor quando ele já está perdido, **quer dizer** então aí não adianta mais recolher.

(16) Eu, por exemplo, fui convidado pelo diretor pra ser o cônsul aqui. **Quer dizer** que lá é por eleição, agora aqui pro interior é convite.